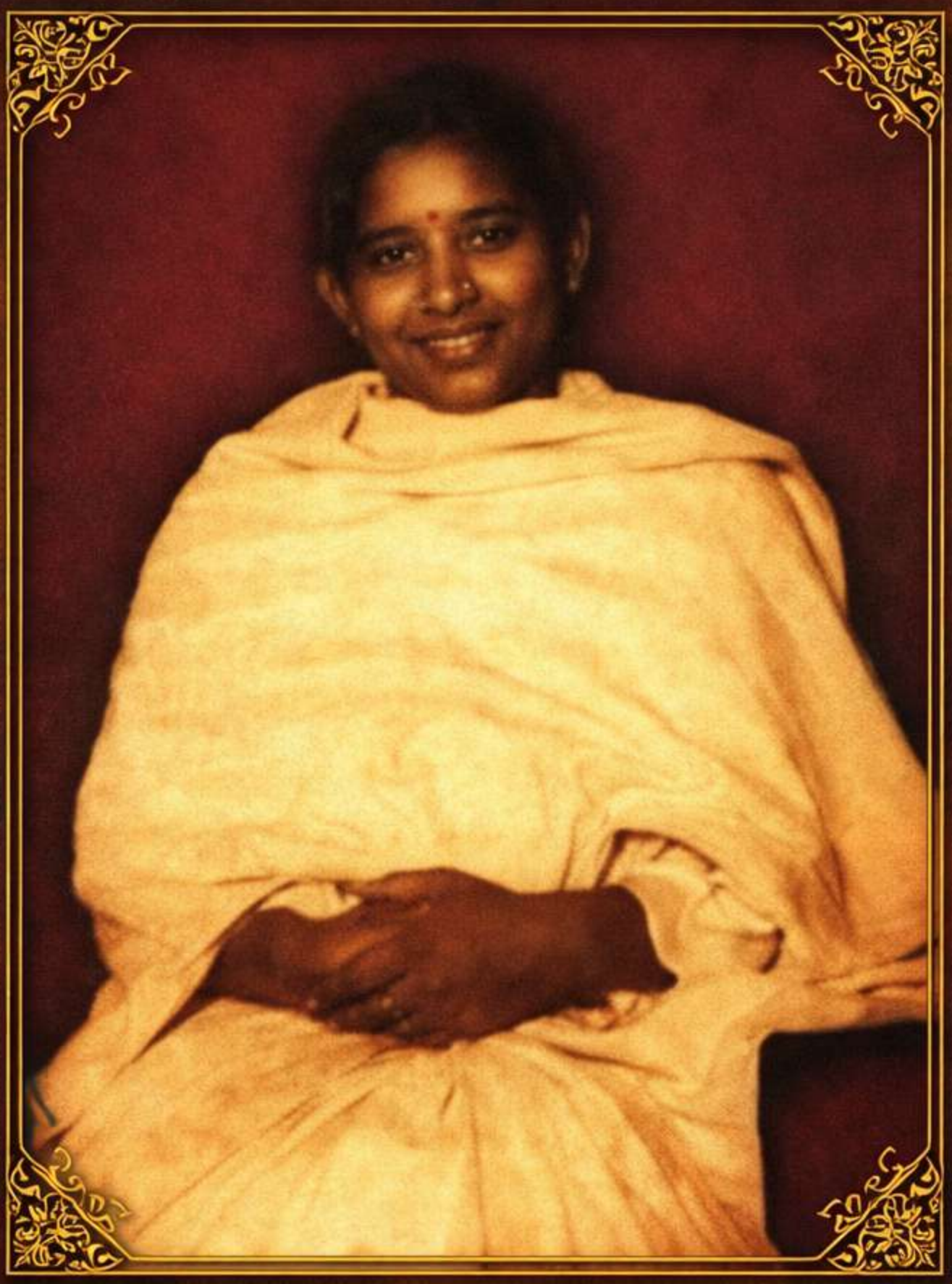
EU VIVI ANTES



STURE LONNERSTRAND

Tráducão: Amadeu António

JÁ VIVI ANTES

A Verdadeira história da reencarnação de Shanti Devi Por Sture Lonnerstrand Traduzido por Leslie Kippen, 1994

Índice

Introdução

Secção 1

- Tu não és a minha mamã verdadeira
- Uma esposa brâmane de Muttra
- Eu quero o meu sari vermelho
- Já fiz tudo isto antes
- Minha boneca, minha amada boneca
- Ela vai melhorar
- Comida proibida
- Ela está a viver outra vida
- Quem sou eu?
- O voo
- Alguém que escutou
- A zombaria dos amigos
- Lugdi Devi era a minha mulher
- Maitri Devi, a mãe santa
- Convenceste-me
- Uma visita
- A carta do Diretor
- A resposta de Kedar Nath
- Como está o meu filho?
- Uma revelação
- Shanti Devi encontra o seu amado
- Tu és a Lugdi Devi?
- Eu perdoo-te
- Foste-me infiel
- Mahatma Gandhi intervém
- A viagem para Muttra
- O encontro com Jeth
- A casa amarela
- Mais evidências
- Um lar
- As joias de Lugdi Devi
- O poço esquecido
- O esconderijo secreto
- Talvez nos voltemos a encontrar
- Uma menina com duas mães

- A casa de infância
- Uma criança, duas mães
- No templo
- Shanti Devi fala ao povo
- O meu primeiro encontro com Shanti Devi
- Uma proposta
- O que farei da minha vida?
- Visito Tara Chand Mathur
- Conheço Shanti Devi
- O encontro com Kedar Nath
- Ele envelheceu
- Tive de voltar à Terra
- O objetivo do homem
- Morremos gradualmente
- Lembro-me do meu funeral
- Todo o universo estava dentro de mim
- Reencarnei para sossegar os meus anseios
- O meu anseio trouxe-me de volta
- Há vida em tudo
- Experienciei o meu nascimento
- Tudo é um
- Trinta anos depois
- Ela é extremamente conhecida
- Kedar Nath morreu
- Shanti Devi ensina
- Ainda estou à espera
- O caso de Shanti Devi

Secção 2

- Reencarnação e karma
- A lei do karma
- As forças criativas da reencarnação
- A reencarnação na perspetiva histórica
- Os padres da igreja
- Judeus, Romanos e Celtas
- Citações da Bíblia
- Elias e João Batista
- Os monges da Idade Média
- O Papa tem o poder de mudar
- A verdade sobre a reencarnação
- Três alternativas
- Responsabilidade pessoal
- Medo da morte
- Suicídio
- A evidência única de Shanti Devi
- O nosso verdadeiro lar

- E, por fim
- As mesmas voltas da vida para todos

Esta é uma fotografia da rapariga indiana, Shanti Devi Mathur. Ela recorda a sua vida anterior em minucioso detalhe. Shanti Devi tem inclusivamente recordações distintas do tempo decorrido entre ambas as encarnações. Na sua vida anterior, o seu nome era Lugdi Devi Chanbey. Lugdi Devi nasceu a 18 de janeiro de 1902 na cidade de Mathura (Muttra), localizada aproximadamente a quinze milhas a sul de Deli. A 25 de setembro de 1925, nasceu o seu filho Naunita Lai. Vários dias depois, a 4 de outubro, Lugdi Devi morreu no hospital Lady Lyall, em Agra, devido a complicações após o parto.

Após um ano, dois meses e sete dias, a 11 de dezembro de 1926, ela reencarnou em Deli e recebeu o nome de Shanti Devi. Lugdi Devi / Shanti Devi é o caso de reencarnação mais bem documentado que a investigação moderna sobre a reencarnação conhece.

Introdução

Ao longo dos tempos, as pessoas têm-se perguntado se existe vida após a morte. Tanto na atualidade como em tempos remotos, os ensinamentos sobre a reencarnação são uma realidade viva para milhares de milhões de pessoas em todo o mundo e constituem o alicerce de duas das grandes religiões mundiais, o Hinduísmo e o Budismo.

Os ensinamentos sobre a reencarnação fizeram também parte da religião cristã durante vários séculos, mas foram finalmente proibidos no século VI, durante um concílio da igreja em Constantinopla. Hoje em dia, há muito poucas pessoas que conhecem este facto. A formulação é a seguinte, a qual foi acordada pelos membros da igreja e que proibiu a anterior crença cristã no renascimento ou reencarnação: “Todo aquele que apoiar a ideia mística da existência anterior da alma e a consequente série de eventos (karma ou a lei da causa e efeito) será amaldiçoado (anátema).”

De acordo com os ensinamentos da reencarnação, a vida continua em formas novas e constantemente mutáveis até que o objetivo final, que é uma união eterna com a Divindade, tenha sido alcançado.

Shanti Devi, sobre quem versa a maior parte deste livro (a parte 2 discute o karma e a reencarnação em termos mais gerais), recorda a sua última vida anterior em minucioso detalhe. Na sua encarnação anterior, nasceu na cidade de Mathura, no norte da Índia, e recebeu o nome de Lugdi Devi. Viveu uma vida feliz, mas morreu quando tinha apenas 23 anos devido a complicações resultantes do parto. Pouco mais de um ano depois, reencarnou em Deli como Shanti Devi. Este é o caso de reencarnação mais bem documentado que a investigação moderna sobre a reencarnação conhece. É também o mais discutido.

Mahatma Gandhi, o amado líder da Índia, interessou-se muito por Shanti Devi e tornou possível que um Comité de Inquérito imparcial verificasse as suas declarações. Eu próprio, em várias ocasiões durante longas conversas com Shanti Devi, pude experienciar a sua história invulgar. Além disso, falei com os seus familiares mais próximos e outros parentes das suas duas vidas e com membros do Comité, bem como com outros que possuem uma boa visão sobre esta história notável.

Sture Lonnerstrand

1

"Tu não és a minha mamã verdadeira"

"Mamã, onde está a imagem de Krishna?" A menina está sentada a olhar através das portas abertas para o telhado plano que serve de pátio. O ruído da Rua do Luar, Chandni Chauk, aumenta de tom na névoa pálida da manhã. A menina ouve os gritos dos vendedores lá em baixo. Ela escuta intensamente. Do telhado, entre cordas de estender a roupa, onde pedaços de tecido de cores vivas estão pendurados como bandeiras, ela consegue ver a cidade antiga com o seu aglomerado de casas pintadas de branco e verde. "Mamã, onde está a imagem de Krishna?"

Para Shanti Devi é como se existissem dois mundos, cada um de um lado de uma membrana transparente, um que é real e outro que é sombrio. Aqui está ela sentada, pequenina e delicada, envolta num grande xaile para não se constipar antes que o calor do dia se instale. Algures lá fora está a outra Mulher Real. Ao início, ela não sabia exatamente o que a Mulher Real fazia, mas agora sabe. Ela vê que ela está sentada junto ao seu poço e a polir os seus vasos de prata antes de o seu marido chegar a casa. Anteriormente, ela tinha tentado muitas vezes encontrar aquele poço quando ia ao pátio, mas ele não estava lá.

A Mulher Real é esguia e bonita. Veste um sari que brilha em vermelho e dourado. É tão frágil como uma boneca e tem um rosto triste, mas ao mesmo tempo feliz. Os seus olhos são grandes — grandes demais. Tem sobrancelhas finamente

desenhadas, uma boca cheia e, no meio da testa, a marca *bindu* (sagrada), que significa que é casada e, claro, muitas joias caras. Na testa, tem um adorno de pérolas que está preso sobre o cabelo. Usa brincos e tem uma pérola numa das narinas. Usa também um colar largo, uma pulseira e anéis. As suas pulseiras de tornozelo tilintam enquanto ela se move.

"O que queres, Shanti Devi? A mãe está no bazar." A voz da irmã atravessa todos os outros ruídos. A voz não lhe é familiar. Os olhos de Shanti Devi enchem-se de lágrimas. A sua irmã mais velha aproxima-se dela com ar amuado. "Por que estás a chorar? Ninguém te magoou." "Não estou a chorar."

Tudo é tão indiferente e sem sentido. Este mundo não é o Mundo Real, mas existe, no entanto. Ela não o consegue explicar. No início, tudo se misturava numa confusão impenetrável e era extremamente doloroso. Agora ela consegue ver com clareza distinta.

Uma esposa brâmane de Muttra

"Por que não falas como deve ser e não respondes quando as pessoas falam contigo?" "Era a imagem de Krishna", diz Shanti Devi. "Pensei que a tinha comigo." "Tu pensas demais."

A irmã está cansada da palra da pequena Shanti Devi e dos seus sonhos fantasiosos e selvagens. Começou logo após o seu 4.º aniversário. Antes, ela era silenciosa e pouco comunicativa, demasiado calada. Quase tiveram medo que estivesse doente. Ela não balbuciava como a maioria das crianças pequenas. Ultimamente, começara a expressar-se com clareza, mas de uma forma, de certo modo, antinatural.

"Sim, tínhamos uma imagem de Krishna que eu amo. Quando eu estava sentada no pátio e terminava de polir os vasos de prata, ia para o meu quarto de oração e rezava. Estava ansiosa, mas o meu marido..." "O teu marido, que conversa estúpida é essa?" Shanti Devi começa a chorar mais uma vez e a irmã arrepende-se do que disse. Senta-se ao lado da menina e tenta acariciá-la e consolá-la. "Conta-me tudo. Então tens um marido? És casada?" "Deixa-me em paz. O que queres dizer com isso? Quem és tu?" "Querida Shanti Devi, tu sabes muito bem que sou a tua irmã mais velha. Ainda não acordaste?" "Estou acordada. Estavas zangada comigo e eu não te reconheci. Os outros são sempre amigáveis comigo." "Eras casada, então. Vamos brincar que somos casadas." "Não é uma brincadeira." "Por que dizes isso? O que é que isso significa?"

Shanti Devi empertiga-se e uma expressão algo adulta e digna aparece no seu pequeno rosto. Afasta-se da irmã e observa-a desafiadoramente. Ela é orgulhosa. "Sou uma esposa brâmane de Muttra. Não vivo convosco. Esta não é a minha casa Real. Tu não és a minha irmã Real. Estas roupas que estou a usar não são as minhas roupas Reais. Tu não tens nada a ver comigo." "Querida Shanti Devi, não deves dizer isso. Tu não tens outra casa. Não tens outras roupas." "A minha casa é em Muttra." "O que é Muttra? Não pode haver algo chamado Muttra." "Sou casada lá."

“És pequena demais para ser casada.” “Não sou pequena, sou adulta. Estou à espera...” “Do que estás à espera?” “Estou à espera do nascimento de um bebé. É por isso que estou a rezar a Krishna, que me tiraste.”

A irmã inclina-se para a frente e solta uma gargalhada. “Nunca ouvi nada tão ridículo! Agora excedeste-te mesmo com a tua estupidez. A mamã tem de saber disto.”

Eu quero o meu sari vermelho

Shanti Devi senta-se imóvel e olha para a irmã. Sente-se ridicularizada e insultada. É verdade, ela é pequena, é apenas uma criança. Mas sabe muito mais do que uma criança porque sente os sentimentos de uma Mulher Real. Agora não quer falar mais sobre isso — é inútil. Os outros não compreenderiam.

Ouvem-se passos nas escadas. Prem Pyari, a mãe das crianças, chegou a casa com uma carga pesada de embrulhos. Ela é forte e robusta, mas o seu rosto é frágil e sensível. “Oh, está calor hoje. O verão está a caminho. Oh, estou com tanto calor.” A mais velha das duas raparigas corre para ela e lança-lhe os braços ao pescoço. “Mamã, mamã, a Shanti Devi está estranha outra vez. Voltou a pedir a imagem de Krishna. Diz que esta não é a sua casa verdadeira e que está grávida. Ela é doida!”

“Calma, calma, sossega”, diz Prem Pyari de forma tranquilizadora. “Finge que nada aconteceu. Deve haver algo de errado com ela, pobrezinha. Vai para a escola agora, mas promete-me uma coisa.” “Sim, mamã.” “Não te rias da Shanti Devi. Afinal, ela é tua irmã. Ela simplesmente não consegue evitá-lo. Algumas crianças são assim. Espero que compreendas. Acontece que, no caso dela, é mais forte e mais pronunciado.”

A mãe entra no quarto onde Shanti Devi está sentada, inclina-se e beija-a. “Como está a menina da mamã? A mamã vai dar-te uma coisa bonita se fores uma menina muito boa.” “Tu não és a minha mamã Real”, diz Shanti Devi resolutamente. “Não te pareces com ela.” “Agora diz-me que não sou a mãe verdadeira dela. Essa foi uma surpresa. Consegues adivinhar o que está neste embrulho?” “Não me importa o que está lá dentro. Quero a minha imagem de Krishna de volta. Esta não é a minha casa Real.” “Não compreendes que deixa a mamã tão triste quando dizes isso? Agora vamos abrir o embrulho para veres o que está lá dentro. Comprei um corte de tecido de boa qualidade no bazar para ti e para a tua irmã. Olha, é seda. Agora talvez possas ter o teu primeiro sari verdadeiro.”

Ela segura o tecido e Shanti Devi toca-lhe brevemente. “Eu costumo usar sari, mas este é de má qualidade. Não o quero.” “Já se ouviu tal criança? Uma criança de quatro anos a dar a sua opinião sobre a qualidade de uma peça de tecido. É seda de Benares.” “Enganaram-te. Alguns mercadores são tão pouco fiáveis.”

“Que tipo de criança é esta? O que sabes tu sobre tecidos, tu que és tão pequena?” “Não sou nada pequena. O meu marido sabe muito mais do que eu. Ele compra e vende tecidos e muitos outros artigos. Se me der o meu próprio sari, verá que é de muito melhor qualidade.” A sua irmã solta uma risadinha à porta. A mãe

lança-lhe um olhar severo. “Eu quero o meu sari vermelho e as minhas joias. Deixem-me ter o meu *chand*, os meus anéis, as minhas pulseiras e as minhas *chureys*. Vocês levaram as minhas *chureys*.” “*Chureys*, o que queres dizer com isso? O mais correto seria eu contar tudo ao teu pai.”

Já fiz tudo isto antes

Shanti Devi ergue o olhar para o rosto da mãe. As suas feições familiares são em parte como deveriam ser, mas, ainda assim, tão diferentes e estranhas. O mesmo acontece com tudo o resto. O Mundo Real — por que tem de desaparecer como se tivesse estado apenas nos seus pensamentos? Ela perdeu tudo o que lhe pertence. Shanti Devi cobre o rosto com as mãos. O seu pequeno corpo estremece com soluços. “Quero ir para casa. Por favor, deixem-me voltar para a minha casa.”

“Mas, pequena Shanti Devi,” diz a mãe carinhosamente, “tu estás em casa. Para onde queres ir?” “Quero viajar para Muttra. Eu vivo lá.” “Minha querida criança, isso deve ser algo que sonhaste. Talvez exista uma cidade chamada Muttra, mas como poderias tu saber? Não sou eu a tua mãe? Não é esta a tua casa?” “Não é a minha casa Real. Essa é apenas em Muttra.” “Mas esta é a tua casa, de qualquer forma.” “Sim,” amua Shanti Devi de modo resignado, “suponho que esta seja a minha casa. Tu és a minha mamã, em todo o caso.” “Fico contente por ouvir isso. Podes ir agora para o telhado brincar. Depois, talvez a mamã venha contar-te a história de Rama, o herói que conquistou os inimigos da Índia, e de Sita, a quem ele amava.” “Talvez venha mais alguém também,” sussurra Shanti Devi. “Estás a falar tão baixo que não consigo ouvir o que dizes.” “Pode ser que venha mais alguém, o meu *Jeth*, mas não direi mais nada.” “Quem é esse? O que queres dizer?” “Não te posso dizer. Não acreditarias em mim de qualquer maneira. Já fiz tudo isto antes.” “Pequena Shanti Devi, já fizeste tudo isto antes. Eu compreendo. Se eu te disser que te levaremos a Muttra mais tarde, quando fores um pouco mais velha, prometes-me que serás boa e obediente e que não falarás sobre tudo isto desnecessariamente, para que a mamã não fique triste? Podes prometer-me isso?” “Sim, vou tentar. Se me prometeres outra coisa. Gostaria que me desses uma imagem de Krishna, para que eu possa rezar. Gostaria de uma imagem como a que eu tinha antes...” “Antes?” “Antes de acontecer aquilo que é tão difícil de compreender. Não, não posso falar sobre isso. Não sei bem. Foi antes... Eu tive tanto medo e pedi ajuda. Depois, tudo ficou escuro.”

Minha boneca, minha amada boneca

A menina está sentada num banco no telhado. Atrás das portas, a mãe está ocupada com as tarefas domésticas. Está calor. De vez em quando, Prem Pyari espreita com certa preocupação, mas Shanti Devi brinca calmamente com as suas bonecas e jogos de cartas — cartas redondas com imagens coloridas e graciosas, por vezes grotescas. Shanti Devi está quieta e contida. Por fora, não é diferente de outras crianças pequenas. Mas, por dentro, sente um anseio que não pode ser descrito. É um sentimento forte e difícil de compreender. Algures fora deste canto limitado do mundo que ela não pode abandonar, existe um Mundo Real, uma Vida Real.

Ela ouve distintamente a voz de um homem, claramente acima do murmúrio da rua. “Boneca, onde está a minha amada boneca? Vem — minha amada boneca! Esta é a nossa casa, a nossa casa nova. Gostas dela?” Não é a primeira vez. Ela já o ouviu muitas vezes antes. Reconhece-o tão bem. A voz regressa sempre e a Mulher Real, no sari vermelho com fios de ouro intricadamente tecidos, fala com o marido. A própria Shanti não sabe o que significa recordar. Tudo se torna tão vivo e intenso, por vezes tão incrivelmente doloroso. No início, ela não percebia que era ela própria a Mulher Real.

“Querida boneca! Lugdi Devi! Vou mostrar-te a casa. Vamos entrar. És tão tímida como uma criança pequena. Este é o teu novo lar,” diz a voz do homem. “Por que me deram os meus pais tal nome? Não sou nenhuma boneca, nem uma criança. Sou adulta, sou a tua mulher.” Lugdi Devi significa “boneca celestial”. Esse é o nome da Mulher Real, aquele pelo qual era conhecida. Agora ela ouve também o nome do marido. Ela vê a casa grande e bonita que é o lar deles. É de um amarelo brilhante sob o sol. É uma casa elegante, o que seria de esperar de um *Chaubey* na rua dos *Chaubey* em Muttra. No meio do dia ensolarado, numa multidão caleidoscópica de imagens e ruídos, avista-se a cidade bem conhecida com os seus mil pináculos. É a cidade de Krishna. Ali a rua é azul.

Entre todas estas casas que ela viu tantas vezes, pode agora ser vista a viajar para Jumna, o rio sagrado, para o tanque junto ao templo e banhos. Ali está a torre do relógio com os grandes portões. Ela consegue vê-la ao longe. Viaja por baixo dela numa *tonga*, uma pequena carruagem puxada por cavalos. Ela está realmente feliz. Está grávida e agora esteve no grande templo de Dvarkadish e fez um sacrifício de flores, frutos e pastéis. “Por favor, sê gracioso para com a tua humilde serva, Lugdi Devi! Permite-me dar à luz um filho, Dvarkadish!”

Ela vai melhorar

Rang Bahadur Mathur, o pai de Shanti Devi, acabou de chegar do escritório. Está cansado após um dia de trabalho árduo. Tem uma pequena agência com um par de empregados e trabalha arduamente para conseguir ganhar a vida modestamente com isso. “Como está a Shanti Devi?”, pergunta ele. Prem Pyari a princípio não quisera preocupar o marido, mas quando ele perguntou, ela teve de lhe contar. “Quando ela fica excitada, a voz dela muda,” diz Prem Pyari. “Ela fala como se tivesse vindo de outro lugar.” Rand Bahadur reflete: “Muttra,” diz ele, “é Mathura. As pessoas em Mathura dizem sempre Muttra quando falam da sua cidade.

Como pode a nossa menina saber isso? Aqui nesta casa não há ninguém que lhe tenha falado sobre Mathura ou Muttra.” “Ela não se encontra com mais ninguém a não ser connosco,” diz Prem Pyari. “Nem sequer desceu à rua. Pediu uma imagem de Krishna. Mathura é o local de nascimento de Krishna.” “A menina não proferiu uma palavra até há bem pouco tempo. Preocupámo-nos com a hipótese de ser muda, mas depois começou a falar corretamente há várias semanas. Frases longas. Mas falava um dialeto estranho.

Quem poderia ter-lhe ensinado?" "Uma criança pode fantasiar e inventar um pouco de tudo," diz Prem Pyari compreensivamente, "mas isso deve vir de algum lado. O que ela diz tem de ter uma explicação." "Shanti Devi não pode ter ideia de como as crianças vêm ao mundo. Falámos de tais coisas na presença dela? De onde lhe vem a ideia de que está grávida?" "Ela provavelmente vai melhorar se a deixarmos em paz."

Comida proibida

Entra agora o criado, que é também o cozinheiro, e diz que a refeição da noite está servida. A mãe vai buscar a pequena Shanti Devi, que está lá fora no telhado, e a irmã mais velha entra também. A família senta-se nas almofadas no chão para comer. O pai dá um beijo a Shanti Devi. Ela inclina a cabeça com as pequenas tranças escuras e encosta-a ao joelho dele. "Ela é doce e bem comportada," murmura Rang Bahadur. "Por que dizem as pessoas sempre que há algo de errado com ela? Poderá ser uma grande escritora quando crescer."

Todos se riem, exceto Shanti Devi, que não mexe um músculo. A família serve-se do frango tenro. As taças são enchidas com arroz, mas quando chega a vez de Shanti, ela levanta ambas as mãos em desafio. "Não, eu não quero comida como esta," diz ela. "Não gostas de frango?", diz o pai com bonomia. "Está fresquíssimo e sabe maravilhosamente. Derrete-se na boca. Por favor, come um pouco de frango e arroz." "Posso comer o arroz, mas quero comida *sátvica*." "O que é que ela está a dizer?", exclama a mãe, embaraçada. "Não tens vergonha, criança?" "Ela quer comida *sátvica*," repete o pai. "*Sátvica*. Onde aprendeste essa palavra?" "É uma palavra que usamos em Muttra.

Nós não comemos carne. Não é correto matar animais e é um crime terrível comê-los. As pessoas comem carne de qualquer maneira, mas nós não o fazemos," diz a menina. "Quem somos nós?" "Em Muttra não comemos carne. Eu pessoalmente certifico-me de que ao meu marido é servida comida *sátvica* e os criados não podem tocar no que ele come. Quando ele chega a casa da sua loja junto ao templo de Dvarkadish, tudo está pronto a ser servido. Eu provo a comida primeiro e sirvo-o eu própria. Ele gosta que seja assim."

O rosto de Prem Pyari está vermelho como uma beterraba. Rang Bahadur permanece sentado, quieto e pensativo. A irmã olha horrorizada para Shanti Devi. O que acaba de acontecer é um insulto sério ao dono da casa. Shanti Devi parece ter perdido todo o respeito pelos pais. "Nós comemos a nossa comida à nossa maneira, tu comes a tua, à tua maneira. Nós temos as nossas roupas, tu tens as tuas. Eu quero as minhas roupas e as minhas *chureys*." "Sai da mesa," diz Prem Pyari. "Vais ter de ir para a cama com fome. Não te quero ver aqui." "Não, não," diz Rang Bahadur violentamente. "Deixa-a em paz. Ela não sabe o que diz e, no entanto, de certa forma, está correta. Não precisas de estar aqui a comer connosco se não quiseres. Gostarias de fruta?" "Obrigada," diz Shanti Devi. "Eu posso preparar a minha comida sozinha." "Nós permitiremos que prepares a tua própria comida. Vai agora, minha menina, ninguém está aborrecido contigo."

Ela está a viver outra vida

"*Chureys*," murmura Rang Bahadur. "Onde já ouvi essa expressão antes? *Chand*, isso é um adorno ou uma peça de joalharia usada na testa, mas a palavra *chureys* não é hindi correto. Deus, o que faremos com esta criança? Não a podemos proibir de falar!" "Pergunto-me por que razão o nosso karma é tão mau para nos ter sido dada uma filha com perturbações mentais," diz Prem Pyari tristemente. "Temos de fazer o que ela pede e dar-lhe um pequeno altar com a imagem de Krishna. Quando eu vivia com os meus pais, rezávamos todos os dias.

As orações ajudam sempre." "Perturbações mentais, orações, karma," diz Rang Bahadur impaciente. "Ela é sábia demais, essa menina. Devíamos pedir conselho a um médico, mas pergunto-me se até um médico acreditaria em nós." "Ela está a viver outra vida," diz a mãe. O criado entra e levanta a mesa. "Outra vida," repete Rang Bahadur. "Sabes o que estás a dizer, Prem Pyari? Falaste abertamente sobre algo de que eu tenho tido medo em segredo há muito tempo. Não, Shanti Devi não deve falar mais sem pensar. Ela tem de ser silenciada.

Poderia estar em grande perigo." "Não compreendo," diz Prem Pyari ansiosamente. "Fizemos algo de errado?" "Como se sabe o que é certo ou errado? Se for verdade que a menina se lembra da sua vida anterior, então está condenada à infelicidade, pois é isso que está escrito nas antigas escrituras. Ninguém sabe tais coisas. Esta é a maior infelicidade que nos poderia ter acontecido. Seremos punidos, e como poderemos proteger a nossa filha? O que fizemos nós, minha querida esposa? O que fizemos nós?"

Quem sou eu?

Naquela parte da capital indiana onde Shanti Devi vive, o sobrepovoamento é extremo. Porta contra porta, escadas apertadas de todos os lados. Onde as ruas são mais estreitas está sempre escuro, mas aqui e ali a luz do dia consegue filtrar-se com um fino raio de sol, afiado e branco como uma lança. Há um pequeno templo mais à frente. Ouve-se um cântico entre as paredes das casas. À luz segue-se o som ténue e ressonante da batida de um tambor. A luz encontra o seu caminho para as ruas mais largas onde o bazar está localizado. Odores doces e pungentes penetram o ar. O som do ranger das carroças mistura-se com os gritos dos vendedores e, à distância, ouve-se a buzina de um automóvel.

Uma menina num belo sari amarelo vem a caminhar. Ela abranda quando ouve o cântico e fica parada junto a uma escadaria. Não muito longe do bazar, encontra-se uma casa grande e bem cuidada. Um criado está a varrer o caminho em frente à casa. Dois rapazes pequenos saem pela porta, vestidos apuradamente com casacos de estilo ocidental. Avistam Shanti Devi e correm para ela. Ela desenha algo nos degraus de pedra com um pedaço de giz que tirou da sua mala.

“O que é isso?”, pergunta Prabhash. “Shanti Devi, o que estás a fazer?” “Não vês que ela está a desenhar,” diz Subhash. “Ela está a desenhar o templo.” Prabhash e Subhash são gémeos, os filhos mais novos do distinto e rico advogado, Tara Chand Mathur. Tara Chand Mathur vive perto de Rang Bahadur Mathur e da sua família. Tara Chand Mathur e Rang Bahadur Mathur pertencem à mesma casta.

Tara Chand Mathur é um cavalheiro estimado e poderoso que convive nos círculos sociais mais finos de Nova Deli. Na velha Deli, não há ninguém que viva melhor, se vista com mais elegância ou que coma comida mais deliciosa do que a família de Tara Chand Mathur. Tara Chand Mathur defende pessoas no mais alto tribunal. É conhecido pelo seu destemor. Diz o que pensa a todos e a cada um.

Talvez seja uma grande honra para Shanti Devi poder brincar com Prabhash e Subhash, mas ela não compreende isso. “O desenho não é fiel à realidade, Shanti Devi,” diz Prabhash. “É grande demais. O nosso templo não é assim.” Prabhash aponta e gesticula, mas Shanti Devi continua indiferente e preenche detalhe após detalhe. O templo torna-se demasiado grande, com uma torre de relógio e pináculos e um portão que cresce e cresce.

O voo

“Aquele não é o nosso templo,” diz Subhash. “Onde fica esse templo?” “É o templo Real,” explica Shanti Devi. “Vocês nunca o viram, mas eu vou lá muitas vezes. A escadaria é tão imponente como aqui no meu desenho.” Os rapazes olham-se com estranheza. “Ela imagina tantas coisas,” protesta Prabhash. “Esse templo não existe.” “Sim, existe,” diz Shanti Devi. “Vou lá todos os dias quando estou em casa. É o templo de Dvarkadish em Muttra.” “Agora ela está a falar de Muttra outra vez,” ri-se Prabhash. “Dvarka, Dvarka...” Ele não consegue pronunciar a palavra difícil.

O verdureiro chama com voz rouca da sua carroça de cavalos periclitante, que está sobrecarregada com peras, maçãs, grãos e milho, melaço e xarope em garrafas de vidro. “Existe uma cidade chamada Muttra?”, pergunta Shanti Devi. “Sim, existe tal cidade,” resmunga ele. “Toda a gente sabe disso.” “Fica longe?”, pergunta Shanti Devi. O verdureiro coça o queixo. “Cerca de um dia de viagem, ou talvez dois. Depende se se viaja de carruagem ou a pé...” “Eu quero ir para lá,” diz Shanti Devi decididamente. “Por favor, mostre-me o caminho.” O verdureiro sorri amavelmente para o rosto irresistível da menina. Pega numa maçã e dá-lha. “Aqui tens algo para comeres pelo caminho,” diz ele. “Podes seguir sempre em frente, apenas sempre em frente.”

Ele segue o seu caminho na carroça. Shanti Devi vê-lo desaparecer na distância. Depois, pega na sua mala e começa a caminhar lentamente. Prabhash e Subhash seguem-na. “Vem connosco para dentro,” dizem eles, “para podermos brincar no nosso grande pátio. Lá podes desenhar um templo novo. Certamente não podes ir para Muttra sozinha?” “Oh, sim, posso,” diz Shanti Devi obstinadamente. “Nada me pode impedir. Se eu conseguir chegar lá, então sei que serei capaz de encontrar o caminho para casa.”

Os gémeos seguem-na durante um bocado, mas depressa voltam para trás. Shanti Devi continua sozinha. Era suposto ser sempre em frente, mas a rua começa a curvar. Um padeiro está sentado numa esquina. “Quero ir para Muttra,” diz Shanti Devi. “Qual é o caminho para Muttra?” “O que vais fazer para lá?”, pergunta o padeiro. “Sou casada lá. O meu marido está à minha espera.” O padeiro solta uma gargalhada, mas ao ver que Shanti Devi está ofendida, muda de expressão. “Oh, és casada lá? Felizmente casada, espero?” “Sou muito feliz no casamento. O meu marido é um homem de negócios e tem uma grande loja perto do templo. Ele não é padeiro...”

Alguém para junto à pequena banca aberta do padeiro e escuta o que Shanti Devi está a dizer. Outros vêm do mercador de seda em frente ao padeiro. Ainda mais vêm do mercador de turbantes e do mercador de faixas. Um riquixá imobiliza-se. Há uma multidão de pessoas. Alguns fazem perguntas. Shanti Devi responde hesitante. Então as pessoas começam a rir, não com maldade, mas mais como quem se ri de uma criança. O rosto de Shanti Devi fica banhado em lágrimas. Ela tem de fugir dali. Corre o mais depressa que as pernas permitem por entre os bazares onde os tecidos sussurram, os vasos tilintam e as moedas chocalham nos balcões. Nunca mais dirá nada aos adultos — nem mesmo às crianças.

“Não é a pequena Shanti Devi? Onde vais?” Diante dela ergue-se uma figura grande e imponente num fato escuro. É Tara Chand Mathur, o advogado. Ele é tão alto que ela tem de inclinar o pescoço muito para trás para conseguir encarar o seu olhar amigável e divertido. No entanto, a amabilidade de Tara Chand Mathur não é falsa; ela já se sentou ao colo dele. São vizinhos e amigos. Ela junta as mãos sobre o peito num gesto de saudação e faz uma vénia.

“Namash te, Tara Chand Mathur.” “Namash te, pequena Shanti Devi,” diz o advogado. “O que estás aqui a fazer?” “Nada.” “Vá lá. Eu sei que confias em mim, Shanti Devi.” “Estou a caminho de casa, Tara Chand Mathur.” “Casa? Mas estás a ir na direção errada. Vem comigo para podermos conversar enquanto caminhamos. Por favor, dá-me a mão. Estiveste a chorar?” “Não!” Tara Chand Mathur acaricia-lhe a bochecha. Ela tem a sua mão pequena no aperto grande e seguro dele. Sente-se calma e segura. Agora já ninguém se atreve a rir dela.

Alguém que escutou

“Foste tu que quiseste ter uma imagem de Krishna. Já a recebeste?” “Sim, obrigada. Já a tenho e isso deixa-me tão feliz. Às vezes rezo-lhe e ele responde-me.” “Ele responde-te? Tens a certeza absoluta?” “Acredito que sim. Em Muttra, a cidade onde vivo, existe o templo de Dvarkadish e eu vou lá todos os dias. Também tomo banho no rio.” “Não, Shanti Devi. Tu vives aqui em Deli. Isto não é Muttra.” “Não, isto não é Muttra. É por isso que quero ir para casa, mas não há ninguém que me saiba mostrar como lá chegar. Não seria... Tara Chand Mathur suficientemente amável para me mostrar?”

O advogado fica comovido pela menina de tranças que segura uma mala e tem um rosto tão sério. Ele olha para ela. “Fizeste as malas para a viagem. O que levas

contigo?" "As minhas joias e gizes de cera, um xaile e algumas coisas pequenas. Em casa tenho tudo o que preciso. As minhas *chureys* — elas devem estar em casa também. Deram-me umas novas antes de eu... antes de eu ficar doente." "As tuas *chureys*? Essa expressão não é usada aqui em Deli. Significa pulseiras de tornozelo." "Eu usava-as quando dançava, mas quando as minhas pernas começaram a doer, não consegui dançar mais. O meu marido gostava de me ver dançar. Quando éramos recém-casados, eu dançava muitas vezes." "O teu marido? Tu és casada?" "Sim, sou casada em Muttra."

O advogado para de repente e estuda o rosto suave mas determinado de Shanti Devi. Isto é inacreditável. Esta criança consegue responder de tal forma que se tem a sensação de ter descoberto um caminho em direção à verdade. "O que estará realmente a passar-se naquela cabecinha?", questiona-se ele. "Tara Chand Mathur acredita em mim? Tara Chand Mathur acredita em criminosos em quem mais ninguém acredita. Eu estou apenas a viver aqui temporariamente. Estou de visita. O meu nome não é Shanti Devi. O meu nome é Lugdi Devi."

"Qual é o nome do teu marido, então?" A menina esconde o rosto numa dobra do seu sari. "Não lhe posso dizer isso. O meu marido não gostaria que eu falasse sobre ele com estranhos." "O teu marido não gostaria... Tu és realmente admirável, pequena Shanti Devi." "Tara Chand Mathur acredita em mim? O meu marido é um homem de negócios muito respeitado. Ele é extremamente rico.

É dono de várias casas e ama-me." "Se me disseres qual é o nome do teu marido, talvez eu possa acreditar na tua história. Não somos estranhos, tu e eu, Shanti Devi. Também deverias dar-me a morada da casa onde vives em Muttra." "Então tenho de perguntar ao meu marido primeiro. Não lhe posso dizer a morada sem ter a certeza de que estou autorizada a fazê-lo." "Como poderás perguntar-lhe sem primeiro ires a Muttra? Tu sabes a morada?" "Sim."

Caminham calmamente juntos em direção à casa de Rang Bahadur. Um pouco mais à frente vive Tara Chand Mathur. A menina olha de vez em quando de forma perspicaz para o advogado, como se esperasse por uma resposta. "Agora deves entrar para junto dos teus entes queridos," diz Tara Chand Mathur. "Talvez possamos organizar as coisas de modo a que possas viajar até Muttra e conhecer o teu marido. Não vais começar a escola em breve? Que idade tens?" "Seis anos. Começo a escola no próximo ano." "O teu marido certamente apreciaria que fosses capaz de ler, escrever e calcular quando chegares. Afinal, ele é um homem de negócios. Entra agora. Talvez te consigamos ajudar."

Tara Chand Mathur entra na sua casa, mas volta-se à porta. O rosto de Shanti Devi brilha para ele. Ele sente-se quase envergonhado. Quando está lá dentro, arrepende-se imediatamente do que disse. Foi apenas para se livrar daquela criança persistente. Ela esquecerá tudo quando for um pouco mais velha, convence-se ele. No entanto, não consegue libertar-se dos pensamentos sobre a rapariga. Quando tenta concentrar-se no relatório das atas de um julgamento importante, vê Shanti Devi a olhar para ele página após página. O que pode ele fazer num caso destes?

Mod Mathi, a sua esposa, aparece à porta. É hora de jantar. “Começas a trabalhar assim que chegas a casa,” diz ela. “Pareces preocupado. Foste escolhido para defender os líderes nacionalistas?” “Sim, naturalmente,” diz Tara Chand Mathur, “mas isso não me preocupa. Só me pergunto se um advogado pode encarregar-se de defender uma menina que acredita ser reencarnada.”

A zombaria dos amigos

A Escola Ramjas é uma escola de excelente reputação, onde se pode aprender inglês após completar a escola primária. Os pais de Shanti Devi estão ansiosos por lhe dar a melhor educação possível disponível. O lugar de uma mulher indiana é no lar, mesmo nos dias de hoje, mas o talento de Shanti Devi deverá fazer dela um bom partido. É um dia quente de setembro e o sol está alto no céu. Neste dia em particular, as crianças terminam a escola um pouco mais cedo do que o habitual. “Olhem! Shanti Devi! Ali vai a Shanti Devi! A Senhora Shanti Devi!”

Ela nem sequer vira a cabeça, mas apressa-se para a rua. “Senhora Shanti Devi! Espera um pouco; podemos falar com a Senhora casada?” As vozes são de raparigas que ela reconhece — as suas colegas de turma. Elas não podem ter a intenção de ser tão más, convence-se ela. A esta hora, o seu pai deveria estar aqui num riquixá, como costuma fazer, mas ela não o vê em lado nenhum. Ele deve ter-se atrasado. Ele é sempre amável o suficiente para a ir buscar depois da escola. Talvez ele tenha medo que algo lhe aconteça.

“Sabem, ela não está lá muito bem da cabeça. Já ouviram? Ela acredita que é casada. Vamos lá, meninas, vamos falar com a Shanti Devi.” O burburinho de vozes atrás de Shanti Devi aumenta de tom. Por que não vem o pai buscá-la? “Só queremos saber como se sente a Senhora Devi.” É a voz de um rapaz e ela fica seriamente alarmada. Uma mão estende-se em direção à sua pasta. Ela puxa-a de volta, mas não com força suficiente para a danificar. Três raparigas e dois rapazes cercam-na. “Não é o teu marido que costuma vir buscar-te, Shanti Devi?

Afinal de contas, és casada, não és?” “Que vergonha, Shanti Devi. Uma boa dona de casa não deixa o marido à espera,” grita-lhe uma das outras companheiras de escola. Ela não quer começar a chorar e deixá-los triunfar. “Por que me estão a fazer isto?”, diz ela calmamente. “Não vos fiz nada para vos magoar.” “Não nos queres contar como é ser casada? Tens filhos?” “Por favor, sejam atenciosos. Tenho uma longa viagem até casa,” implora Shanti Devi. “Deixem-me ir. Cuidado com a minha pasta.” “Não vamos deixar que ela vá para casa,” diz o rapaz que usa gravata. “Vamos segurá-la até que nos conte tudo. Ouviste isso, Shanti Devi?” “Eu sou casada,” diz Shanti Devi enquanto luta para conter as lágrimas. “É verdade.

Vocês não compreendem. Eu sou outra mulher.” As raparigas riem-se histericamente e o rapaz de gravata afasta-as com um aceno de mão autoritário. “Ela é outra pessoa. Ouviram todos? Isto é extremamente interessante e importante. Quem és tu, então?” “Não vos posso dizer isso.” “Se não nos disseres qual é o teu nome e onde vives, vamos manter-te aqui até escurecer.” “Puxem-lhe o cabelo,”

grita uma das raparigas. “Rmolem-na na relva. Confessa! Estás a mentir?” “Não, não estou a mentir. Deixem-me em paz.”

O mundo frágil de Shanti Devi foi afrontado. Ela tinha sido descuidada e contara às raparigas a sua história um par de vezes quando se conheceram, e elas não a esqueceram. Agora querem exibir-se à frente dos rapazes mais velhos. No mesmo instante, um homem vestido com o traje nacional aproxima-se deles. As crianças afastam-se. É o diretor da escola de Shanti Devi, Bishan Chand. “O que estão a fazer? Por que são todos tão desagradáveis com uma menina tão pequena? Vocês, rapazes, que são mais velhos, deviam ter mais juízo.” “A culpa não é dos rapazes,” diz uma das raparigas de forma insinuante. “Ela está a mentir, senhor. Diz que é casada e extremamente rica e que o seu marido é um Brâmane. Estávamos apenas a tentar ensiná-la a dizer a verdade, senhor.” O rapaz de gravata faz uma vénia profunda. “Ela é que começou.

Não queria estar connosco porque o marido dela é tão esplêndido.” “Que disparates dizes,” exclama o mestre-escola. “Vão para casa. E tu, Shanti Devi, o que é que inventaste?” A voz do professor é impaciente, mas tem um tom de fundo caloroso. Shanti Devi soluça de tal forma que mal consegue proferir uma palavra. “Eu não... eu não...” “Vá lá, acalma-te, minha querida. O que aconteceu?” “Eles queriam que eu confessasse que estou a mentir, mas eu sou mesmo casada com um homem de negócios que vive em Muttra. Muttra é a minha casa Real.”

O professor olha fixamente para ela. Não se pode ser muito duro com uma pequena menina assim, mas há limites. “A coisa mais valiosa de todas é a verdade,” diz ele. “Já ouviste falar de *Sat-Chit-Ananda*: verdade, espírito e felicidade? Sem verdade não há espírito. Sem espírito não há felicidade. A verdade é o alicerce da vida. Pensa nisso enquanto caminhas para casa e não me deixes ouvir mais conversa sobre isto. As crianças devem brincar, mas isto não é brincadeira de crianças.” “Sou uma mulher adulta,” explica Shanti Devi num repente de desafio. “Então teremos de ir ao fundo desta história. Tenho de falar com o teu pai. Não, espera um pouco... não era minha intenção assustar-te. Não fujas.”

Ela já não procura pelo pai. Limita-se a correr, a correr. A voz do professor persegue-a. Ouve as risadinhas das raparigas. As pessoas olham fixamente para ela. Ela vislumbra-as como se fossem sombras. Tem de fugir daqui — para longe. Quer escapar de todos os que não conseguem compreender.

Lugdi Devi era a minha mulher

“Lugdi Devi, não precisas de ter medo. Em breve estarás bem outra vez. Estás a receber os melhores cuidados possíveis que os médicos te podem dar no hospital. Minha amada boneca... Em breve estarás de volta à tua bela casa. Bonequinha, vais deixar-me apenas por pouco tempo. Lugdi Devi...” Ela ouve a voz familiar no seu interior. É como se estivesse a ser esfaqueada com uma faca afiada. A dor é insuportável. “Gostaria que o meu filho se chamasse Naunita, aquele que é iluminado pela sabedoria.”

O templo bem conhecido ergue-se acima dela. Deve ser o templo Real. Se ela conseguisse apenas alcançá-lo, certamente seria resgatada. Então ninguém a poderia magoar, mas ela não tem forças suficientes; está tão cansada... “Krishna,” sussurra ela, “por favor, ajuda-me.” Ela experiencia a fachada a subir para o alto, brilhando em amarelo e laranja. Ali está a poderosa porta de bronze. “Oh, Dvarkadish!” Não, não é aqui. Não é uma porta que ela reconheça. Não é o mesmo templo. É inútil procurar por algo que não existe.

“Quem és tu, criança, que estás aqui deitada nos degraus do templo a chorar?” É uma voz desconhecida, mas tem uma suavidade que ela, até agora, nunca tinha ouvido. Uma mão acaricia-lhe o cabelo com apenas um toque leve. Ela experiencia um sentimento de grande ternura e calor. Olha para cima, para o rosto sorridente da mulher. “Quem és tu?”, perguntou a mulher. “Não sei,” sussurra Shanti Devi.

Maitri Devi, a mãe santa

Uma mulher desconhecida está inclinada sobre ela. Está totalmente vestida de laranja. A mulher senta-se ao lado de Shanti Devi nos degraus e puxa-a para mais perto de si. Shanti Devi fica calma e feliz. “Tenho de lhe contar,” diz ela. “O meu nome é Shanti Devi, mas ao mesmo tempo sei que sou também outra mulher cujo nome é Lugdi Devi. Sou uma criança, mas sou uma mulher real também. Sou adulta. Nasci aqui em Deli, mas também nasci numa cidade chamada Muttra. Sou casada lá, sei o nome do meu marido e também sei a morada onde vivemos. No início estava confusa e não compreendia bem que era eu própria. Depois tudo se tornou mais e mais claro, estou a descobrir cada vez mais.”

“Eu compreendo,” diz a mulher. “É muito difícil. Estás a sofrer com isso?” “Não, não sei. Eu não estou... doente.” “Não deves impedir as tuas recordações de aparecerem, nem te deves forçar a lembrar. Deixa apenas que as tuas recordações continuem. Não há mal nisso. Não deves ficar perturbada com isso.”

“Tenho ficado extremamente perturbada às vezes porque sou diferente dos outros. Acredita em mim?” “Sim, acredito em ti,” diz a mulher sorridente. “Não, por favor, não chores agora, Shanti Devi. Devias estar feliz, pelo contrário, agora que encontraste alguém que acredita em ti.” “Agora estou a chorar porque estou tão feliz. Quem é você?” “As pessoas chamam-me a Mãe,” diz a mulher. “Não é o meu nome real, mas se alguém me diz ‘mãe’, eu escuto. Compreendes, quando as pessoas estão desamparadas, tornam-se tão indefesas como crianças pequenas.” “Sim,” diz Shanti Devi, “eu sei. Pode dizer-me como se pode chegar a Muttra, mãe?” “Se alguém se puser de costas voltadas para o Forte Vermelho e continuar por Daryganj sempre em frente, Muttra não é difícil de encontrar.

Mas a estrada é poeirenta e longa e um corpo minúsculo como o teu não conseguiria aguentar. Terás de esperar até que o teu corpo seja forte o suficiente. Que idade tens? Oito, nove?” “Farei em breve nove anos. Os meus pais, os meus pais atuais, vivem em Chirakhana, não muito longe de Chandni Chauk. O nome do meu pai é Rang Bahadur Mathur.” “Compreendo,” diz a mulher. “Poderá ser aquele o teu pai ali, que está à tua procura?”

Shanti Devi avista uma figura familiar. Ela acena e ele descobre-a imediatamente. Ele apressa-se a subir os degraus, para-se um pouco afastado e faz uma vénia reverente. “Santa Mãe, por favor perdoe esta criança tola que perturbou a sua privacidade com a sua tagarelice. Perdoe-me, eu sou o pai infeliz desta criança. Por favor, deixe-me tocar nos seus pés. Abençoe esta criança confusa e este homem que faz o seu melhor para tentar cuidar dos seus entes mais queridos.” “Que Deus te abençoe, Rang Bahadur,” responde a mulher.

“Não fiques perturbado nem com medo. Esta criança é inocente e sem culpa. A sua dívida [kármica] é pequena.” “Compreendo que ela lhe tenha contado tudo. Ela nunca consegue aprender a guardar a língua. Não deveria ela ser capaz de guardar as coisas para si? Não está escrito nos Vedas que aquele que se lembra das suas vidas anteriores deve morrer?” “Aquele que perdoa a todos, também a perdoa a ela. Não divagues mais sobre a Lei, mas vai para casa, em vez disso, Rang Bahadur.”

A mulher de laranja toca na cabeça de Rang Bahadur com a mão e, depois, na cabeça de Shanti Devi. Em seguida, deixa-os. Shanti Devi observa-a partir com uma expressão melancólica no rosto. “Quem é ela?” “Aquela é a Santa Mãe, Maitri Deviji,” responde Rang Bahadur. “Ela é muito boa e muito sábia. Vamos agora.” “Eu quero ficar aqui. Em breve a procissão chegará. Lembro-me dos tambores, das flautas e dos instrumentos de corda. É exatamente igual a como é em Muttra. Não me deves impedir de ver a procissão.”

Convenceste-me

As paredes do templo tornam-se vermelhas no pôr-do-sol. O calor abranda. Lâmpadas são acesas. Chamas de pequenas fogueiras erguem-se das ruelas. O tilintar do *pakhawaj*, o lamento da cítara, o tom baço do *sarod* misturam-se com cores flamejantes. Os elefantes carregam torres cobertas de flores nas suas costas. Elefantes com peças de boca banhadas a ouro são decorados com gualdrapas bordadas. A procissão cerimonial avança no crepúsculo que cai rapidamente.

“É Navaratra,” diz Rang Bahadur. “É o festival de Durga que dura nove dias e noites.” “Pai, eu casei-me durante o Navaratra em Muttra,” diz Shanti Devi. “Era tão bonito na altura como é agora, talvez até mais bonito. O meu marido cavalgou ele próprio, juntamente com os outros na procissão, num cavalo branco e foi buscar-me à casa dos Chaturbhujs.” “Chaturbhuj? Nunca mencionaste esse nome antes.” “Chaturbhuj era o meu pai em Muttra. O nome da minha mãe é Jagti. O meu marido foi buscar-me e deixou-me cavalgar junto com ele na procissão. Éramos tão jovens e amávamo-nos.

Eu usava um sari branco, o meu sari de casamento. Estava coberto de pérolas, todo em branco. O meu marido usava uma *shervani* longa e bordada e um turbante amarelo. As minhas joias eram muito caras.” “Qual é o nome do teu marido?” “Sabes que não estou autorizada a dizer-te. Tenho de lhe perguntar primeiro.” “Podes descrever a aparência dele?” “Porque tenho de descrever a aparência dele? Eu reconhecê-lo-ia entre mil homens. Ele tem bigode.” “Há tantos homens que têm

bigode. Não me podes dizer mais nada?" "Ele tem um sinal de nascença na bochecha. Ele sente-se um pouco embaraçado com isso."

Rang Bahadur observa a rapariga pensativamente. Quantas vezes não a estudou ele em segredo para tentar ter uma ideia do que ela está a pensar — de quem ela realmente é. "Se eu pudesse apenas compreender de onde tiras tudo o que afirmas ter visto antes. Às vezes acredito..." "No que acreditas, pai?"

"Convenceste-me, Shanti Devi. Eu próprio não quero admiti-lo, mas devo ser honesto. Há algo em ti que não pode ser explicado de uma maneira normal. Eu admito-o, Shanti Devi." "Deixas-me tão feliz, pai." "Tu não és uma criança, embora tenhas o corpo de uma criança, Shanti Devi. Estou a falar contigo como um adulto. Se a verdade estiver destinada a ser conhecida, então ninguém a pode impedir."

Uma visita

É a nona noite das celebrações de Navaratra. Todas as procissões já passaram, todas as imagens foram queimadas. Agora que o tão ansiado festival terminou, as ruas e ruelas estão vazias em Chirakhana. Se alguém vem, pode ouvir-se à distância. Folhas secas estalam sob os seus pés. "Eles não vão abrir a porta. Sim, vão. Consigo ouvir passos." As batidas à porta cessam. Os dois cavalheiros são convidados a entrar na casa de Rang Bahadur. "Namash te, Rang Bahadur Mathur.

Somos da Escola Ramjas, onde a sua filha Shanti Devi é aluna. Eu sou o diretor Lala Chand e este é o diretor de turma da Shanti, Bishan Chand." "O que posso fazer por vós, cavalheiros?" "Estamos aqui com as melhores intenções, Rang Bahadur. Gostaríamos de falar consigo sobre a sua filha, Shanti Devi." O Diretor é um homem corpulento e jovial com uma auréola de cabelos brancos sob um barrete de Gandhi. "Shanti Devi tem-nos causado muita ansiedade," diz Rang Bahadur. "Sabe como ela é."

"Ela é uma rapariga bem comportada e conscienciosa," diz o Diretor. "É uma das melhores da sua turma." O Diretor de turma acena em concordância. "Ela faz sempre os seus trabalhos de casa de forma muito satisfatória," diz ele. "Não tenho queixas contra ela, Rang Bahadur." "Não é isso que quero dizer," diz o pai. "É apenas que ela tem tantas ideias e pensamentos estranhos. Somos incapazes de a calar. Ela fala sobre coisas que uma criança não deveria conhecer." "Assustei-a no outro dia sem intenção," diz o Diretor de turma."

Tenho pensado muito no comportamento dela. Ela é uma rapariga extremamente interessante." "Ela fala disto e daquilo. Um dia diz uma coisa, noutro dia diz algo completamente diferente." "Nós discutimos o caso de Shanti Devi e sentimos que as suas afirmações são bastante lógicas. Tenho dedicado muita atenção à teoria da reencarnação. Ficaria grato se me permitisse fazer-lhe algumas perguntas," diz o Diretor.

Rang Bahadur abre a porta para o quarto interior. Shanti Devi está sentada direita na sua cama e olha para ele com olhos grandes e escuros. Ele faz-lhe sinal para se embrulhar num xaile. O Diretor de turma acena-lhe encorajadoramente.

“Viemos falar contigo sobre a tua vida anterior.” Shanti Devi cora. Está consternada mas, ao mesmo tempo, feliz. O seu coração bate com força. “A minha vida anterior?”, gagueja ela. “Sim, não sentes como se tivesses uma vida antes desta vida presente? Viveste noutra cidade. Cresceste lá; tiveste um lar lá. Tu queres tanto que isso continue, mas não continua e deves tentar compreender o que aconteceu. Como compreendes tudo isto? É como se visses imagens à tua frente?”

“Vejo imagens e ouço vozes,” diz Shanti Devi excitada. “Quando quero ver, torna-se mais claro. Então é como se eu estivesse lá realmente. Uma casa amarela com janelas bonitas. Vivemos lá e somos muito felizes. O meu marido fala comigo. Ele é um Brâmane. Certa manhã, antes de ele ir para a sua loja, que está situada perto do templo de Dvarkadish, ouvi que ele foi ao meu quarto de oração e pediu a Krishna um filho. Estou triste. Talvez nunca venha a ter um filho. O meu *Jeth* (cunhado) conforta-me junto ao poço. Sou tão jovem. Há tantas imagens, tantas vozes. Estou a chorar. Estou deitada na cama e estou tão tired e tenho tantas dores. A dor não melhora, tudo escurece.”

Ambos os homens olham para a rapariga com surpresa. Agora até a voz dela soa diferente do que costuma soar. É mais madura e tem outra entonação. “Eu caminhava muitas vezes até ao templo e banhava-me no Jumna. Quando tinha uma dor no pé, um criado esperava por mim num riquixá. Estamos a passar pelo Grande portão, o portão de Krishna. A rua é azul. O meu marido é extremamente generoso e bondoso. Fico infeliz quando ele me deixa. Uma vez ele deixou-me quando eu estava terrivelmente doente e estava prestes a ser levada para um hospital numa cidade da qual não me recordo do nome.

Talvez me lembre se procurar na minha memória.” “O que aconteceu lá?”, pergunta o Diretor. Shanti Devi tem lágrimas nos olhos. “Não me consigo lembrar.” “Mas o teu nome era Lugdi Devi?”, pergunta Lala Chand. “Onde vivias?” “Vivíamos na rua batizada com o nome dos *Chaubeys*. A nona casa na Rua Chaubey, em Muttra.” “Nunca a tinha ouvido dizer isso antes,” exclama Rang Bahadur. “Essa é a morada?”

“Sim,” diz Shanti Devi humildemente. “Era lá que era o meu lar.” O Diretor e o Diretor de turma trocam olhares, enquanto Rang Bahadur olha para o chão. O Diretor Lala Chand tem a sensação de que devem agora ser extremamente cuidadosos e não perguntar demasiado. “Ouvimos o suficiente por agora,” diz o Diretor. “Não te lembras do nome do teu marido, pois não? E, de qualquer modo, isso não é da nossa conta.” “Casámo-nos durante o festival de Navaratra,” sussurra Shanti Devi. “Foi o nosso casamento, a nossa noite de núpcias.” “É pena não te lembrares do nome do teu marido,” diz o Diretor. “Ainda assim, sabes tantas outras coisas.” “O nome dele é Kedar Nath,” sussurra a rapariga.

Ela cobre o rosto com as mãos. Quando Rang Bahadur tenta abraçá-la e acalmá-la, ela afasta-se. Volta para o quarto sem dedicar mais atenção aos três homens.

A carta do Diretor

"Ela deve ter experienciado isto," diz Lala Chand. "Toda a sua personalidade é caracterizada por estas memórias. De que outra forma é possível que uma criança consiga colher nomes e detalhes do ar da maneira que ela faz? Agora devia levar-se ela a Muttra o mais cedo possível para que a sua informação possa ser corretamente verificada." "Será que este Kedar Nath Chaubey existe?", questiona-se Bishan Chand. "Devemos descobrir se existe realmente alguém com esse nome." Rang Bahadur assume uma atitude negativa. "Cavalheiros, podem fazer o que considerarem apropriado. Nós, os pais de Shanti Devi, não queremos fazer nada que possa comprometer o futuro dela. Pensa-se geralmente que é perigoso aprofundar tais assuntos."

"É talvez ainda mais perigoso não o aprofundar," comenta o Diretor. "Certamente, o senhor também deve estar ansioso por saber como as coisas estão?" "Não o permitirei," diz Rang Bahadur com firmeza. "A menina não deve ser usada em nenhuma experiência. Não têm o direito..." "Nós, naturalmente, não temos o direito," diz Lala Chand com um sorriso desarmante. "Compreendemos tão bem como se sente. Talvez a viagem possa ser adiada para algum momento no futuro." "Isso soa melhor. Assim ela terá tempo para crescer e ser mais sensata," diz Rang Bahadur. "Terá tempo para se tornar mais estável."

Ambos os homens despedem-se e seguem o seu caminho. Na rua, passam por uma casa de chá que está aberta. Lala Chand abranda o passo. "Vamos entrar," diz ele. "Tenho uma ideia." Um sikh barbudo faz uma vénia e aproxima-se da mesa deles com chá e bolos de arroz. O Diretor pede papel e um lápis. "Vai escrever-lhe?", exclama o Diretor de turma. "Mas não sabemos se ele existe." "Então saberemos," responde Lala Chand. "Pode-se sempre confiar nos correios. Se ele não existir, então não haverá resposta." Ele escreve em caligrafia elegante:

Pandit Kedar Nath Chaubey Rua Chaubey, 9 Mathura

Excelentíssimo Senhor!

Entrei em contacto com uma rapariga cujo nome é Shanti Devi Mathur e que vive em Chirakhana, Deli. Ela é filha do homem de negócios Rang Bahadur Mathur. Ela é capaz de recordar informações sobre si que são espantosas. Isto é o que ela diz: "Na minha vida passada eu era uma *Chaubey* de Mathura. A minha casta era a de um brâmane e o nome do meu marido era Kedar Nath. Ele tinha uma loja perto do templo de Dvarkadish. A cor da minha casa era amarela. O nome que eu tinha então era Lugdi Devi.

«Poderei incomodá-lo, pandit, para ter a bondade de me informar se existe, de facto, alguma verdade nestas afirmações? Existiu Lugdi Devi? Existe Kedar Nath? Por favor, escreva-me se existir! Com as bênçãos de Deus e com a maior humildade. Lala Kishan Chand Diretor, A Escola Ramja, Daryganj, Deli.»

"Acho difícil acreditar que haverá algum resultado," diz o diretor de turma. "Os brâmanes da velha escola são extremamente reservados."

“Não se esqueça de que ele é um homem de negócios,” diz o Diretor. “Deve estar habituado a lidar com pessoas. Tenho o forte pressentimento de que receberemos uma resposta.”

A resposta de Kedar Nath

Dias e semanas passam, a vida continua de forma normal. Um dia, no pátio da escola, o Diretor chama o seu colega, Bishan Chand. O seu rosto jovial exibe uma expressão de triunfo. Ele retira uma carta do bolso e lê em voz alta:

«Diretor Lala Kishan Chand A Escola Ramja Daryganj, Deli

Fiquei extremamente surpreendido, para não mencionar o quão excitado me senti quando recebi a sua carta. O que escreveu é absolutamente correto. Tive uma esposa cujo nome era Lugdi Devi. Ela faleceu. Tenho, de facto, uma loja que fica perto do templo Dvarkadish. Quem é esta menina que sabe tudo isto? Tenho um primo em Deli cujo nome é pandit Kanji Mal. Ele é empregado por uma empresa chamada Srs. Bhasa Mal & Gulzarri Mal. Escrevi-lhe neste preciso momento e pedi-lhe para o contactar imediatamente. Ficaria extremamente grato se pudesse providenciar para que ele conheça a menina de uma forma adequada. Que Krishna nos ame e proteja a todos, em todo o lado. Kedar Nath Chaubey»

O diretor de turma fica, ao início, sem fala. Tem de ler a carta várias vezes antes de ficar totalmente convencido. Não tem objeções a fazer. O que Shanti Devi disse é verdade e não apenas fantasias.

“A minha intuição, desde o início, dizia-me que a menina tinha razão,” murmura o diretor de turma, “mas tentei lutar contra isso para não ser considerado demasiado ingénuo. Agora temos de superar a resistência dos pais.”

“O que importa a resistência deles agora?” diz o Diretor. Ambos os homens caminham de um lado para o outro no pátio durante a discussão. As aulas terminaram por hoje.

No lado mais próximo da rua não há muito tráfego. Uma carruagem de cavalos aproxima-se e para à porta da entrada da escola. Um homem que eles não reconhecem sai. Apresenta-se educadamente.

“Eu sou Kanji Mal Chaubey, primo de Kedar Nath Chaubey. Procuro o Diretor Lala Kishan Chand em relação a uma carta que recebi de Muttra.”

“Eu sou Lala Kishan Chand.”

“É uma carta extraordinária sobre uma menina chamada Shanti Devi. Ela sustenta que é a esposa reencarnada de Kedar Nath, Lugdi Devi. Conhece esta menina?”

“Sim, ela é aluna aqui na escola,” responde o Diretor. “Conhecia a Lugdi Devi, naturalmente?”

“Vivi durante vários anos em Muttra e conhecia-a muito bem. Posso conhecer a menina?”

“Os pais dela são bastante adversos a isso. Temem que a criança possa sofrer algum dano. Deve ser extremamente cuidadoso. É melhor se for sozinho para que ninguém o possa influenciar. Dar-lhe-ei o endereço da casa de Rang Bahadur.”

“Por outro lado, seria muito interessante até para nós ver como a menina reage,” diz o diretor de turma. “Podemos nunca mais ter a oportunidade de testemunhar tal encontro.”

No caminho para lá, Kanji Mal pensa em Lugdi Devi como se lembra dela, tão incrivelmente bela, uma mulher muito especial, quase como uma santa.

“Como pode esta Shanti Devi saber o que quer que seja sobre as relações pessoais de Lugdi Devi? Ela nem sequer tem nove anos,” murmura Kanji Mal para si mesmo.

Quando sai da carruagem de cavalos, é com a nítida sensação de que a sua missão neste momento é ajudar o seu primo a revelar uma fraude.

Como está o meu filho?

A porta está aberta. Kanji Mal e ambos os professores entram no pátio aberto e iluminado. Kanji Mal olha para um lance de escadas. Nota uma mulher e uma menina que está parada acima delas e a observá-lo com olhos grandes e expressivos.

“Mamã,” diz ela, “veio um senhor de visita.”

“Deve ser um conhecido de negócios que veio ver o teu pai. Não o reconheço.”

“Mas eu reconheço, mamã; eu reconheço-o.”

Kanji Mal olha para cima, surpreendido. A menina desce as escadas aos saltos e abraça as pernas dele. Agarra-se firmemente a ele. Ele gostaria de lhe acariciar o cabelo, mas controla-se.

“Tu reconheces-me? É impossível.”

“Sei com certeza que o reconheço, mas não me consigo lembrar do seu nome. O senhor é primo do meu marido.”

Kanji Mal parece petrificado e não sabe o que dizer. Os outros que estão presentes também estão calados.

“Como podes saber que sou primo do teu marido se não sabes o meu nome?” gagueja Kanji Mal.

“Eu reconheço-o. Só mudou um pouco. Tornou-se... mais um estranho. Está maior e mais forte de alguma forma. O senhor é o primo mais novo de Kedar Nath.”

“De Kedar Nath?”

“Sim, esse é o meu marido. Ele é um homem de negócios em Muttra. O senhor viveu connosco quando eu era Lugdi Devi. Já não vive em Muttra?”

Kanji Mal limpa a testa.

“Mudei-me,” diz ele. “Não me foi permitido...”

“Teve dificuldade em tentar encontrar uma casa de que gostasse e foi por isso que quis viver connosco. Lembro-me de mais e mais coisas agora. Não queria trabalhar para o Kedar Nath porque queria ser independente. Já se casou?”

“Casado? Não.”

Os argumentos de Kanji Mal já se desmoronaram. A menina olha para ele com uma expressão tão aberta e afetuosa que ele sente que deve agora acariciar-lhe o cabelo.

“Gostaria muito de lhe fazer algumas perguntas.”

“Apenas, por favor, lembre-se de que ela é apenas uma criança.”

“Com certeza. Lembras-te de quantos irmãos o teu marido Kedar Nath tinha?”

A menina acena. “O meu marido só tem um irmão.”

“Ele era mais velho ou mais novo do que o teu marido?”

“Mais velho, claro. Ele é o meu *Jeth*. Ele ainda é vivo?”

Jeth é uma expressão dialetal para um irmão mais velho, que Lugdi Devi costumava usar.

“Ele está vivo e bem. Quando eras Lugdi Devi, o pai de Kedar Nath, o teu sogro, ainda era vivo?”

“Sim, era, mas estava bastante frágil e tinha muitas dores. Como está ele agora?”

“Ele melhorou muito. Reconhecê-lo-ias também?”

“Naturalmente. Reconheceria toda a gente, quase toda a gente.”

Essa foi uma reserva sensata. Porque se alguém esteve ausente por um longo período de tempo, nem todos os rostos são tão fáceis de reconhecer.

Kanji Mal estuda Shanti Devi, como se esperasse encontrar traços característicos semelhantes aos de Lugdi Devi, mas não consegue ver nenhuma semelhança externa.

“Onde vivias em Muttra?” continua ele pensativamente. “Ah sim, eu já sei isso pela carta.”

Shanti Devi parece confusa.

“Tu deste-nos o endereço,” diz o diretor. “Enviámos uma carta ao teu marido para podermos verificar a tua afirmação.”

A menina baixa a cabeça.

“Não deviam ter feito isso,” sussurra ela. “O que pensará o meu marido agora? Arrependo-me de vos ter dito o nome dele. Talvez ele se ofenda. Talvez não me seja permitido viajar para Muttra novamente.”

“O teu marido escreveu ao primo dele. Espero que estejas feliz por ele ter vindo ver-te.”

“Sim, muito feliz. Agora lembro-me do seu nome. O senhor é Kanji Mal Chaubey.”

Uma revelação

Ela controla-se e olha suplicante para o homem de Muttra.

“Então o Kedar Nath já sabe tudo. Porque é que ele não me vem buscar? Estes pais são bons e amáveis e eu gosto deles, mas por favor, Kanji Mal, leva-me de volta para Muttra.”

Ela agarra-se a ele. Nos olhares que são trocados entre Prem Pyari e Rang Bahadur, ele vislumbra o desespero. Agora ele deve tentar expressar-se diplomaticamente.

“O teu marido está ocupado com os negócios,” responde ele. “Neste momento não tem tempo para te receber.”

“Mas ele não se esqueceu da Lugdi Devi?”

“Como poderia alguém esquecer Ludgi Devi? Ninguém a pode esquecer. Ela era a mulher mais maravilhosa.”

“Eles ainda gostavam dela depois de ela se ter ido embora?”

“Toda a gente gostava dela, inclusive eu.”

Shanti Devi olha para ele com um leve sorriso.

“O senhor era particularmente afeiçoado à Lugdi Devi,” diz ela. “Ela era a esposa do seu primo, mas o senhor nunca o admitiria. Talvez gostasse dela mais do que devia. Ela percebeu isso. Uma vez o senhor aproximou-se tanto dela... eu lembro-me.”

“Não, não!” interrompe Kanji Mal. “Há coisas de que não se deve falar.” Ele parece subitamente completamente abalado. Shanti Devi tem uma expressão orgulhosa no seu pequeno rosto infantil.

“É o senhor que pergunta, não eu. O que mais gostaria de saber? Eu vivia numa casa amarela e por perto havia uma mercearia. Eu fazia as compras eu própria

para poder ver os produtos. Quando eu estava doente, os criados faziam-no. Então custava mais dinheiro."

"Lugdi Devi era extremamente generosa," diz Kanji Mal. "Ela não deixava as pessoas pedirem dinheiro emprestado? Não dava ela frequentemente dinheiro?"

"Sim, ela era extravagante dessa forma. Tinha um pouco de dinheiro escondido num lugar secreto em casa que mais ninguém a não ser ela própria conhecia. Era no andar de cima. Estavam lá 150 rupias que ela deveria ter dado ao meu templo Dvarkadish como uma oferenda. Quando eu chegar à minha Verdadeira casa, indicarei o lugar. Ninguém além de mim sabe sobre isso. Talvez o meu marido também saiba."

"Porque ias oferecer esse dinheiro?"

"Rezei a Krishna por um filho. Consegui o menino que desejávamos e chamei-lhe Launita Lal. Após dez dias fiquei terrivelmente doente. Tinha estado doente o tempo todo, mas depois tornou-se tão difícil. Não me lembro bem..."

"O que aconteceu?" pergunta Kanji Mal com voz trémula.

Shanti Devi esconde o rosto nas mãos. Quando volta a olhar para cima, não tem lágrimas nos olhos. O seu olhar é calmo e claro.

"Eu morri," diz ela.

Fica frio imediatamente, embora o sol esteja a brilhar.

"Lembras-te de onde... onde morreste?"

"Fui levada para um hospital numa cidade grande cujo nome tentei recordar. Estava tão cansada e tinha dores fortes. Às vezes tudo ficava escuro. Deitava-me na cama e rezava a Krishna. Sabia que tinha dado à luz um filho. Quando o meu marido estava feliz, eu também estava feliz."

Kanji Mal não consegue evitar que as lágrimas lhe corram pelas faces. Beija a menina suavemente na testa.

"Lugdi Devi," sussurra ele ternamente. "Pequena Lugdi Devi..."

Caminha em direção à porta e agradece aos pais de Shanti Devi. Todos estão comovidos por este estranho encontro.

"Vim aqui como cético e vou-me embora como crente," disse Kanji Mal. "Estou convencido. No corpo desta menina frágil vive o espírito de Lugdi Devi. Lugdi Devi está connosco novamente."

Ele abre a porta e afasta-se. Shanti Devi corre atrás dele.

"Gostaria apenas de lhe perguntar — como está o meu filho?"

Kanji Mal para e levanta-a.

“O teu filho está saudável e forte. É um rapaz esplêndido que está bem desenvolvido. Ele é um pouco maior do que tu própria.”

Shanti Devi encontra o seu amado.

Mathura ou Muttra é a cidade sagrada de Krishna. Diz-se que nela se encontram nada menos que mil templos em honra do Salvador da Índia.

A loja de Kedar Nath Chaubey fica no Vishrant Ghat. Ele compra e vende tecidos e outros bens. Kedar Nath é um homem alto, bem constituído, com um rosto fino e esculpido.

Nesta manhã em particular, ele está profundamente desconcertado por uma carta que chegou de Deli.

«Querido Primo, Visitei a menina Shanti Devi e descobri que ela é a falecida Lugdi Devi. Ela lembra-se de tudo sobre a sua vida anterior e o que aconteceu em Muttra. Convenceu-me totalmente. Sugiro que venhas aqui e a conheças tu mesmo. O teu afetuoso Primo, Kanji Mal»

Kedar Nath tinha conseguido afastar os seus sentimentos pela sua falecida esposa, a sua saudade dela e o seu luto, mas agora tudo foi trazido de volta à vida.

No entanto, ele tomou a sua decisão. Viajará para Deli com a sua atual esposa e o filho dele e de Lugdi Devi. Talvez a menina queira ver o seu filho da sua vida anterior, Naunita Lal, que é o orgulho e a alegria de Kedar Nath.

Mas como vai ele ser capaz de explicar à sua esposa o que lhes aconteceu? Ela tem a conceção usual da vida, mas é uma esposa boa e afetuosa.

Comparada com Lugdi Devi, ela é talvez um pouco descolorida, mas como se pode esperar que uma mulher perfeitamente comum seja comparável a Lugdi Devi, que era quase como uma santa?

Ele sorri levemente com o pensamento em Lugdi Devi e já não o perturba pensar nela.

És a Lugdi Devi?

Kedar Nath pensa em Kanji Mal e questiona-se, apesar de tudo, se o seu primo não se terá deixado convencer com demasiada facilidade. Mesmo que outros homens — sim, até o seu próprio primo — sejam ingénuos o suficiente para se deixarem convencer por motivos frágeis, ele próprio não precisa de o fazer. Kedar Nath tem o seu plano pronto. Ele chegará disfarçado.

A menina será verdadeiramente posta à prova. Ela deve definitivamente apresentar provas que mais ninguém além do próprio Kedar Nath possa possivelmente conhecer. Só então poderá ele acreditar nela.

A casa de Rang Bahadur está festivamente decorada com bandeiras e grinaldas. Eles fazem sempre isto quando estão prestes a receber vizinhos e amigos

em Deli. A pequena Shanti Devi também participa na festa. Ela come arroz e fruta com gestos bem equilibrados. É uma verdadeira pequena dama.

Nisto, a porta abre-se e um homem entra. Ele veste um traje bordado. É obviamente um cavalheiro distinto. As senhoras cobrem rapidamente as cabeças com as pontas dos seus saris.

Rang Bahadur e Prem Pyari apressam-se a avançar e acolhem o seu convidado. Ele inclina ligeiramente a cabeça e mantém a mão direita apontada diagonalmente para cima sobre o peito.

"Eu sou babu Ram Chaubey de Mathura, e fui enviado aqui pelo meu irmão, Kedar Nath Chaubey. Poderei dispor de alguns minutos do vosso tempo, embora tenham convidados?"

"É bem-vindo como nosso convidado," diz Rang Bahadur.

Shanti Devi olha para o convidado com olhos grandes e brilhantes. O seu rosto está branco como um lençol. Os seus lábios tremem. Ela capta o olhar do homem e consegue sustê-lo por algum tempo. Depois, puxa o seu sari e esconde o rosto nele.

"É sobre a vossa filha," diz o convidado. "O meu irmão recebeu uma carta relativa a uma ocorrência extraordinária e ficou interessado. Ele não tem tempo para vir pessoalmente, por isso enviou-me aqui em seu lugar para evitar rumores desnecessários."

"Não poderia ter escolhido um momento mais adequado?" questiona Prem Pyari. "Temos tido dificuldades com a nossa filha."

"Não quero ofender ninguém," diz o convidado com uma suavidade inesperada. "Procuro apenas a verdade."

"Já é um convidado em nossa casa," diz Rang Bahadur. "Gostaria de conhecer a nossa filha, Shanti Devi? Presumo."

"Sim, de facto, então esse é o nome dela. É a menina ali ao fundo? Porque é que ela está a esconder o rosto?"

"Ela é tímida. Shanti Devi, temos um novo convidado que gostaria de falar contigo. Ele é de Muttra e o seu nome é babu Ram Chaubey."

A menina olha para cima de trás do seu sari com uma expressão nos seus grandes olhos que nenhum dos presentes jamais esquecerá.

"O senhor não é o meu *Jeth*," diz ela. "O senhor é o Kedar Nath!"

"Sim, sim, eu sou o Kedar Nath," responde o outro. "É verdade. Oh bom Deus, é verdade."

Ele fita a criança como se tivesse perdido o juízo. Os convidados começam a compreender que um drama extraordinário está a desenrolar-se. O silêncio cria uma atmosfera sentimental.

“Ainda tem a sua marca de nascença,” diz a menina com um pequeno sorriso, “e o bigode, claro. Não está muito mais velho. Está tal como me lembro de si.”

“És... És a Lugdi Devi?” gagueja Kedar Nath.

Shanti Devi permanece em silêncio absoluto e observa o homem que foi o seu marido. Nisto, a porta abre-se e um dos convidados deixa entrar um rapaz pequeno. Shanti Devi olha para ele. Corre na sua direção e abraça-o.

“Meu filho,” exclama ela, “meu amado Naunita Lal. Sou eu, a tua mãe...”

“Tu não és a minha mãe,” protesta o rapaz e tenta libertar-se.

Ela solta-o, corre de volta para Kedar Nath e chora em desespero com o rosto pressionado contra o corpo dele. Kedar Nath está tão perplexo como todos os outros.

Depois o rapaz volta novamente, o seu filho do passado. Ele é um pouco maior do que Shanti Devi. Ajoelha-se ao lado de Shanti Devi e tenta confortá-la. Agora ele não se afasta quando ela o abraça.

Ela chora mais violentamente do que nunca e Naunita Lal também começa a chorar. Que cordas secretas estão a vibrar entre eles, ninguém sabe.

“Eu lembro-me de tudo,” exclama ela. “Lembro-me de como era no escuro. Lembro-me de como morri...”

Até Kedar Nath se ajoelha ao lado dela e toca cautelosamente nas suas mãos. Ela agarra avidamente a mão dele com ambas as mãos.

“Esperei por ti durante tanto tempo,” sussurra ela. “Vieste finalmente...”

“É tão difícil,” diz ele. “O que devo fazer? Não deves chorar mais. Deves ser feliz.”

“Era exatamente o que costumavas dizer quando eu estava doente. Tu sempre quiseste fazer-me feliz, Kedar Nath. Guardaste a promessa que me fizeste?”

“O que é que eu prometi?”

“No meu leito de morte, prometeste-me que nunca mais te casarias.”

Eu perdoo-te

Sussurros de espanto ouvem-se por toda a sala.

“Não consegui manter essa promessa,” diz Kedar Nath em voz baixa. “Eu era um homem no auge da vida; era impossível. Não tive intenção de quebrar a promessa na altura, juro, Lugdi Devi, mas simplesmente não consegui cumpri-la. A minha atual esposa é uma mulher simples, mas é uma boa esposa e uma boa mãe.”

“Não precisas de explicar,” diz Shanti Devi. “Lugdi Devi, que é uma parte de mim, perdoa-te. Não peço nada, apenas que sejas feliz. Estou tão feliz por poder encontrar-te e por ver o meu filho.”

“Não consigo explicar o que sinto,” sussurra Kedar Nath. “Tudo foi virado do avesso. Sinto-me impotente contra algo que não compreendo. Admito que queria esquecer Lugdi Devi. Tu és apenas uma criança.”

Shanti Devi acena com a cabeça em resignação.

“Tenho o corpo de uma criança. Também eu estou impotente, mas estou tão feliz por ver que Naunita Lal está a crescer bem. Eu estava tão fraca.”

Ela tem agora lágrimas nos olhos novamente. “Talvez eu não fosse muito maior na altura do que sou agora. Eu era muito pequena e a criança era grande. Lembras-te do quadro de Krishna que eu tinha ao lado da minha cama no hospital em Agra? Ofereceste aquelas 150 rupias como um sacrifício, tal como te pedi para fazeres se eu desse à luz um filho?”

“As 150 rupias?” repete Kedar Nath interrogativamente. “Não me lembro — foi há tanto tempo. Eu... creio que me esqueci. Foi uma correria tão grande com o funeral e tudo o mais.”

Ele para subitamente de falar.

“Porque é que houve tanta correria com o meu funeral?” pergunta Shanti Devi.

Ela para de falar e fica com um olhar distante. O seu rosto torna-se completamente branco. Prem Pyari quer aproximar-se de Shanti Devi, mas o seu marido detém-na.

“Já foi longe demais. Ninguém pode fazer mais nada por ela do que o homem que está sentado ao seu lado. Tu e eu já não pertencemos à nossa menina.”

Shanti Devi ouve a sua voz.

“Tu és o meu pai,” sussurra ela. “Não o nego. Mãe, poderias, por favor, ir buscar alguns brinquedos? Gostaria de brincar com o meu filho.”

A sua mãe traz as bonecas de Shanti Devi e alguns jogos de cartas. Shanti Devi deixa as suas marionetas puxarem e agitarem-se em espasmos. Depois brincam com as cartas que têm ilustrações de deuses, heróis e demónios. É uma cena estranha e encantadora. Kedar Nath observa-a fascinado.

“Gosto tanto dela, pai,” exclama Naunita Lal. “Só não percebo, no entanto, como é que ela pode ser a minha mãe.”

Nisto, um novo visitante, que está sem fôlego, entra na sala, o advogado Tara Chand Mathur. Rang Bahadur acolhe-o calorosamente.

“Tara Chand Mathur, aconteceu um milagre. Kedar Nath Chaubey veio de Muttra e Shanti Devi identificou-o como o seu marido na sua vida anterior na presença de todas estas testemunhas.”

“Estou completamente assoberbado,” diz Kedar Nath. “Esta menina não se parece com a minha falecida esposa fisicamente, mas vejo a alma de Lugdi Devi no seu olhar.”

O rumor espalha-se rapidamente em Chirakhana. Num instante, há uma multidão de pessoas à porta da casa de Rang Bahadur. Todos querem ver o brâmane e a sua esposa-criança reencarnada.

Foste-me infiel

Após este primeiro encontro com Shanti Devi, Kedar Nath regressou ao hotel onde está hospedado com a sua família. No entanto, todos sabem que ele visitará Shanti Devi novamente.

Quando o táxi chega com Kedar Nath e o seu filho, há tantas pessoas que este tem grande dificuldade em abrir caminho através da multidão.

Assim que ele está dentro de casa e fecha a porta atrás de si, Shanti Devi corre para ele. Ele levanta-a e beija-lhe a testa, mas ela percebe imediatamente que o seu comportamento é reservado.

“Durante o decorrer da noite, estive a pensar detalhadamente nos eventos que ocorreram ontem,” diz ele ao pai de Shanti Devi. “Para ser honesto, devo admitir que mudei em parte a minha opinião. A menina não me disse nada mais do que aquilo que lhe poderia ter sido dito por pessoas que conheciam Lugdi Devi. Existe, afinal de contas, a possibilidade de que tudo isto possa ter sido planeado. É verdade que ela me reconheceu, mas alguém poderia ter descrito a minha aparência para ela.

A promessa no leito de morte à qual ela fez referência poderia ter sido um palpite que calhou ser perfeitamente correto. Tais promessas são feitas frequentemente entre duas partes em situações difíceis, em que as intenções de uma das partes não são tão sérias quanto as da outra.”

Os olhos de Shanti Devi têm agora uma expressão mais fervorosa.

“Lamento que se sinta assim,” diz Rang Bahadur. “Receio ter de lhe pedir que nos deixe imediatamente.”

“Estou apenas à procura da verdade,” diz Kedar Nath.

“Estás tão desconfiado como estavas antes,” diz Shanti Devi e acaricia-lhe a mão. “Não tens respeito por aquilo que é sagrado e não acreditas que mais ninguém o tenha. Mas vou dar-te provas que mais ninguém pode dar.”

Kedar Nath hesita quando a menina fala com ele como se fosse uma mulher adulta, como Lugdi Devi teria feito.

“Ninguém me pode negar o direito de receber provas concretas,” murmura ele. “Não é por maldade...”

“Foste muitas vezes cobarde e assustadiço, Kedar Nath,” diz Shanti Devi. “Lembro-me muito claramente de como te comportavas. Meus queridos pais atuais, por favor tenham a bondade de nos deixar sozinhos.”

Rang Bahadur e Prem Pyari deixam-nos. Shanti Devi puxa Kedar Nath para junto de si. Sentam-se num banco lá fora, no pátio.

“Poderia alguém ter-me falado das 150 rupias que eu queria sacrificar pelo meu filho?” pergunta Shanti Devi.

“Não sei onde estão os esconderijos de Lugdi Devi,” murmura ele.

“Eras extremamente económico em certos aspetos, Kedar Nath. Exteriormente eras hospitaleiro e generoso, mas quando a tua esposa pedia alguma coisa, eras frequentemente económico. Lugdi Devi, que está dentro de mim, ama-te profundamente, mas ela conhece as tuas fraquezas. Ela admira-te, obedece-te, é-te fiel, mas terás tu sido sempre fiel à Lugdi Devi?”

Kedar Nath fica consternado.

“Naturalmente.”

“Não é verdade. Estavas convencido de que a Lugdi Devi não sabia de nada. Quando ela ficou doente, eras frequentemente impaciente. Ela tinha de se render a ti, mesmo tendo tantas dores. Eras um homem temperamental e quase te forçavas sobre ela. Ela não conseguia lidar com isso da forma normal sem se colocar numa posição especial...”

Kedar Nath recua e olha para ela com horror.

“Para, para. Não quero ouvir mais nada,” interrompeu ele. “Não houve vergonha nisso. Como podes tu saber sobre isso?”

“Acreditas nisto agora, então? Chegou um dia em que eu simplesmente não conseguia fazer como desejavas. Então começaste a procurar outra mulher. Admiraste a enfermeira de Aligarh que deveria cuidar de mim várias semanas antes de eu ser levada para o hospital.”

“Não sei do que estás a falar,” exclama Kedar Nath. “Não me lembro disso.”

As suas faces estão a arder e ele está extremamente chocado.

“Eu lembro-me de cada detalhe na vida de Lugdi Devi, porque eu sou a Lugdi Devi. A rapariga de Aligarh era uma anglo-indiana muito bonita, de pele pálida. Ela era respeitosa para comigo, mas vocês olhavam um para o outro às escondidas. Não pensaste que eu vos visse a trocar olhares. Os criados carregaram-me até ao poço. Um dia não vieste ter comigo lá fora, embora soubesses que eu estava à tua espera. Não achavas que eu fosse capaz de andar sozinha e os criados não estavam em casa.

Eu chamei, mas tu fingiste não me ouvir. Sabes por que razão eu não conseguia andar?"

"Estavas grávida. Tinhas dores fortes."

"Vários anos antes, quando eu estava numa peregrinação a Hardvar, uma lasca de osso ficou espetada no meu pé. Ela tinha-se deslocado para cima, na minha perna. Os médicos não compreendiam o que tinha acontecido. Eu também não consultei um médico a sério; não até chegar ao hospital Lady Lyall em Agra e ser operada antes de dar à luz o meu filho. Eles não acreditavam que eu fosse capaz de dar à luz da forma normal se não me operassem."

"Lugdi Devi, perdoa-me... Lugdi Devi, eu amei-te."

As lágrimas de Kedar Nath começam a correr.

"Aquela vez no poço, quando não achaste que eu fosse capaz de me levantar, eu consegui de alguma forma. Fez com que a minha perna doesse terrivelmente. Apesar da dor, movi-me silenciosamente e manquei para dentro de casa, encostando-me às paredes. Sentia-me como uma mulher idosa. Em vez de ter o meu adorável sari dourado e vermelho vestido, estava enrolada em xales como uma velha. No quarto mais à frente, vi-te a ti e à rapariga, mas vocês estavam demasiado absortos um no outro para repararem em mim."

O rosto de Kedar Nath está paralisado de terror.

«"Eu não sabia... eu não acreditava. Lugdi Devi nunca disse uma palavra. Desde esse dia... Desde esse dia ela nunca mais falou muito comigo. Como ela deve ter sofrido, a minha pobre esposa. Ela não disse nada..."

"Ela estava com o coração partido, mas não acusou. Teria sido melhor se a tivesses confrontado com isso face a face."

"Oh, eu nunca poderei compensar o que fiz! Por muito tempo que viva e faça o que fizer, nunca poderei compensar."

Ele treme com soluços. Shanti Devi coloca cautelosamente a mão no braço dele para o confortar.

"É demasiado tarde, Kedar Nath", diz ela, "mas Lugdi Devi, que faz parte de mim, ainda te ama."»

A força abandona-a. Ela começa a chorar como a criança que é nos braços do homem adulto. Ele está abalado até ao âmago, mas dá-lhe conforto poder confortá-la.

Rang Bahadur e a sua esposa descobrem-nos. Profundamente comovidos, ouvem as palavras de Kedar Nath.

"Tudo o que Shanti Devi disse está correto. Eu juro-o, em nome de Krishna. Ninguém pode ter dúvidas. Lugdi Devi regressou."

No dia seguinte, Kedar Nath Chaubey viaja de regresso a casa, para Muttra, juntamente com o seu filho e a sua esposa. Apesar de tudo o que foi dito, ele deixa Shanti Devi para trás, de acordo com a decisão que foi tomada em consulta com os pais dela.

Se a menina os seguisse para Muttra agora e, mais tarde, viajasse para lá de vez em quando, as consequências poderiam ser intoleráveis. Legalmente, ela ainda é a filha de Rang Bahadur, com pouco menos de nove anos.

Kedar Nath chegou a Deli a 13 de novembro de 1935 e viajou de regresso a casa a 15 de novembro.

Quando Shanti Devi percebe que Kedar Nath regressou a casa e a deixou para trás, torna-se completamente apática e indiferente em relação ao mundo ao seu redor. Deixa de falar com a família.

Os seus pais estão em desespero. No entanto, após vários dias, a crise passa. Shanti Devi está, mais uma vez, calma e controlada.

Uma noite, o advogado Tara Chand Mathur vai à casa de Shanti Devi juntamente com dois cavalheiros que são considerados os cidadãos mais respeitados de Deli.

São eles o presidente da associação de editores, Lala Deshbandu Gupta, e o político Neki Ram Sharma, que é amigo pessoal de Mahatma Gandhi.

"Tara Chand Mathur falou-me da vossa filha", diz Lala Deshbandu Gupta. "Os jornais imprimem histórias tão exageradas sobre isto ou aquilo. Pode haver uma propagação doentia de rumores. Sugiro que um comité de inquérito imparcial leve a menina a Mathura e verifique as suas afirmações na referida vizinhança e local."

"É uma sugestão sensata", diz Tara Chand Mathur. "Qual é a sua opinião, Rang Bahadur?"

"O marido da Shanti Devi da sua vida anterior esteve aqui, e também o primo do marido dela. Na opinião deles, as informações dela correspondem às deles."

"Recusa-se a permitir que ela seja levada a Mathura?", pergunta Neki Ram Sharma.

"Absolutamente", responde Rang Bahadur.

Mahatma Gandhi intervém

Quem é o homenzinho de tanga que caminha pelas ruas estreitas de Chirakhana, respeitosamente seguido por três cavalheiros distintos? Ele tem um rosto magro, quase mirrado. A sua cabeça é totalmente careca e não lhe restam muitos dentes, mas o seu rosto é envolvido por sorrisos maravilhosos que ele distribui livremente e com bondade a todos. As pessoas em todo o lado admiram-no e amam-no devido à sua forte paixão pela retidão, verdade e liberdade.

Alguém sussurra que ele está a caminho da casa de Rang Bahadur. Será sua intenção conhecer aquela menina estranha?

As pessoas prostram-se na rua e estendem as mãos tentando tocar nos seus pés.

"Não é ele o amigo e pai de todos? Babu Gandhiji, abençoe-nos!"

Gandhi ri-se. Ele parece suave, quase inocente atrás dos seus óculos grossos. Acena com a mão, pois é sua intenção que as pessoas se levantem novamente.

Ele não quer ser adorado como um homem santo ou um santo.

A mensagem de Gandhi é *ahimsa*, vitória sem o uso de violência. Pode-se vencer o coração mais duro com humildade e mansidão. Ele desenvolveu a filosofia da não-violência a partir da ciência do ioga. A falsidade é superada pela não cooperação com ela.

Gandhi defendia que nada de permanente pode ser construído com a ajuda da violência. A violência apenas gera mais violência. Ele vai tão longe na sua definição de não-violência ao ponto de dizer que um homem não deve sequer ter pensamentos negativos sobre os outros.

Um rapaz sujo e sem casta corre na sua direção. Alguém tenta afastar o rapaz, mas Gandhi agarra-o e beija-o. A multidão aplaude.

"É aqui", diz Neki Ram Sharma. "Vamos entrar."

Mahatma Gandhi sobe a escadaria escura, seguido por Neki Ram Sharma, Lala Deshbandu Gupta e Tara Chand Mathur.

Prem Pyari não consegue acreditar nos seus olhos quando está prestes a receber os seus convidados. Rang Bahadur está estupefacto. Que honra!

Gandhi sorri calorosamente e faz sinal a Shanti Devi para se aproximar.

"Esta é a menina, presumo. Tão inteligente e madura para a sua idade. Gosto dela imediatamente", diz ele.

Rang Bahadur cai de joelhos perante o Mahatma e toca-lhe nos pés.

"A que devo a honra da sua visita?"

"É sobre a sua filha, Shanti Devi. Neki Ram Sharma contou-me a história incrível. Eu gostaria que você, Rang Bahadur, permitisse que a menina viajasse para Muttra."

"Receio que ela venha a ser infeliz no futuro."

"Não compreende que é a vontade de Deus? Não pode impedir a menina de confrontar o seu destino. Não se pode opor à lei do karma, ninguém pode. Tudo é governado pelo karma. O karma é a vida."

Gandhi continua:

“Tenha sempre o nome sagrado do Senhor nos seus lábios e será aliviado da preocupação.”

“Lugdi Devi tinha sempre o nome sagrado nos lábios”, diz Shanti Devi. “O nome de Deus estava sempre com ela. Também estava com ela quando reencarnou. Eu lembro-me disso.”

“Compreendo”, diz Gandhi. “Espero saber mais quando tiverem estado em Muttra. Estarei a acompanhar-vos com pensamentos amorosos. O que é preciso é mais verdade. Nunca se afastem do caminho da veracidade, custe o que custar.”

“Abençoe-nos”, diz Prem Pyari. “Estamos tão felizes e orgulhosos.”

“Boa sorte em Muttra. Deixarei todos os detalhes com Neki Ram Sharma e os outros dois cavalheiros aqui presentes. Tara Chand Mathur é advogado. Ele sabe como tudo deve ser feito legalmente. Deve-se seguir todas as leis, grandes e pequenas. Mas a lei mais importante de todas — o amor a todos os seres vivos — está no coração.”

Gandhi levanta Shanti Devi e beija-a. Ela coloca os braços em volta do seu pescoço emaciado e chora contra o seu ombro.

O homem minúsculo, frágil, desdentado, mas poderoso, acaricia-lhe o cabelo com ternura.

“Não pode vir connosco para Muttra?”, pergunta Shanti Devi. “O senhor é tão bom, é... como o meu *Jeth*.”

Gandhi ri-se e volta a pousar a menina.

A Viagem para Muttra

O dia 24 de novembro de 1935 é um dia ensolarado e de um frio revigorante. Quinze pessoas altamente respeitadas de Deli viajam num comboio para Muttra juntamente com Shanti Devi, de quase nove anos.

A liderança do Comité de inquérito foi atribuída aos já mencionados Tara Chand Mathur, Neki Ram Sharma e Lala Deshbandu Gupta.

Entre os outros membros destacam-se outro eminente advogado, dois jornalistas conhecidos em toda a Índia, um político distinto, alguns empresários e funcionários do governo, todos conhecidos pelo seu carácter impecável.

“O templo vai estar fechado. Não temos tempo para chegar ao templo.”

“A que templo se refere?”, pergunta Lala Deshbandu Gupta.

“O templo Dvarkadish. Eles fecham ao meio-dia e não voltam a abrir até à noite. Não chegaremos a tempo.”

As horas passam e aproximam-se de Muttra. Todos no grupo observam as reações de Shanti Devi com grande interesse.

Agora ela quer aproximar-se da janela.

“Estamos em Muttra!”, grita ela.

O encontro com o Jeth

Quando o comboio chega à plataforma, há pessoas em todo o lado. Kedar Nath Chaubey e a sua família foram informados sobre a chegada de Shanti Devi e do Comité de inquérito.

O grupo de Shanti Devi apenas deu alguns passos na plataforma quando ela descobre alguém que conhece — um homem mais velho vestindo calças claras de corte largo.

Shanti Devi corre na sua direção e abraça-lhe as pernas e não o solta. Sussurra qualquer coisa. Ele é apanhado de surpresa e vira o rosto da menina para os outros que se aproximam.

“É incrível!”, exclama ele. “Então deve ser verdade.” Todo o grupo reuniu-se em volta do homem e da menina. Ela deve agora dizer-lhes em voz alta e clara quem encontrou. Ela tem lágrimas de felicidade nos olhos.

“É o meu *jeth*”, explica ela, “o meu cunhado.”

O digno brâmane está espantado e profundamente comovido.

“O meu nome é babu Ram Chaubey”, diz ele. “Esta criança perguntou-me se eu tinha cuidado da sua planta de manjericão sagrado, o que eu tinha prometido fazer antes de ela nos deixar e viajar para Agra. É verdade, Lugdi Devi disse-me antes... Lugdi Devi, então és mesmo tu neste corpo de criança? Há um brilho nos teus olhos...”

Tulsi é uma planta sagrada que tradicionalmente é usada em ligação com cerimónias religiosas.

Babu Ram Chaubey levanta a menina e dá-lhe um abraço. Ela, por sua vez, acaricia-lhe a face.

É uma cena profundamente comovente. O Comité recebeu a sua primeira prova quando estava prestes a descer para a plataforma.

Tara Chand Mathur apresenta todo o grupo a babu Ram Chaubey. A menina fica ao seu lado e aperta-lhe a mão como se não a quisesse largar.

“O propósito da nossa viagem é conduzir uma investigação imparcial da afirmação da menina sobre a sua vida anterior”, diz Tara Chand Mathur. “Pediríamos que não falasse com ela antes de a nossa tarefa estar terminada.”

“Compreendo”, responde babu Ram Chaubey. “Tenham cuidado com a criança. Lugdi Devi era tão sensível.”

A casa amarela

Babu Ram Chaubey despede-se com uma vénia. Neki Ram Sharma vira-se para Shanti Devi.

“Estamos agora a confiar a liderança desta visita inteiramente a ti, Shanti Devi. Tu deves mostrar-nos o caminho para os locais com que estás familiarizada e até decidir o que mais faremos. Podes guiar-nos até ao local onde viveste antes?”

Shanti Devi olha em volta para se poder orientar. O grupo chama por vários táxis e a menina senta-se no primeiro.

Durante a viagem, ela permanece sentada em silêncio por um tempo e Neki Ram Sharma pensa que ela perdeu o sentido de localidade, mas não perdeu. Ela aponta para uma rua estreita com várias árvores.

“Aqui”, diz ela. “Podemos sair aqui e caminhar o resto do caminho.”

“Para onde nos dirigimos?”, pergunta Tara Chand Mathur.

“Vamos para a primeira casa que tive quando era recém-casada”, responde Shanti Devi. “O meu marido Kedar Nath comprou a casa para nós. Nunca esquecerei o quão feliz fui. Fui levada para lá por Kedar Nath no dia do nosso casamento, para a minha casa amarela que eu amava.”

Tara Chand Mathur e Neki Ram Sharma escutam, mas sem estarem mais espantados. Tudo é tão objetivo, tão credível. Não são necessários comentários, apesar de ser a experiência mais invulgar que alguma vez testemunharam.

Shanti Devi lidera o caminho. Os outros seguem-na de perto. Mais longe, entre as árvores, avistam um homem idoso. Ele vem na direção deles com passos lentos.

Shanti Devi reconhece-o imediatamente e corre para ele. Ela inclina a cabeça em direção aos joelhos dele e beija-lhe as mãos.

“Foi o senhor, babu Mahadev, que me deu os meus *chureys*, as minhas pulseiras de tornozelo. Lembra-se? O senhor disse: ‘Ela dançará em honra de Krishna, ela é tão ágil como uma *gopi*, uma daquelas raparigas puras que amam a Deus.’ O senhor apreciava a minha dança.”

“Bendito seja o Senhor”, exclama o brâmane. “Essas foram as minhas próprias palavras. Então regressaste, Lugdi Devi. Bendito seja o Senhor.”

“Este é o meu sogro, Mahadev Chaubey, um homem muito sábio”, explica Shanti Devi orgulhosamente.

Todos escutam devotamente. Agora Shanti Devi assume o comando novamente.

“A casa é um pouco mais à frente. É amarela.” Ela está extremamente excitada. Neki Ram Sharma apressa-se a segui-la.

“Sim, há uma casa ali”, diz ele, “mas deves estar enganada. Não é amarela.”

“Sim, é amarela”, diz Shanti Devi obstinadamente. “Eu sei que é.”

Ela fica silenciosamente desapontada. Todos no grupo podem agora ver uma casa decorativa, de tamanho médio, que está completamente pintada de branco.

“Não importa, é fácil estar enganada num ponto”, diz Tara Chand Mathur. “Estiveste certa em tantas outras coisas.”

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 65

“É amarela”, diz Shanti persistentemente. “Tem de ser amarela.” Ela está extremamente infeliz e próxima das lágrimas. “É a minha casa, de qualquer maneira.”

Ela corre à frente dos outros para o jardim onde dois homens estão parados a conversar. Olham com espanto para a menina, que não lhes presta atenção. Depois, descobrem todo o grupo que se aproxima hesitante.

A porta principal está aberta e Shanti Devi entra diretamente.

“Eu alugo esta casa”, diz o mais velho dos dois homens. “Alugo-a ao Kedar Nath Chaubey. Este é um vizinho que também conhece as circunstâncias aqui. Lugdi Devi... Sim, esse era o nome da antiga esposa de Kedar Nath Chaubey. Ela morreu.”

“Esta menina, Shanti Devi, julga poder provar que é a reencarnação de Lugdi Devi, mas diz que a casa deveria ser amarela.”

“Sim, foi assim. Mandámos pintá-la e pagámos do nosso próprio bolso. Quando Lugdi Devi era viva, a casa era amarela. Isso está absolutamente correto.”

Ouve-se um murmúrio vindo do grupo de ouvintes. Mais uma prova pode ser acrescentada às restantes.

Mais evidências

Agora, Shanti Devi está de pé à ombreira da porta. Parece absolutamente radiante.

“Depressa, venham todos aqui. Vou mostrar-vos o meu quarto; vou mostrar-vos tudo.”

Todos entram na casa e Shanti Devi explica que mudanças foram feitas, inclusivamente como a mobília estava disposta antes.

“Vou mostrar-vos a minha sala de oração no andar de cima”, diz Shanti Devi. “Era ali que eu tinha a minha planta de manjericão sagrado. O meu marido e eu tínhamos os nossos quartos no andar de cima.”

Ela sobe as escadas aos saltos e os outros seguem-na. É incrivelmente emocionante observar as mudanças de expressão no seu rosto infantil, mas maduro. Ela abre a porta.

Quando não consegue encontrar o altar, fica desapontada. Depois, diz com um suspiro de alívio:

"Não, é verdade. Naturalmente, deve ter desaparecido. Levei a minha planta comigo para a segunda casa que tivemos e o meu canto de devoção também está lá, mas eu vivi aqui com o meu marido. Era aqui que ficava a minha cama."

"Está correto", confirma o inquilino. "Percorremos a casa quando estávamos prestes a alugá-la e vimos onde Kedar Nath e a sua esposa tinham os seus quartos. Posso fazer à menina uma pergunta que é quase um pouco franca demais?"

Tara Chand Mathur e Neki Ram Sharma dão a sua permissão.

"Sim, então eu gostaria apenas de saber onde fica o *jai-zarur* da casa."

Jai-zarur é uma expressão de calão dialetal, uma palavra típica de Muttra que nenhum dos convidados de Deli ouvira antes.

Shanti Devi fica ligeiramente embaraçada, mas logo desce as escadas aos saltos.

"Aqui", grita ela e bate numa porta.

O inquilino ri-se e explica num sussurro a Tara Chand Mathur que tipo de coisa é um *jai-zarur*. A palavra significa "por força" e é usada pelos habitantes de Muttra em vez da palavra casa de banho. Há uma gargalhada geral quando a ligação é compreendida.

O grupo despede-se do inquilino e do seu vizinho e prossegue.

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 67

Um lar

A velha rua dos Chaubeys em Muttra testemunha um espetáculo invulgar, uma procissão liderada por uma menina séria. De repente, ela avista um jovem.

"É o meu irmão", grita ela. "Nuthura Nath, o meu irmão."

Ela agarra-o pelo pescoço. Ele não deve ter mais de vinte e cinco anos. Abre os braços e abraça-a, apanhado de surpresa. Ele é esguio e bem constituído.

"O meu irmão e eu éramos tão parecidos", exclama Shanti Devi. "Tu ficavas zangado quando as pessoas achavam que eras parecido com a tua irmã, lembras-te?"

O jovem abana a cabeça e sorri com dentes brancos como pérolas.

"Como sabes isso? És tu que és a Lugdi Devi? Posso perguntar se sabes os nomes dos teus outros dois irmãos?"

"Vitala Nath e Ayodhya Nath", ri-se Shanti Devi. "Não deveria eu saber os nomes dos meus próprios irmãos? Gosto muito de todos os meus familiares."

Nesta fase, todos já se habituaram à memória excecional de Shanti Devi.

Shanti Devi e o seu irmão da vida anterior iniciam uma conversa animada. Fazem perguntas um ao outro como se fosse uma competição. As respostas de Shanti Devi são espontâneas e sem hesitação. Ela está autoconfiante e feliz.

"Algo divino a inspira", diz Lala Deshbandu Gupta. "Não há dúvida sobre isso."

Shanti Devi mostra agora uma atitude mudada; está mais contida. Quando se aproxima da casa onde Kedar Nath e a sua família ainda vivem, o seu porte torna-se o de uma mulher adulta.

Tara Chand Mathur estuda-a e imagina que consegue distinguir os contornos de outro ser — uma mulher que foi posta à prova e amadureceu.

Shanti Devi aponta para a casa. Não há tons infantis na sua voz.

"Foi aqui que passei o tempo mais feliz da minha vida, mas também o mais difícil. Estive extremamente doente."

Kedar Nath Chaubey, a sua esposa e o filho de Lugdi Devi, Naunita Lal, estão à espera no hall. Shanti Devi faz uma vénia reverente e esconde um pouco o rosto com o seu sari.

Ela dirige-se ao seu filho e beija-lhe a testa. Saúda a esposa de Kedar Nath, que cora e esconde o rosto, com uma vénia reservada. É uma cena estranha. Depois disso, Shanti Devi faz um gesto para permitir que o grupo se aproxime.

"São todos bem-vindos", diz ela. "Foi aqui que passei a maior parte do meu tempo como mulher casada quando era Lugdi Devi. Agora vou mostrar-vos tudo — a minha casa, a minha planta de manjericão sagrado, as minhas roupas, as minhas joias, tudo. Tu compreendes, Kedar Nath, que estamos aqui para verificar que o que eu disse sobre a minha vida anterior é a verdade. Ninguém tem permissão para falar comigo. Eu própria descreverei tudo. Não ficaremos muito tempo."

O brâmane parece muito mais perturbado do que Shanti Devi.

"Deus esteja contigo, Lugdi/Shanti Devi", diz ele. "Podes ficar o tempo que desejares e fazer o que entenderes. Afinal de contas, este era o teu lar, Lugdi Devi."

"Este era o meu verdadeiro lar", diz a menina, "vivi aqui como uma mulher de verdade. A cozinha é ali fora. Podemos dar-lhe uma olhadela, se quiserem. Depois podemos subir, onde vos mostrarei o meu quarto. Há também o canto onde eu costumava rezar e a minha planta."

Kedar Nath quer dizer algo, mas ela já vai a meio das escadas. Ele segue-a e abre uma porta. A expressão de Shanti Devi torna-se petrificada. É óbvio que o quarto já não é usado. Há apenas um armário grande

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 69

e várias caixas de embalagem.

"Onde está a minha planta de manjericão sagrado?" pergunta ela subitamente. "Babu Ram disse que tinha cuidado dela. O que fizeste ao meu quarto? Onde está o meu canto de oração?"

Kedar Nath parece embaraçado.

"Babu Ram ainda tem a tua planta. Não há nada de errado com ela. Está extremamente grande. O teu quarto... Sim, os tempos mudam e..."

"Onde está o quadro de Krishna, Kedar Nath? Ainda não está aqui? Eu adorava-o."

"Está nalgum lugar. Não sei bem onde", diz Kedar Nath rapidamente. "Porque deveria o teu quarto estar da mesma forma que estava antes... Lamento muito, Lugdi Devi, eu simplesmente não sabia melhor."

As joias de Lugdi Devi

Shanti Devi entra no quarto e para diante do grande armário.

"Não o estás a usar para nada de qualquer maneira. Não gosto desse armário. A minha cama ficava ali antes."

"Sim, está correto", diz Kedar Nath. "A cama dela ficava ali."

Shanti Devi observa Kedar Nath e há ternura na sua expressão, sem acusação. Mesmo assim, é como se um ajuste de contas contínuo estivesse a ocorrer entre este casal que agora se reencontra.

"Eu tinha algumas roupas neste armário", diz Shanti Devi. "Ele estava no rés-do-chão antes. As minhas roupas ainda estão aqui?"

A esposa de Kedar Nath está atrás dele. Ele lança-lhe um olhar irresoluto. Ela abana a cabeça.

"Não, claro que não, elas não poderiam ainda estar aqui depois de tanto tempo", diz Shanti Devi. "E quanto às minhas joias — os meus *chureys*?"

"Sim, claro. Ainda estão aqui", diz Kedar Nath. Ele aparece com uma caixa de joias que abre.

As mãos infantis de Shanti Devi mergulham nas joias. Há colares de pérolas, pulseiras e pulseiras de tornozelo. Ela pega num esplêndido fio de pérolas com um rubi, que pendura sobre a testa e prende em volta da cabeça.

"É o meu *chand*", diz ela. "Tu deste-mo, Kedar Nath. Não é lindo?"

Ela olha-se ao espelho, mas quando vê o seu reflexo, recua. Começa a procurar novamente na caixa.

"Isto é meu — isto não é meu. Tu deste-me este anel quando nos casámos. Aquele anel... Aqueles anéis são dela."

Ela vira-se para a esposa de Kedar Nath, que puxa o seu sari e começa a chorar. Ela sai apressada do quarto. Não consegue aguentar mais.

"Perdoa-me", diz Shanti Devi. "Será que a deixei perturbada? Não era minha intenção."

"Eu sei disso", sussurra Kedar Nath, "mas não se deve pedir demais."

"Não estou a pedir nada", diz Shanti Devi. "Aqui... aqui estão os meus *chureys* (pulseiras de tornozelo) que Mahadev me deu."

Um reflexo de um grito de alegria do passado faz os seus olhos brilharem. Ela coloca as pulseiras de tornozelo em volta dos seus tornozelos e dança alguns passos. O ouro e a prata fazem um som tilintante.

O passo seguinte que ela dá faz as pulseiras de tornozelo deslizarem. Os seus tornozelos são demasiado finos para as joias de uma mulher adulta.

"Gostarias de as ter?" suplica Kedar Nath. "Gostarias de as ter de volta?"

"Não", responde ela. "Vamos agora."

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 71

Saem do quarto. Todos estão calados. A atmosfera é melancólica depois de tudo o que foi testemunhado.

"Ali está o meu sari branco", diz Shanti Devi ao passar. "Reconheço-o."

Ela aponta para uma mesa onde está uma pilha de roupa lavada. Ri-se. Não é um riso infantil.

"Há mais alguma coisa que gostariam de saber antes de irmos ao templo?"

"Estamos convencidos", diz Tara Chand Mathur. "Falo em nome de todos nós quando digo que estamos convencidos."

O poço esquecido

"O poço!" exclama Neki Ram Sharma. "Tu falaste tanto de um poço onde costumavas sentar-te a polir os teus vasos de prata. Pergunto, não porque não acredite em ti, mas porque estou curioso."

"Vou mostrar-vos o poço", responde Shanti Devi. Saem para o grande pátio.

Há um armário com vasos de prata e outros artigos valiosos que só seriam de esperar numa casa tão abastada. O chão é pavimentado com pedra. Shanti Devi olha em volta.

"Os quadros sagrados desapareceram", diz ela.

"Mas onde está o poço?" pergunta Neki Ram Sharma. "Não consigo ver nem o mais pequeno vestígio dele."

"O poço é ali", diz Shanti Devi.

Ela aponta para um canto do pátio, mas ninguém consegue descobrir ali nenhum poço. Sente-se quase um certo alívio por ela poder estar errada.

Kedar Nath dirige-se ao canto indicado. Ele baixa-se e retira várias pedras.

"Nós tapámos o poço", diz ele. "Eu próprio quase me tinha esquecido dele. A água tinha ficado contaminada. É impossível encontrar o poço se não se souber onde ele está. Podem ver que ainda há um pouco de água lá no fundo."

As testemunhas aproximam-se e confirmam o facto de que existira um poço no local indicado. Lá no fundo do poço, a superfície da água brilha.

O esconderijo secreto

"Vamos voltar, lá para cima, para o meu quarto", diz Shanti Devi. "Vou mostrar-vos onde tinha o meu dinheiro escondido, o dinheiro que estava a poupar para o meu filho."

Ela sobe as escadas e Kedar Nath abre novamente o quarto deserto. As testemunhas perguntam-se o que quererá ela dizer, pois lá dentro não há o mais pequeno vislumbre de um esconderijo. Shanti Devi dirige-se a um canto do quarto e, usando o pé, tenta levantar uma tábua do soalho.

"Podes ajudar-me a levantar a tábua do soalho?"

Aparentemente, a tábua do soalho está bastante solta. Quando Kedar Nath levanta a tábua, um esconderijo entre os dois pisos fica exposto. É bastante profundo. Shanti Devi enfia a mão e o antebraço no buraco, até ao ombro.

"O meu dinheiro desapareceu. Eu sei que estava ali. Cento e cinquenta rupias!"

Tudo o que ela consegue encontrar são vários pedaços de entulho que segura na mão.

"Onde está o meu dinheiro, Kedar Nath?" pergunta ela. O brâmane desvia-se e evita o seu olhar.

"Gastei-o, gastei-o... Porque deveria ainda estar aqui? Parecia inútil deixá-lo ali simplesmente parado."

"O que fizeste com ele, Kedar Nath?"

“Paguei o funeral”, diz ele em voz baixa.

“Disseste antes que te tinhas esquecido de o sacrificar. Disseste que

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 73

houve tal correria com o funeral. Disseste...”

“Sim, eu sei. Quebrei a minha promessa a Lugdi Devi. Isso ainda me atormenta terrivelmente.”

O homem maduro e a menina que também mostra um tipo singular de maturidade olham-se em silêncio. As testemunhas têm a sensação de que estão agora a tocar em algo que se estende para além de uma investigação como esta.

Talvez nos encontremos de novo

“Deveríamos estar realmente satisfeitos com os resultados da nossa investigação”, diz Neki Ram Sharma seriamente. “Pergunto-lhe à frente de todas estas testemunhas, pandit Kedar Nath Chaubey, qual é a sua opinião sobre esta menina que nos contou as suas reminiscências da sua vida anterior?”

“Reconheço a minha falecida esposa, Lugdi Devi, nesta criança”, responde Kedar Nath. “Ela era uma pessoa maravilhosa, fiel em todos os seus deveres.”

Todos estão profundamente comovidos. Shanti Devi lança um último olhar ao lar que outrora foi seu.

“Adeus, Kedar Nath”, diz ela. “Talvez nos encontremos de novo.”

“Serás sempre bem-vinda aqui... em casa”, responde ele.

Uma menina com duas mães

Surpreendentemente, Shanti Devi não mencionou muito sobre os seus pais na sua vida anterior. Parece que a sua recordação deles é ofuscada pela presença dos seus pais na presente encarnação. Quando falava do seu Verdadeiro lar, referia-se sempre ao seu lar com Kedar Nath. Quando era muito pequena, falava de vez em quando dos seus Verdadeiros pais, da sua Verdadeira mãe.

Em várias ocasiões mencionou o nome do seu pai, Chaturbhuj Chaubey. Tinha mencionado apenas uma vez o nome da sua mãe na sua vida anterior.

Casa de infância

No caminho da casa de Kedar Nath para o templo, ela manda parar os táxis a curta distância de um muro branco. Sai para a rua e todo o grupo segue-a — a uma boa distância.

Ela para e encontra a entrada. Depois, detém-se à

74 A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 75

porta e olha para o grande jardim por trás do muro.

"Esta é a minha casa de infância", diz ela, "mas estão aqui tantas pessoas!"

Ela entra no jardim sem hesitar e o grupo segue-a lentamente. Evidentemente, está a decorrer algum tipo de festa. Estão lá pelo menos 50 pessoas, na sua maioria mulheres.

Esta situação é talvez ainda mais penosa para ela do que as anteriores desse dia. Trata-se da sua origem e infância na sua encarnação anterior.

"Estarás algum dia satisfeita?", suspira Prem Pyari num sussurro. "Quanto deve uma mãe suportar? O que está a acontecer à minha filha?"

"Mamã, Mamã", grita Shanti Devi. Mas não é para Prem Pyari que ela se vira. Shanti Devi corre para uma senhora imponente, de meia-idade, num sari caro, que vem a revelar-se ser a sua tia na encarnação anterior. Shanti Devi levanta os braços para ela.

A senhora parece confusa. Depois, dá um abraço à menina. Mas algo parece errado.

"Não, não é a senhora", diz Shanti Devi. "A senhora não é Jagti Devi, a minha mãe."

Ouvem-se arquejos de surpresa das mulheres. Depois, todos se calam.

Shanti Devi corre para uma senhora de meia-idade, vestida de forma bastante simples e envelhecida precocemente. Ela abraça-a e começa a chorar. A velha senhora parece absolutamente confusa.

Uma criança, duas mães

"Mamã, Mamã, Jagti Devi", grita Shanti Devi. "É a Lugdi Devi, a sua filha."

A velha senhora abana a cabeça como se não compreendesse. Então Shanti Devi fala-lhe num sussurro para que nenhum dos outros possa ouvir. A velha senhora parece perplexa e puxa a menina para si. Shanti Devi tem de repetir o que acabou de dizer.

Ela está a fungar o tempo todo, tal como a velha senhora. Depois, ambas choram juntas.

Prem Pyari permaneceu ao portão, observando como uma espectadora. Todos, tanto as testemunhas fora do muro como os convidados lá dentro, conseguem ver a agonia em que ela se encontra. Ela põe ambas as mãos à frente do rosto para esconder as lágrimas.

"Meu Deus", sussurra ela, "agora estão a tirar-me a minha menina. O que hei de fazer?"

A cena é quase insuportável. Estão todos ali parados, sentindo-se atordoados e impotentes. As lágrimas de Shanti Devi não são lágrimas comuns. É quase como se

um fardo sobre-humano tivesse sido retirado. É uma libertação incrível, mas ao mesmo tempo extremamente dolorosa.

Nesse momento, Tara Chand Mathur, o advogado, entra no jardim. Sente que este jogo com o destino não deve ser levado longe demais.

"Lamento", diz ele. "Sou responsável por tudo isto e sinto que já foi longe demais. Não posso permitir que continue."

Ele solta a menina dos braços de Jagti Devi e guia-a gentilmente em direção a Prem Pyari. Prem Pyari agarra-se firmemente à filha, que tenta libertar-se.

Jagti Devi estende os braços atrás da criança que agora perdeu pela segunda vez.

"Ela perguntou-me se eu tinha oferecido flores e doces a Krishna, como lhe tinha prometido no hospital em Agra", diz Jagti Devi. "Esqueci-me de fazer o que ela me tinha pedido. Agora ela pediu-me que fizesse isso hoje. Quando a abracei, foi a Lugdi Devi que segurei nos meus braços. Ela era a minha menina."

"Não fizeste o que te pedi, mamã", chora Shanti Devi.

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 77

"Por isso agora tenho de ser eu a fazê-lo. Porque é que todos quebraram as suas promessas? Porque é que se mente sempre a uma pessoa que está a morrer?"

"Isto deve certamente ser suficiente agora", diz Prem Pyari subitamente. "A menina é nossa de qualquer maneira. Ela está doente, todo o seu corpo está a tremer."

"Não estou doente", protesta Shanti Devi. "Deixem-me em paz. Tu não és a minha mãe verdadeira. A minha mãe verdadeira é Jagti Devi e ali está o meu pai, Chaturbhuj Chaubey."

Ela liberta-se e corre em direção a um homem mais velho, vestido com um traje típico de Muttra. Ele estivera parado ao lado dos outros, observando o desenrolar dos acontecimentos.

"Tu... Tu és a Lugdi Devi, a nossa menina", murmura ele. "Criança... Tu sabias que eu sou Chaturbhuj Chaubey. Há mais alguma coisa que me possas dizer?"

Shanti Devi hesita.

"Vocês eram muito pobres", diz ela com franqueza. "Tiveste de te endividar para poderes pagar o meu dote porque querias que eu fosse a esposa do rico Kedar Nath Chaubey."

De alguma forma, a atmosfera tensa é aliviada por esta observação.

"É verdade", diz ele. "Eu era muito pobre; mais pobre do que sou agora. A menina tem razão, mas porque não nos disseram que ela viria ver-nos? Quanto tempo poderá a nossa filha recuperada ficar connosco?"

Prem Pyari e Rang Bahadur caminham em direção ao Brâmane e tentam fazer com que a menina vá com eles.

"Ela não pode ser vossa filha", diz Rang Bahadur. "Nós criámo-la, ela ainda é nossa."

"Mas por favor, deixem-na ficar um pouco", pede Jagti Devi humildemente. "Nós amávamos tanto a nossa Lugdi Devi. Prometemos fazê-la feliz. Não gostaria ela de viver na casa da Lugdi Devi, brincar com os seus brinquedos, vestir as suas roupas? Guardámos tudo porque a amávamos muito."

"É impossível", diz Rang Bahadur. "Não será isso ir contra a natureza, contra nós? Suspeitei que isto aconteceria. Eu avisei-vos, mas ninguém me ouviu."

"Querem roubar-nos a menina", diz Prem Pyari. "Estão todos a participar nesta conspiração."

"Deixem a menina escolher", diz Jagti Devi. "Ela é a única que tem o direito de escolher. Nenhum de nós tem esse direito."

Prem Pyari olha suplicante para Tara Chand Mathur, mas ele apenas acena com a cabeça em consentimento. O marido dela permanece ali, imóvel, sem mudar de expressão.

"É o destino, minha querida esposa", diz ele. "É o karma. Somos todos escravos sob a lei do karma."

Shanti Devi permanece ali, hesitante e pensativa. É uma decisão difícil para ela tomar. Já não está a chorar, mas está profundamente séria. Por fim, entrega-se a Rang Bahadur e Prem Pyari. Quando sai pela porta, volta-se e sussurra:

"Perdoa-me, mãe Jagti. Perdoa-me, pai Chaturbhuj."

No templo

A notícia sobre Shanti Devi e a sua visita a Muttra espalhou-se como fogo em palha seca. Os habitantes de Muttra estão em polvorosa. Vêm pessoas de todas as direções. Estão a seguir os táxis. Todos querem aproximar-se o mais possível dela. O ar vibra com perguntas e gritos.

Quando Shanti Devi se volta, percebe como as ruas estão apinhadas de pessoas que seguiram atentamente cada movimento seu.

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 79

Ela está habituada a multidões de Deli, por isso não se sente perturbada com isso. A multidão aumenta. Os táxis têm dificuldade em passar. É como uma procissão triunfal e é possível que Shanti Devi a veja como tal.

Ela sorri e olha em todas as direções. O seu rosto infantil irradia irresistivelmente. As pessoas aplaudem alegremente.

"Lugdi Devi, voltaste para nós!"

Ela levanta-se na carruagem e saúda os espectadores com as mãos unidas junto ao peito e a cabeça inclinada para a frente. A multidão aplaude e grita.

Estão a aproximar-se do templo Dvarkadish. A enorme porta de bronze acaba de se abrir. A menina sobe as escadas a correr. Sacerdotes em vestes cor de laranja observam-na. Talvez estejam surpreendidos com o seu entusiasmo.

Shanti Devi cai de joelhos à entrada e inclina a cabeça em direção ao chão. O grupo aproxima-se lentamente atrás dela. Todo o pátio do templo está apinhado de gente.

"Oh, Dvarkaish Hari", grita a menina. "Oh, Dvarkadish, recebe-me. Sou Lugdi Devi que reencarnou."

Na escuridão do templo, a bela figura dançante de Krishna, em ouro e prata, começa a mover-se. Ele está mesmo a dançar. Não é uma ilusão. A imagem de Dvarkaish Hari é uma obra-prima técnica.

A menina aproxima-se de gatas, descalça, até ficar diante dele e poder olhá-lo nos olhos.

"Krishna, Krishna", sussurra Shanti Devi. "Ajuda-me como sempre fizeste."

Depois, Shanti Devi desce o Vishrant Ghat em direção ao Jumna, o rio sagrado. A multidão afasta-se quando ela se aproxima. Os gritos de alegria calaram-se e dão lugar a uma atmosfera solene.

As pessoas estão paradas e observam a criança mover-se com dignidade em direção ao rio. Veem-na coberta de flores pelos sacerdotes.

Junto ao rio, Shanti Devi tira as grinaldas de flores e coloca-as cuidadosamente sobre a superfície da água. Bebe um pouco de água e quer banhar-se no rio.

Mas Tara Chand Mathur impede-a.

"Querida criança, não temos tempo para isso. O povo pediu-nos para nos reunirmos num local público e lhes darmos um relato do que aconteceu. Vais deixar que te conheçam? Gostarias de dizer algo tu própria?"

"Sim", responde Shanti Devi.

Eles deixam agora o rio. Os táxis levam-nos para o pátio de uma escola próxima, onde é rapidamente montado um tribunal improvisado. É um pátio escolar grande. Milhares de pessoas reuniram-se e há ainda um fluxo contínuo de pessoas a aparecer.

Tara Chand Mathur e Neki Ram Sharma dão um relatório detalhado do que aconteceu e os outros membros do Comité confirmam o que foi dito.

Por fim, até Shanti Devi faz um discurso. Ela mostra-se digna e séria. Termina o seu curto discurso dizendo:

"Estou feliz por ter vivido aqui, mas agora pretendo continuar a minha nova vida em Deli."

Já é tarde. Shanti Devi está extremamente cansada de toda a excitação e novas experiências. Tara Chand Mathur é obrigado a dispensar um grupo de habitantes locais que querem que eles permaneçam lá pelo menos até ao dia seguinte.

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 81

No comboio de regresso a casa, Shanti Devi diz algumas palavras antes de adormecer:

"Quando for crescida, vou mudar-me para Muttra."

O meu primeiro encontro com Shanti Devi

Quando o Comité de inquérito regressou a Deli, foi escrito um relatório descrevendo as experiências testemunhadas durante a visita a Muttra. Todos estavam de acordo em que as reações de Shanti Devi tinham sido genuínas do princípio ao fim e que Lugdi Devi/Shanti Devi é, irrefutavelmente, um caso de reencarnação genuína. O relatório foi publicado. O material foi também apresentado a vários cientistas notáveis para análise. Ninguém foi capaz de negar as evidências que foram apresentadas.

Shanti Devi continuou com a sua escolaridade.

De vez em quando, escreviam-se artigos sobre ela nos jornais, mas isso acontecia cada vez mais raramente. Shanti Devi cresceu e tornou-se uma mulher calma e reservada.

Pensava frequentemente em Kedar Nath. Por vezes, recebia uma carta dele. Havia trocas de mensagens infrequentes, mas cordiais, entre eles. Ela passou a considerar Kedar Nath como um parente extraordinário.

Quando rebentou a Segunda Guerra Mundial, a economia de Rang Bahadur deteriorou-se. A ruína iminente batia à porta.

Shanti Devi terminou a escola e ofereceu-se para arranjar um emprego para ajudar a economia da família. Tinha 15 anos na altura.

Os seus pais tinham o desejo sentido e sincero de que Shanti Devi casasse com o rico Devendra Tayal. Ele declarara estar disposto a pagar a educação dela na Universidade em Simla.

Mas Shanti Devi recusou.

No seu coração, Shanti Devi sentia que tinha uma personalidade dividida. Kedar Nath casara novamente e Lugdi Devi estava morta — oficialmente morta. Ela nunca poderia ter Kedar Nath de volta, embora ainda se sentisse ligada a ele. Quando ficava triste e desconsolada, o passado alcançava-a com uma força terrível. Era como se quisesse destruir a personalidade de Shanti Devi que lhe custara tão grandes esforços manter.

Para consternação dos pais, declarou que decidira nunca casar.

"Sou viúva", declarou ela, "e de acordo com as leis não escritas, uma viúva não pode voltar a casar. Ainda amo o meu marido. Guardo a sua memória como sagrada e ninguém mais pode ocupar o seu lugar. Ninguém pode alterar a minha decisão."

Uma proposta

Apesar da má situação financeira da família, Shanti Devi foi enviada para a Universidade em Simla, uma cidade no norte, na planície abaixo do sopé das montanhas dos Himalaias.

Para Shanti Devi, foi um imenso passo em frente poder estudar. As disciplinas eram Inglês, Hindi e

A Verdadeira História da Reencarnação de Shanti Devi 85

Sânscrito. Estava bem consciente do sacrifício que isso significava para os seus pais. Vivia em reclusão, estudava diligentemente e muitas vezes sentia-se terrivelmente sozinha.

Passado algum tempo, travou conhecimento com um jovem sikh chamado Ramdas Singh. Tinham interesses mútuos.

Shanti Devi, com quase 20 anos, sentiu um interesse caloroso pelo jovem, mas interiormente tinha a sensação contínua de que não podia trair Kedar Nath.

No final, quando Ramdas Singh a pediu em casamento, ela contou-lhe tudo sobre a sua vida anterior e sobre as suas experiências como Lugdi Devi.

Embora ele lhe pedisse insistentemente para esquecer tudo e viver no presente, ela declarou que não se sentia livre para casar com ele.

Separaram-se.

Quando Shanti Devi se licenciou, regressou a Deli. Parecia calma e feliz e já não falava de Kedar Nath ou de Muttra. Os seus pais esperavam que o seu bom senso a guiasse no sentido de se casar. Rang Bahadur aceitara um cargo junto de Devendra Tayal, cuja empresa, uma fábrica de papel, florescia. As duas irmãs de Shanti Devi já estavam casadas e o futuro da família parecia promissor.

Como era desejo do seu pai, Shanti Devi começou a trabalhar para Devendra Tayal, mas, no que dizia respeito ao casamento, ela nem queria ouvir falar nisso. A

imagem de Kedar Nath estava tão viva como sempre no olho da sua mente, mas ela nunca falava com ninguém sobre o seu passado e Devendra Tayal também não a embaraçava com quaisquer avanços nem exercia pressão sobre ela. Quais eram as esperanças de Shanti Devi para o futuro, ninguém sabia. No ano de 1947, ela recebeu uma mensagem notificando-a de que Ramdas Singh tinha sido morto em combate entre muçulmanos e hindus, um conflito que se vinha a atear desde que a Índia ganhara a sua liberdade.

O que farei eu com a minha vida? Durante este tempo, Shanti Devi teve contacto com Narsingh Guru Maha, que era um sacerdote no templo em Mandaleshvar, nos arredores de Deli. Ela tornou-se sua aluna de ioga. Também veio a conhecer Sushil Chandra Bose, um homem culto que estava especialmente interessado no período entre as suas vidas como Lugdi Devi e Shanti Devi. "Este período está envolto em trevas," diz Shanti Devi. "Sinto uma forte resistência em contar-lhe o que recordo. Se existe realmente algo sobre o qual deveria ser proibido falar, deve ser isto." No entanto, as perguntas dele despertaram nela memórias tanto difusas como distintas. Ela não se via como a Lugdi Devi viva, mas como a Lugdi Devi morta.

Uma nova perspectiva abriu-se a partir da escuridão que anteriormente fora sempre tão dolorosa. À noite, os seus pais eram frequentemente acordados pelo seu choro. Em sonhos, ela experienciava continuamente a sua própria morte. Ela parecia pálida e exausta durante este tempo. Os seus pais estavam preocupados com a sua saúde, e não sem razão. Outra pessoa com quem ela renovou contacto durante este tempo foi Maitri Deviji, a Santa Mãe. Shanti Devi estudou filosofia sob a sua supervisão. Ela podia falar abertamente com ela sobre os seus problemas e a questão perpétua: o que farei eu com a minha vida?

Visito Tara Chand Mathur

Ela terminou em breve o seu emprego de escritório na fábrica de papel para se poder dedicar inteiramente ao ensino. O seu sonho era ser capaz de construir a sua própria escola. Juntamente com os seus pais e o seu irmão, comprou um terreno nos arredores de Deli para esse fim. Foi por volta desta altura que ouvi falar da rapariga indiana reencarnada, Shanti Devi. Há muito tempo que eu tinha um interesse particular pela Índia e estudara a cultura indiana durante vários anos. Tive uma discussão sobre Shanti Devi com um indiano bem conhecido que vivia em Estocolmo na altura, o professor Shyam Sundar Goswami. Ele referiu um bom número de outros casos, mas disse que era impossível provar o que quer que fosse. Pesquisei em bibliotecas, mas não consegui encontrar qualquer informação sobre Shanti Devi.

A Embaixada da Índia declarou acreditar que um advogado notável em Deli, Tara Chand Mathur, estivera envolvido no assunto. Passado algum tempo, viajei para Inglaterra onde, entre outros, falei com um iogue indiano que tinha alguma informação para me dar. Eventualmente, tinha recolhido material suficiente para me permitir viajar para a Índia. Assim que cheguei a Deli, contactei o advogado, Tara

Chand Mathur. Ele parecia extremamente capaz de inspirar confiança. Tinha um cargo no Tribunal Superior e era um cidadão indiano altamente respeitado. Disse-me que os membros que fizeram parte da Comissão de investigação se tinham separado, mas que ele poderia dar-me todos os factos.

Uma coisa que perguntei imediatamente foi se ele estava convencido de que a rapariga não poderia possivelmente ter sido exposta a qualquer tipo de influência hipnótica. O advogado sorriu levemente onde estava sentado à sua secretária. "Isso é algo que podemos deixar inteiramente fora da discussão", disse ele. "A rapariga tinha apenas quatro anos quando começou a dizer coisas que não tinham nada a ver com o seu ambiente comum. Ela estava inteiramente sob a supervisão dos pais. Ninguém teria tido qualquer oportunidade de a hipnotizar." Antes de deixar o escritório do advogado, foram-me entregues todos os documentos relevantes para o caso de Shanti Devi. Quanto mais lia, mais convencido ficava de que a ocorrência que teve lugar em Deli e Mathura, e que é relatada neste livro, é um dos eventos mais extraordinários que aconteceu na Terra nos tempos modernos. Episódio após episódio, emerge uma imagem geral. Todas as declarações e acções de Shanti Devi podem ser explicadas psicologicamente. Não existem contradições. Ninguém pode ser tão ingénuo ao ponto de acreditar que poderia ter havido a possibilidade de uma conspiração entre Shanti Devi, os seus pais, alguns dos cidadãos mais respeitados de Deli e, por último mas não menos importante, o próprio líder indiano, Mahatma Gandhi.

Qual seria o propósito de tal conspiração? Shanti Devi não obteve riqueza nem fama com isso, nem ninguém o obteve. É bastante provável que ela pudesse ter vivido, se não em luxo, pelo menos como uma figura central numa nova seita religiosa se o tivesse desejado, mas tal não aconteceu. Poucas pessoas no Ocidente tinham realmente ouvido falar de Shanti Devi na altura. Foi quase por acaso que consegui localizá-la. Cedo no dia seguinte, fui juntamente com os dois filhos de Tara Chand Mathur à casa de Shanti Devi. Os jovens tinham, como vimos, conhecido Shanti Devi desde que ela era pequena.

Conheço Shanti Devi

Sou levado para uma sala onde sou apresentado aos pais de Shanti Devi. O pai dela tem a pele pálida e é aristocrático. Fala um excelente inglês, enquanto a sua esposa consegue falar apenas algumas palavras. Ela parece mais velha do que o marido, tem a pele mais escura e é mais reservada. Começamos a falar sobre Shanti Devi. Pergunto-lhes se poderia ter havido a possibilidade de alguém na família ou alguém conhecido lhes ter falado sobre Muttra quando ela era pequena, ou talvez alguma pessoa que ela tivesse encontrado na rua? "Absolutamente não", diz Rang Bahadur, enfaticamente. "Nós nunca deixamos as crianças sem vigilância aqui na Índia.

Tanto quanto sabemos, ela nunca teve qualquer contacto com ninguém de Muttra até ser apresentada a Kedar Nath e àqueles que ele trouxe consigo. "Ela esteve quase muda até aos quatro anos", continua ele. "Depois, começou a falar

espontaneamente sobre a sua vida passada. Tentámos ignorá-la. O que se pode fazer para convencer uma criança de quatro anos de que os seus pais não são os seus pais; que a sua casa não é a sua casa; que ela vive numa cidade estranha da qual nunca ouviu falar? Como se consegue que ela fale um dialecto que não se entende? Como se convence uma criança de quatro anos de que ela é casada e tem um filho? É impossível levar a cabo tal engano." O irmão de Shanti Devi, Viresh Narain, que trabalha para as linhas aéreas indianas, chega a casa, e em breve a própria Shanti Devi está à porta. Ela dá a impressão de ser comum, encantadora e juvenil, embora seja uma mulher madura. Durante a conversa que se segue, Shanti Devi fala sobre as suas duas vidas. Calma e objectivamente. "Lembro-me do que aconteceu na minha vida passada. Lembro-me da minha infância em Deli e lembro-me da minha infância em Muttra.

A primeira parte da minha infância em Deli foi a mais difícil porque eu não compreendia bem que era uma criança e que vivia em Deli. Acreditava que estava em Muttra, e tinha de ser continuamente lembrada de que estava em Deli. Eventualmente, compreendi. Tive de aprender que era uma criança e não uma mulher adulta. Aprendi que tinha outros pais e que devia aceitar o meu novo ambiente. À medida que os anos passavam, tornava-se mais fácil. Foi um período de ajuste, no entanto, durante todo o tempo tive recordações duplas de tudo." "As suas recordações eram definidas e estavam prontas desde o início?" "Parece sempre que nos lembramos de uma coisa a seguir à outra.

Hesitamos — terá sido mesmo assim? — e de repente temos uma imagem clara. Depois temos novas associações, lembramo-nos de mais e mais. Às vezes temos a certeza absoluta desde o início, outras vezes não, até mais tarde." "Ainda recorda novos detalhes?" "Acontece ocasionalmente." "Tem de fazer um esforço para evocar as suas recordações — forçar-se?" "Eu não sabia o que significava lembrar, quando era muito pequena. Estava tão vivo. Não reflectia sobre o procedimento em si. A minha vida anterior ainda estava comigo. Nunca tinha chegado realmente ao fim. Era a minha vida Real, a outra era como um sonho. A minha vida passada como Lugdi Devi era tão intensa.

Quando não correspondia à realidade, tornava-se um tormento. Imaginem apenas uma criança pequena nesta situação. Eu não compreendia como tudo estava ligado. De vez em quando era muito confuso, mas depois tornava-se cada vez mais claro." "Agora não tem qualquer dificuldade em diferenciar entre a sua vida anterior e a sua vida actual?" "Não, agora sei que não tenho duas personalidades dentro de mim, mas que existem dois períodos diferentes." Sentamo-nos em silêncio. Eventualmente pergunto: "Lembra-se também do período após a sua morte? O tempo que passou entre a morte de Lugdi Devi em Agra e o nascimento de Shanti Devi em Deli? Foi mais de um ano, se não me engano." "Foi exactamente um ano, dois meses e sete dias", diz Shanti Devi. "Sim. Também me lembro desse período, se é que se pode chamar-lhe lembrar." "O que quer dizer com isso?" "É algo que não pode ser bem explicado em palavras. Podemos lembrar-nos de coisas que se manifestam na vida, mas quando diz respeito à morte é diferente." "As suas

experiências não foram baseadas em sensações no sentido normal?" "Não, elas cessaram quando morri, mas não se morre tão rapidamente como as pessoas geralmente acreditam." "Agora não compreendo.

Uma pessoa não está verdadeiramente morta quando é declarada fisicamente morta por um médico?" "Não! No entanto, não quero falar sobre esse período. Não é correcto." Antes de partir, pergunto-lhe se gostaria de me acompanhar a Muttra para que ambos possamos experienciar algo da sua vida anterior, conhecer Kedar Nath, o filho de Lugdi Devi, Naunita Lal, bem como os seus pais na sua encarnação anterior. "Os meus pais estão mortos", diz ela. "A última vez que estive em Muttra decidi que nunca mais a visitaria. Deixei uma vida para trás lá, uma vida que perdi, mas se desejar eu acompanhá-lo-ei."

O encontro com Kedar Nath

Mathura, o equivalente indiano de Belém, fica a cerca de 150 a 200 quilómetros a sul de Deli e é um importante local de peregrinação. O comboio entra lentamente na estação ferroviária de Muttra. Estamos na Cidade Santa, a cidade de Krishna, a Mathura de Shanti Devi Mathur. Shanti Devi está de volta à cidade Real, nas ruas bem conhecidas. Ela vê as silhuetas dos templos. É a Muttra dos sonhos. Os portões sagrados da torre do relógio erguem o seu marco bem conhecido agora como no passado. Quando chegamos a Mathura, a primeira coisa que fazemos é visitar a loja de Kedar Nath Chaubey.

Lá somos recebidos por Naunita Lal, filho de Lugdi Devi. É um jovem bem constituído com um bigode bem aparado que cumprimenta educadamente a sua mãe. Convida-nos a entrar e apresenta-nos o seu filho, o "neto" de Shanti Devi. Shanti Devi fala de forma natural e sem afectação com o seu filho, precisamente como se tivesse sido a sua mãe real. Talvez Naunita Lal seja um pouco menos respeitoso para com ela do que deveria ser segundo o conceito indiano. Afinal de contas, ambos têm a mesma idade. Quaisquer que sejam os sentimentos que nutram um pelo outro no íntimo, certamente não os mostram. Depois, um homem idoso aproxima-se deles, vestindo um fato castanho. É o *Jeth* de Shanti Devi, o irmão mais velho de Kedar Nath. Quando ele nos deixa após algum tempo, aparece o próprio Kedar Nath, um brâmane digno vestido de preto. Considerando que tem cerca de 60 anos, parece surpreendentemente jovem. "Este é o meu marido da minha vida anterior", diz Shanti Devi. O orgulho dela é óbvio. Ela olha para Kedar Nath Chaubey com olhos brilhantes. Também não se pode confundir o brilho nos olhos de Kedar Nath.

Tenho a sensação peculiar de que nenhum deles se percepciona de forma totalmente realista. Aos olhos de Shanti Devi, Kedar Nath ainda é um homem jovem, e para Kedar Nath, Shanti Devi ainda é a sua amada esposa falecida. Duas pessoas que se encontram novamente após uma longa separação. Falam um com o outro em vozes baixas, em hindi. "Não vens aqui muitas vezes, Shanti Devi", diz ele. "Não respondeste às minhas cartas." Ele ri-se, algo embaraçado, e observa Shanti Devi, que sente as lágrimas virem-lhe aos olhos quando ele olha para ela.

“Não, por favor não chores outra vez”, diz ele. “Já ambos chorámos o suficiente. O nosso karma já é suficientemente pesado para carregar.

Shanti Devi, não gostarias de ir para casa comigo, para a casa que Lugdi e eu partilhámos?” Shanti Devi acena com a cabeça em aprovação. A casa está pintada de branco e tem alguns entrançados ornamentais pendurados sobre as janelas e portas. O interior está bastante degradado. Bebemos chá forte com especiarias e Kedar Nath conta-nos o que aconteceu desde a última vez que se encontraram. Depois, mostra-nos a casa. Kedar Nath apresenta-nos a sua esposa, uma senhora num sari de cor vermelho-fogo. Também somos apresentados à sua nora, a esposa de Naunita Lal. Ela parece que preferia escapar de tudo aquilo.

Ela vê Shanti Devi como a sua sogra e não é apropriado sentar-se ao lado da sogra, explica Kedar Nath. Por fim, atravessamos um corredor estreito e saímos para o muito discutido pátio onde Lugdi Devi costumava sentar-se a polir a prata enquanto esperava que o marido chegasse a casa. Também me é permitido ver o poço que foi fechado e que foi uma das provas mais cruciais que demonstrou que a história de Lugdi/Shanti Devi é verdadeira.

Ele envelheceu

Quando estamos prestes a deixar Muttra, somos acompanhados à estação por Kedar Nath, Naunita Lal e alguns outros familiares do passado de Shanti Devi. O comboio está atrasado e sentamo-nos durante algum tempo na sala de espera. Kedar Nath e Shanti Devi não escondem o facto de estarem profundamente afectados pelo encontro um com o outro. Kedar Nath está profundamente comovido. Os seus olhos estão cheios de lágrimas. A sua mão procura a de Shanti Devi. “Quem sabe se nos voltaremos a encontrar”, diz Kedar Nath com um suspiro. “O tempo passa tão depressa e estou a começar a ficar velho. É uma tragédia nunca podermos ter a nossa felicidade de volta.”

“Gostaria, talvez, que a Shanti Devi ficasse consigo?”, pergunto eu. “É esse o seu desejo secreto?” “Não tenho o direito de expressar tal desejo”, diz Kedar Nath. “Estou casado com outra mulher. Shanti Devi é jovem e solteira. Fui infiel a Lugdi Devi e quebrei o meu juramento. Senti na altura que tinha agido sensatamente. No entanto, tenho ponderado muito sobre isso e agora percebo que agi de forma tola. Tudo teria sido diferente se eu não tivesse quebrado a minha promessa.” “Ele quebrou a promessa que me fez no meu leito de morte”, diz Shanti Devi. “Ele prometeu-me então que nunca voltaria a casar.

Fez-me essa promessa sob juramento. Fê-lo voluntariamente. Eu não lho exigi.” “Quando quebrei a minha promessa, pensei que era um homem nos melhores anos da minha vida”, diz Kedar Nath. “Como poderia eu saber que Lugdi Devi voltaria de novo? Ela prometeu-me, claro...” “O que é que ela lhe prometeu?” “Ela prometeu que nos veríamos novamente. Prometeu-me em nome de Krishna. Como poderia eu saber que tais coisas podem realmente acontecer? Tenho-me arrependido profundamente, mas o que posso fazer? Pedi-lhe que me perdoasse e peço-lhe mais uma vez.” “Eu perdoo-te”, diz Shanti Devi.

O relacionamento deles é realmente um dos mais estranhos que se possa imaginar. Duas pessoas que estão tão perto uma da outra e, no entanto, ao mesmo tempo tão longe uma da outra, tão ligadas pelo amor e por reminiscências mútuas e, contudo, tão separadas por mundos diferentes e pela passagem do tempo. "Senti o amor mais caloroso e ardente por Lugdi Devi. Ela era tão bela e afetuosa quanto era boa e gentil. Poucos homens tiveram uma mulher com tantas boas qualidades como ela tinha. Ela satisfazia os meus desejos antes mesmo de eu ter tido tempo de os proferir. Lugdi Devi era profundamente religiosa e, nesse aspeto, estava muito mais avançada do que eu. Ela tinha lido os livros sagrados e praticava ioga. Senti imenso a falta dela quando ela me deixou." Kedar Nath suspira e ninguém pode confundir a sinceridade das suas palavras. É bem verdade que não é bom para nós lembrarmo-nos das nossas encarnações anteriores.

Que agonia, que conflitos nos são poupados por estarmos protegidos pelo véu misericordioso e reconciliador do esquecimento. Shanti Devi teve de pagar um preço alto. O mesmo aconteceu com Kedar Nath e outros próximos dela. Shanti Devi acena a Kedar Nath, que ainda está de pé na plataforma, sozinho e desanimado. Quando ele se vira para ir embora, parece curvado e cansado. Shanti Devi olha fixamente atrás dele. "Ele envelheceu", sussurra ela. As lágrimas correm-lhe lentamente pelas faces enquanto ela está junto à janela e vê Muttra desaparecer na bruma da noite.

Tive de voltar à Terra

Durante as semanas seguintes, Shanti Devi e eu encontramo-nos todos os dias. Ela também me permite conhecer os seus dois professores de filosofia, Narsingh Guru Maha e Maitri Deviji. "É tão experiente, passou por tanta coisa. Ensina?", indago eu. "Sempre quis ser professora, mas ainda não avancei para esse nível", responde Shanti Devi. "No entanto, tenho agora as chaves de vários segredos bem guardados. O caminho de Maitri Deviji é o *bhakti yoga*, a oração e a devoção sincera. Era o caminho de Lugdi Devi e é o meu também. Lugdi Devi aprendeu este grande segredo com o Mestre Yogiraja. Foi ele quem a guiou através da experiência da morte." "O que é que ela fez?", pergunto eu. "Ou melhor, como é que o fez?" "Não sei se lhe posso contar isso", responde Shanti Devi. "Tenho de perguntar primeiro à Santa Mãe.

Se ela disser que lhe posso contar, então fá-lo-ei. É o maior de todos os segredos. Aquilo que nos redime quando morremos." "Gostaria que viajássemos juntos para a cidade onde morreu como Lugdi Devi", digo-lhe eu. "Gostaria de ver o hospital Lady Lyall." Shanti Devi dá um sorriso melancólico. "Eu não estava morta quando o meu corpo fez a sua última viagem de Agra para Muttra. Morri em Muttra pouco antes de o meu corpo ser cremado e de as cinzas serem espalhadas sobre o Rio Sagrado. Simplesmente não consigo falar sobre isso. O pensamento deixa-me tão deprimida." "Tem de o fazer", insisto eu. "Na parte cristã do mundo, algumas pessoas acreditam em espíritos e fantasmas. Outras acreditam que o corpo humano apodrece e se transforma em pó e, mais tarde, após milhões de anos, é despertado para a vida no último dia do juízo final. Muitos acreditam que não há qualquer

forma de vida ou consciência após a morte. Acreditam que a morte é a obliteração final e irrevogável de toda a vida. Algumas pessoas acreditam no céu, outras na terra dos mortos, e outras no inferno.

Muitos prefeririam nem sequer pensar nisso. Aproveite ao máximo a única vida que tem, dizem eles, e esforce-se por ganhar o máximo de dinheiro possível e realizar o máximo possível em vida. Não se atrevem a pensar muito nestes assuntos." "O céu está dentro de nós", diz Shanti Devi. "Quando uma pessoa se desenvolve, adquire também maior conhecimento, uma melhor compreensão do Divino. Krishna é o aspeto Divino que eu abraço. Ele é o Salvador que pode ser alcançado através da oração e da fé." "Deveria viajar para o estrangeiro e permitir que as pessoas a conhecessem", digo eu. "Porque não casar e ter filhos e uma família?" "Não compreende que não posso fazer isso?

Não posso casar-me enquanto Kedar Nath ainda estiver vivo. Se ele não conseguiu cumprir a promessa que me fez no meu leito de morte, isso é uma coisa. Não o culpo; mas eu tomei a minha decisão." "Talvez encontre alguém. O amor muda tudo. Transforma as coisas. Talvez a libertasse do fardo do passado?" "Não encontrei ninguém", responde Shanti Devi. "Acredito que é melhor amar a todos do que a uma pessoa em particular."

O objetivo do homem

Na manhã seguinte, viajamos para Agra, que não fica longe de Mathura. O pai e o irmão de Shanti Devi acompanham-nos. Foi em Agra que Lugdi Devi viveu a conclusão da sua vida terrena. Foi também aqui que o período entre ambas as encarnações começou. O que nos interessa agora saber são as suas memórias do período no estado fora-do-corpo entre as encarnações de Lugdi Devi e Shanti Devi. Agra é uma cidade relativamente moderna. O monumento principal que representa a grandeza do passado é o Taj Mahal, construído em mármore branco. É habitualmente chamado a oitava maravilha do mundo.

O Taj Mahal foi construído no século XVII pelo Xá Jahan como memorial para a sua amada esposa Mumtaz Mahal. O que se pode dizer sobre este sonho branco em mármore que ainda não tenha sido dito? É o único edifício verdadeiramente magnífico que alguma vez vi que é tão sedutor e tão impressionantemente belo como o seu equivalente retratado nas brochuras turísticas. Ninguém pode possivelmente ficar desapontado com o Taj Mahal. Na atmosfera, na quietude ensolarada, ainda vive a memória de um grande amor além das palavras. Como ele deve ter amado a sua Mumtaz Mahal! O hospital Lady Lyall é um grande edifício cinzento-esbranquiçado. Shanti Devi aponta para cima, para uma janela. "Eu estava no quarto lá em cima.

Foi lá que dei à luz o meu filho; onde também morri. Lembro-me de que estava extremamente fraca. A maior parte do tempo estava em transe. Um dia ouvi uma enfermeira dizer: 'Deu à luz um filho, Lugdi Devi!' Quão feliz eu fiquei, mas sabia ao mesmo tempo que tinha de morrer. Senti-o em todo o meu corpo — embora tenha lutado contra isso com toda a força que me restava. Naunita Lal nasceu a 25 de

setembro de 1925." "Era natural que não quisesse morrer sendo tão jovem." "Rezei a Krishna sem cessar da forma que me tinham ensinado. Não era uma oração normal. Era um mantra que conduz uma pessoa através do estado de morte quando esta perdeu o seu corpo. Como eu queria viver e ficar onde estava na Terra ao mesmo tempo!

Cometi um grande erro. Se eu não tivesse desejado tão desesperadamente voltar, não teria precisado de encarnar novamente, mas teria sido reunida com Brahma e teria tido a vida eterna." Lugdi Devi nasceu a 18 de janeiro de 1902 e morreu no hospital em Agra a 4 de outubro de 1925, às 10 horas da manhã. Tinha 23 anos. Pouco depois, no Taj Mahal, Shanti Devi continua a falar sobre a morte de Lugdi Devi. "O objetivo da humanidade não é ter mais encarnações", diz ela. "É, em vez disso, ser libertado da força da Terra, evitar novas encarnações.

Quando se viveu centenas de vidas, ou talvez milhares, então deve-se estar maduro o suficiente para ser final e permanentemente reunido com o Divino." "Existem várias formas pelas quais o objetivo pode ser alcançado — ser libertado da reencarnação. Uma delas é o método do mantra. O mantra é um tipo de oração, mas não no sentido ocidental. Repete-se continuamente o nome de Deus de uma forma especial, até que ele preencha toda a consciência, todos os pensamentos. "Pratiquei a repetição do nome sagrado, o nome de Krishna, primeiro várias horas todos os dias, depois cada vez mais até o repetir dia e noite, cada minuto sem interrupção. Eventualmente, o mantra entrou em pleno efeito. Estava comigo todo o tempo. A oração cresceu e cresceu, eu já nem precisava de pensar nela. Então, uma grande mudança teve lugar." "O que aconteceu?" "Fui transformada, tornei-me incrivelmente feliz.

Não era capaz de pensar de forma imoral e egoísta mesmo que quisesse. Fui preenchida com um sentido de força espiritual e crença. Krishna tornou-se parte do meu ser. Vivia apenas para ele; respirava o seu nome; o meu pulso cantava o seu nome. Krishna estava no meu coração, literalmente. Eu era forte e feliz. Não dava ouvidos a nada que fosse baixo."

Morremos gradualmente

"Eu jazia ali no hospital Lady Lyall e repetia o nome de Krishna. Sabia que tinha de morrer, no entanto, agarrava-me à vida. Quando uma pessoa se agarra à vida desesperadamente dessa forma, a vida agarra-se a ela. Cinco dias antes da minha morte, o meu professor apareceu. Aconselhou-me a preparar-me para a morte. A partir desse momento, ninguém foi autorizado a ver-me de novo, nem a minha mãe, nem mesmo Kedar Nath.

Eu queria estar sozinha. Não havia dor que me pudesse impedir de repetir o nome de Krishna." "Mas quando perdia a consciência, conseguia continuar a repetir o nome sagrado?" "Sim, conseguia, porque preenchia toda a minha mente inconsciente, porque se tinha tornado parte de mim mesma. Ao mesmo tempo, aliviava-me de toda a ansiedade." "Não morremos subitamente, mas gradualmente", diz Shanti Devi. "Os diferentes centros de energia do corpo (chakras) deixam de

funcionar numa certa ordem. A morte começa por baixo. O frio sobe lentamente. O coração tem de trabalhar muito mais até ser a única coisa que parece estar viva.

Depois, a respiração para. Mas mesmo quando o coração deixou de funcionar, ainda resta vida no cérebro, no centro que é chamado o terceiro olho. Aqui existe um órgão sensorial superior que torna possível ser capaz de ver sem olhos e ouvir sem ouvidos. A consciência permanece aqui durante bastante tempo." "Durante quanto tempo?" "Isso depende da intensidade com que a pessoa se agarrou à vida terrena. É perfeitamente possível que aquele que morreu nem sequer tenha consciência de que morreu. Então é um choque terrível para ele quando percebe que está sem o seu corpo!

No entanto, não há nada que possa fazer. A libertação vem apenas quando a energia vital deixa o corpo e flui para os centros de poder que estão no exterior e em redor da cabeça. Algo sobre o qual só temos uma ideia vaga aqui na Terra. "Tornou-se gradualmente escuro. Senti o frio subir por todo o lado em mim. Pensei: Agora estou morta. Senti-me incrivelmente cansada e não me conseguia mexer. Quis gritar, mas não consegui. Não tinha qualquer dor.

O meu coração tinha parado de bater, mas ainda havia algum movimento do meu sangue; um certo ritmo. Lentamente, muito lentamente, comecei a ouvir o nome de Krishna como se fosse através do marulhar de uma queda de água. Era eu própria que continuava a pronunciar o seu nome mesmo depois da morte. É a isto que chamo a primeira parte da morte."

Lembro-me do meu funeral

"Os médicos vieram e certificaram que estava morta?" "Sim, um médico e uma enfermeira, o meu marido e a minha mãe. Todos estavam com o coração partido. O meu marido abraçou o meu corpo e quis beijar a minha boca, mas o médico impediu-o. Foi decidido que levariam imediatamente o meu corpo e que este seria transportado para Muttra, onde seria queimado e as cinzas espalhadas sobre o rio." "Estava consciente do que estava a acontecer durante todo o tempo? Viu-se a si própria e aos outros?" "Estava consciente, mas não conseguia ver da forma habitual. Apenas sabia.

A minha vida e consciência estavam agora contidas dentro do *ajna-chakra* (o terceiro olho). O terceiro olho não pode ser visto numa chapa de raios-X, mas existe uma glândula lá. A vida retira-se para lá. Os homens santos da Índia, desde tempos antigos, compreenderam como a alma entra no corpo e até como parte dele, através dos chamados canais secretos. A saída de partida também não pode ser descoberta com a ajuda de um raio-X, mas coincide com um órgão no topo da cabeça." "É chamada a glândula pineal.

É neste órgão em particular que Descartes acreditava que a alma residia", comento eu. "A força vital ou energia, o Atman, permanece lá até ser libertado", diz Shanti Devi. "A palavra alma é demasiado vaga. O Atman deixa o coração e continua para o terceiro olho e, por fim, chega ao topo da cabeça, onde deixa o corpo

para sempre. Enquanto o Atman estiver ainda confinado ao terceiro olho, sente-se o que está a acontecer. Embora eu estivesse ainda dentro do meu corpo, conseguia, de alguma forma estranha, percepcioná-lo do exterior. Embora não tivesse ideia de tempo ou espaço. "Depois, estava de volta a Muttra, na casa onde tinha vivido. Depois, fui levada para a margem do rio. Foi lá que deixei o meu corpo para sempre antes de ser queimado.

No entanto, eu estava de alguma forma ciente do que estava a acontecer. "O meu corpo foi envolto em seda e linho e foi carregado numa liteira feita de canas de bambu. Estava coberto de flores. Kedar Nath acendeu a lenha para o fogo com a ajuda de um vaso sagrado. O Sacerdote deu a sua bênção e os meus familiares caminharam em redor da pira funerária com os rostos voltados para o outro lado. Já não estava ciente do que estava a acontecer. Não tinha outras perceções, além da de uma luz brilhante infinita..."

"Esta foi a segunda morte. Eu tinha chegado a um novo estágio. Tinha sido conduzida a um outro estado de consciência. Não havia trevas nem luz, nem dia nem noite, nem espaço nem tempo. Era apenas um novo estado de consciência."

Todo o universo estava dentro de mim

"Já não tinha quaisquer recordações do seu corpo?" "Não, eu estava livre e tinha encolhido. Era tão pequenina, quase como uma partícula minúscula de pó, como uma pena, quase inexistente. Era como se eu fosse um gérmen que flutuava, aqui e ali. No entanto, tudo tinha lugar dentro de mim. Tudo estava dentro de mim. Todo o universo estava dentro de mim. "Contudo, algo estava em constante movimento, como um vento. Era um fluxo de luz cinzento-prateado que se inclinava para a frente e para trás. Estava morto mas vivo ao mesmo tempo. Era um ritmo, como se alguém estivesse a respirar, e eu continuava a repetir o nome de Krishna.

Todas as minhas encarnações estavam contidas dentro deste minúsculo gérmen. "Havia tantas pessoas à minha volta ali que esperavam para ser purificadas dos seus pecados e eu era uma delas. Representavam todas as religiões e todas as raças. Não havia diferença entre nós." "Era esse o lugar que é habitualmente chamado a terra dos mortos?" "Não era um lugar. Tudo estava dentro de mim. O meu anseio, a minha crença, o meu amor, o meu horror; estava tudo em diferentes níveis dentro de mim. Eu queria progredir para cima, melhorar, ascender mais alto... Recebi ajuda. Vi Krishna como o tinha visto anteriormente, maravilhoso e perdoador... Não, ainda maior, ainda mais perdoador." "Reconheceu alguém ali? Alguém que tivesse morrido?" "Havia tantos rostos, tantos seres. Senti que os conhecia." "Tinha a sensação de que estava no espaço?" "Não havia sol, nem lua, nem Terra. Apenas este suave brilho prateado de luz que estava em constante movimento, comparável a um suspiro ténue.

Seres de luz desapareciam e novos apareciam. Estávamos todos ligados uns aos outros. Estávamos unidos por uma espécie de feixes radiantes de ligação. Éramos como um só. Se apenas percebêssemos quão proximamente estamos ligados, nunca seríamos capazes de nos magoar uns aos outros. Somos todos parentes através

do karma. O nosso destino está entrelaçado através do karma. É apenas após a morte que podemos verdadeiramente perceber a ligação que fomos incapazes de compreender ou que negligenciámos ao longo das nossas vidas. Quando alguém faz algo de bom, todos beneficiam com isso. No entanto, se alguém faz algo de terrível, todos sofrem.

Nem sempre é percetível imediatamente, mas mais cedo ou mais tarde alcança-nos. “Existem seres altamente avançados e inferiores, ou como quer que se lhes possa chamar. Estão em diferentes níveis, mas parecia-me que tudo irradiava de um centro comum, estacionário e imutável. Havia um sol central, que eu não conseguia ver, mas apenas sentir de alguma forma.” “Tinha alguma ideia de quanto tempo esteve nesse estado de consciência?” “Nem o tempo nem o espaço existiam. Parecia estar a flutuar até que dei por mim a agarrar-me a algo, entalada entre algo. Era na verdade no útero, mas eu não conseguia compreendê-lo na altura.

Não tinha pensamentos, nem palavras, nem conceito mundano com que comparar. Tinha sido condenada a reencarnar. Ainda não estava suficientemente desenvolvida espiritualmente para ser reunida com Deus, Brahma. Tinha de voltar à Terra para ganhar novas experiências.” “Eu não estava suficientemente vazia,” diz Shanti Devi. “Vazia?” “Sim, eu tinha tantos desejos e anseios; estava tão pesada que não conseguia elevar-me. Eu queria voltar à Terra.” “Lembrou-se da sua existência como Lugdi Devi?” “Todas as minhas memórias regressaram de forma concentrada. Tinha um anseio tremendo de ser mulher novamente, de ser uma pessoa, uma mãe e esposa.” “No entanto, foi em vão. Nunca mais poderia ser a esposa de Kedar Nath.” “Eu não sabia disso na altura.” “Pode explicar por que razão você, logo você, de entre todas as pessoas, conseguiu lembrar-se da sua encarnação anterior e da sua existência entre as suas reencarnações?” “Não sei,” responde Shanti Devi. “Talvez porque fui capaz de repetir o nome de Krishna durante tanto tempo. É a única explicação que lhe posso dar. Eu estava quase... tinha quase alcançado um estado de eterna bem-aventurança e salvação. Estava quase livre.” Sentamo-nos em silêncio.

Penso no profundo significado daquilo que Shanti Devi me contou. A sua história sobre as suas experiências durante o período da morte não tem, naturalmente, qualquer valor como prova. É subjetiva; não houve testemunhas. O que aconteceu após o nascimento de Shanti Devi, por outro lado, foi provado objetivamente. Todas as suas declarações foram consideradas absolutamente corretas. Por que não haveriam as suas recordações do período entre as suas reencarnações de ser igualmente verdadeiras, credíveis e genuínas? Seja você o juiz!

Reencarnei para acalmar os meus anseios

Shanti Devi e eu estivemos, mais uma vez, sentados durante horas sem interrupção e falámos um com o outro. A sua humildade perante as suas experiências invulgares torna a sua história ainda mais credível. Não existe terra dos mortos, penso para comigo. Nem o Inferno de Dante, nem paraíso, nem inferno. Tudo o que experienciamos é apenas um estado de consciência. Este assunto é o

mais delicado, o mais subtil e, ao mesmo tempo, o mais importante de todos. Ninguém pode ser libertado dele, ninguém pode fugir dele. Assola-nos a todos, felizes e infelizes, ricos e pobres, sábios assim como tolos.

O que tem então Lugdi Devi/Shanti Devi para nos ensinar? Irá o seu exemplo inspirar-nos com esperança onde palavras e cerimónias já não têm qualquer significado? Irá mostrar-nos algo novo ou, pelo contrário, despertar um conhecimento antigo que se perdeu porque esquecemos o seu significado? Pessoas boas, pessoas inspiradas, pessoas religiosas repetiram a sua convicção de que existe uma vida interior e uma vida após a morte — e têm falado continuamente para ouvidos moucos! No entanto, por que continuaram ao longo das eras? Por que não se calaram? "O que todos querem alcançar é a felicidade máxima, a bem-aventurança mais exaltada. Aprendeu um dos métodos usados para alcançar uma união duradoura com o Divino, mas não foi bem-sucedida. Foi forçada a reencarnar." "Cometi um erro," responde Shanti Devi. "Estava demasiado ansiosa por voltar à terra novamente." "Que poder foi esse que a forçou a voltar?" "Foi o anseio de ver o meu filho e um desejo por Kedar Nath. Talvez o meu anseio de ver o meu filho tenha sido o factor mais poderoso. Eu estava apenas a desejar voltar e estava cheia de amor; no entanto, é inteiramente correto sentir amor." "Amava mais Kedar Nath do que amava Krishna?" "Todas as memórias da minha vida na Terra regressaram.

Vi Kedar Nath. Vi-me como noiva. Ouvi a sua voz. Lembrei-me da casa amarela. Tudo voltou a mim como se eu ainda estivesse na Terra. Queria ser a esposa de Kedar Nath novamente. As memórias das minhas experiências na Terra lançaram-se sobre mim. Era como se em encarnação após encarnação eu tivesse encontrado um homem que me lembrava Kedar Nath. Como se eu tivesse amado incessantemente Kedar Nath e que ele me fosse ser arrancado. No entanto, eu tinha-o encontrado, parecia possuí-lo cada vez mais de cada vez e ele acabou por se tornar o meu marido."

O meu anseio trouxe-me de volta

"Quer dizer que os mesmos motivos básicos, o mesmo tema básico regressa sempre nas nossas reencarnações? Que voltamos sempre para aqueles que amamos? Que não podemos fugir daqueles que odiamos? Que tanto a felicidade como a infelicidade nos regressam?" "Sim, esse é o meu entendimento. Temos as mesmas oportunidades entregues a nós vezes sem conta. Depois depende de quão bem nos desenvolvemos. Se aprendemos com as nossas experiências e nos tornámos melhores seres humanos. Se melhorámos, então as nossas oportunidades também se tornam mais abundantes." "Se não soubesse que era Lugdi Devi, mas tivesse apenas nascido e vivido uma vida normal como Shanti Devi, talvez se tivesse casado com um homem que lhe lembrasse Kedar Nath, sem compreender a razão secreta?

Tê-lo-ia apenas encontrado. Poderá ser esta talvez a explicação para o porquê de nos sentirmos atraídos por certos indivíduos e por que sentimos amor à primeira vista? Nem aqueles que amam nem aqueles que odeiam podem ser separados pela

morte." "O ódio não existe realmente," diz Shanti Devi. "É mais uma questão de falta de amor, um vácuo que tem de ser preenchido. A melhor forma de ajudar os outros é amar." "Amava Kedar Nath. Amava o seu filho. Então deve ter agido da maneira correta?" "O meu amor era egoísta. Era ganancioso e exigente. Tinha sede e fome de Kedar Nath. Fiz exigências ao meu filho, exigências aos meus mais próximos e queridos. Era desejo num nível baixo, egoísta. A melhor prova de que se ama verdadeiramente alguém é poder permitir que ele ou ela se separe de nós sem sentir amargura. Caso contrário, é apenas egoísmo. "Eu ainda me amava a mim própria mesmo quando estava morta.

Portanto, tive de experienciar o terceiro estágio da morte, a reencarnação. Se eu me tivesse concentrado em Krishna e continuasse a repetir o seu nome, então a minha consciência não teria tido lugar para o desejo ou para qualquer outra coisa que não o bom, o exaltado e o sagrado. Então a voz, a minha própria voz do meu próprio subconsciente teria repetido o nome de Krishna o tempo todo. Mas agora havia tantas outras vozes das minhas vidas passadas, vozes que eu tinha amado, vozes que eu exigia ouvir de novo. Essa foi a razão pela qual não ouvi mais o nome de Krishna. Então aconteceu."

Há vida em tudo

"O que aconteceu? Foi puxada para o útero?" "Sim, exatamente como tinha acontecido em todas as vezes anteriores. Tornei-me mais forte em cada encarnação, mais independente e uma pessoa melhor. No entanto, ainda não estava suficientemente desenvolvida. Por isso, tive de voltar. A vida e o desenvolvimento da consciência progridem de nível para nível, de forma para forma." "Quer dizer que há vida mesmo numa pedra, na terra?" "Sim, uma espécie de vida adormecida, inconsciente. Energia retida. É este tipo de energia que é explorada de todas as formas possíveis: como eletricidade, como energia atómica e por aí adiante. Uma pedra não é consciente e, portanto, só pode efetuar certas mudanças rítmicas.

Uma planta começa a ter algum tipo de consciência vaga, muito vaga. Um animal tem instintos e é muito mais consciente, mas é incapaz de compreender qualquer ligação. Um ser humano sabe e pode perceber e influenciar diferentes situações. Ele ou ela pode pensar, perguntar e explicar. No entanto, a maioria dos seres humanos ainda não sabe quem realmente é." "No ocidente, as pessoas falam vagamente sobre a alma sem compreenderem ou admitirem que a alma é composta por uma série de diferentes órgãos. Não têm nomes para eles. Não conseguem pensar sobre eles ou compreendê-los, e isso é lamentável. Os indianos preservaram este conhecimento." "Os ocidentais sentem-se perseguidos e correm à pressa. Querem ganhar dinheiro, querem comprar felicidade e comprar amor. Querem pagar por tudo. Não se atrevem a acreditar que o céu está dentro deles. Descartam assuntos espirituais com desprezo, indiferença ou ridículo. É muito lamentável e deplorável."

Experienciei o meu nascimento

Sentamo-nos em silêncio por um momento e depois Shanti Devi continua a falar sobre as suas experiências durante o último estágio antes do seu nascimento. “Quando fui puxada para o útero, a luz desapareceu. Foi como se tivesse sido forçada para uma cela estreita e escura. O meu sentido de tempo e espaço voltou para mim. Estava escuro e quente, e eu estava muito incomodada por um cheiro repugnante e insalubre. Era um fedor tão terrível que dominava tudo.” “Então o nosso sentido do olfato é o primeiro sentido a regressar?” “Sim, o sentido do olfato é a última coisa a deixar uma pessoa quando ela morre e a primeira a voltar quando ela nasce de novo.

É seguido pela audição. É por essa ordem que os sentidos se desenvolveram nos seres humanos e nos animais desde o início dos tempos. “No útero eu estava cega e surda, como disse, mas tinha o sentido do olfato no início. Mesmo este desapareceu cedo e depois fiquei sem impressões sensoriais. No entanto, conseguia sentir algo que era como dor ou felicidade. Reagia como a minha mãe reagia, mas não me lembro de nenhuns detalhes sobre isto. “Eventualmente, fui puxada para fora sob uma dor enorme. Ao mesmo tempo, tornei-me livre.

Os meus sentidos começaram a expandir-se, eu estava reencarnada. No entanto, memórias das minhas experiências durante o estado de morte voltaram para mim. Abri os olhos e estava absolutamente quieta. Chorei baixinho para mim mesma sem saber porquê. “Depois comecei a lembrar-me de Kedar Nath e da minha casa em Muttra e de mim própria como Lugdi Devi. Não conseguia compreender que não era Lugdi Devi, quem eu deveria ter sido. Eventualmente percebi que sou tanto Lugdi Devi como Shanti Devi. Que Shanti Devi é a próxima forma de desenvolvimento de Lugdi Devi.”

Tudo é um

O crepúsculo cai. O Taj Mahal, o palácio de mármore incrivelmente belo, é banhado pelo luar. Uma carruagem a cavalo leva-nos de volta à cidade. “Nunca contei a mais ninguém o que lhe contei agora,” diz Shanti Devi. “Só você tem a minha completa confiança. Sei que me compreende.” Em Agra, visitamos a bela irmã de Shanti Devi, Har Pyari, e o seu marido, Lateh Bahadur. Vivem numa casa que é semelhante a um bungalow. É um lugar encantador, talvez um pouco primitivo para os padrões ocidentais, mas muito agradável. No pátio aberto, as crianças da família brincam.

Os mais pequenos estão loucamente encantados por terem vindo tantos convidados visitar. Rang Bahadur está tão feliz por poder brincar com os seus netos, que não via há muito tempo. Chegámos a tempo do jantar. O anfitrião vai buscar um jarro de água para que todos possam lavar as mãos antes da refeição. As irmãs levam os pratos apetitosos para o pátio, onde comemos numa mesa lindamente posta. A noite aproxima-se. Sou convidado a ficar para passar a noite.

Antes da hora de dormir, Shanti Devi e eu vamos dar um passeio pelos campos ali perto e temos a oportunidade de falar um pouco mais. Ela conta-me que, juntamente com alguns amigos, constituiu uma organização que tem membros em Deli e Calcutá. O propósito é espalhar o conhecimento sobre a reencarnação. Torna-se escuro e todos vão para a cama. É-me dado o melhor quarto da casa, com a melhor cama.

Deito-me na cama e observo como os raios da lua acariciam uma imagem de Krishna que está de pé num nicho na parede. Penso que todos os seres humanos estão ligados uns aos outros — na vida e na morte. Acredito que todos os seres humanos, animais, a natureza, o tempo, o espaço... tudo faz parte de um todo, que tudo está unido, que tudo pertence um ao outro.

Trinta anos depois

A história sobre Shanti Devi que acabou de ler foi escrita há mais de trinta anos. Durante o tempo que passou, Shanti Devi e eu mantivemos uma correspondência intensiva um com o outro. Chegámos mesmo a encontrar-nos novamente em pessoa em Deli.

Ela é extremamente bem-conhecida

Deli é quente, frenética, suja — e bela. No meio do enxame de pessoas, deveria ser virtualmente impossível encontrar a casa de Shanti Devi em Chirakhana, uma parte antiga, colorida, odorífera e apinhada da Velha Deli. No entanto, não é nada difícil. A primeira pessoa com quem falo, um cavalheiro de meia-idade bem vestido, sabe onde ela mora. Ele pede a um homem mais jovem para me mostrar o caminho. Caminhamos depressa. Estou realmente ansioso por encontrar Shanti Devi novamente. “Ela é extremamente bem-conhecida, todos sabem quem ela é”, diz o meu guia. Em breve chegamos à casa de Shanti Devi, que, à maneira indiana, é mais aberta do que fechada. Pode-se simplesmente entrar. Nem sequer é necessário bater à porta.

Avisto Shanti Devi à distância. Ela está sentada numa poltrona a ler um livro. Sempre achei que ela é muito bonita. A sua maturidade apenas enfatiza essa impressão. No entanto, ela parece tão juvenil. Não a avisei de que viria vê-la hoje. Ela vira a cabeça; não fica surpreendida ao ver-me. Os seus olhos refletem um olhar caloroso de reconhecimento quando me descobre. “Shanti Devi!” “*Namash te, shri* Sture. Eu sabia que viria.” “Hoje?” “Claro, hoje!” Ela saúda-me com a antiga palavra indiana “*shri*” para me honrar. Rimo-nos e estamos felizes por estarmos juntos novamente.

Sinto-me sobrecarregado por um momento com a sensação de estar na casa de uma das mulheres mais notáveis do mundo, que atraiu tamanha atenção mundialmente. “A minha mãe, Prem Pyari, morreu. Causou-nos uma grande dor. Ela estava gravemente doente, mas recebeu ajuda de Krishna.” “Ainda acredita tão fortemente em Krishna como costumava acreditar?” “Naturalmente. Vejo-o como

um clarão de luz." "Interessa-se pelo Cristianismo?" "Sim, e pelo Islão e pelo Parsismo também. Ensino Sânscrito que, para os Hindus, é tanto uma religião como uma filosofia. Ensino maioritariamente filosofia, pois é a coisa mais importante para todos nós. "Só estou interessada na verdade", diz Shanti Devi. "A verdade que une todas as religiões e que nos conduz a Deus."

Kedar Nath morreu

Rang Bahadur, que agora é chamado Babu, entra na sala. Ele já não trabalha. Agora passa a maior parte do tempo a cuidar da casa. Ele reconhece-me e acolhe-me amavelmente. Pai e filha ajudam-se mutuamente a colocar sobre a mesa pão *chapati* acabado de cozer e *raita alu* e outras iguarias que cheiram deliciosamente. Falamos sobre amigos que temos em comum. "Kedar Nath morreu", diz Rang Bahadur. "Como se sente em relação a Kedar Nath após todos estes anos?", pergunto a Shanti Devi. "A relação entre Lugdi Devi e Kedar Nath talvez não tenha sido tão romântica como Lugdi Devi supôs que fosse. Kedar Nath era bastante exigente no que tocava a questões financeiras. O pai de Lugdi Devi ficou quase arruinado depois de reunir dinheiro suficiente para o dote.

E nunca esquecerei aquelas 150 rupias que Kedar Nath me tinha prometido que ofereceria como sacrifício a Krishna, mas que, em vez disso, usou para pagar o meu funeral. "No entanto, ele não era absolutamente uma pessoa maldosa", continua ela. "Além disso, foi livre vontade de Lugdi Devi casar com ele; e ele amava-a realmente." Para sobremesa segue-se *rasgulla*, uma iguaria praticamente desconhecida no Ocidente, que só pode ser descrita como uma espécie de fruta artificial feita de leite, mel e limões. O *rasgulla* consegue calar eficazmente a conversa mais envolvente e excitante.

Shanti Devi ensina

É noite quando Shanti Devi e eu seguimos caminho pela cidade num táxi aberto. Arrefeceu um pouco. O ar está preenchido com fragrâncias de especiarias. A Velha Deli é como um labirinto, um caos de detritos de velhas ruínas, velhas muralhas parcialmente a desmoronar-se, partes de arcos abobadados, minaretes, caminhos que não se sabe de onde vieram originalmente ou para onde levam. Por todo o lado há enxames de pessoas de todos os tipos, vendedores de rua, mendigos, inválidos, mulheres elegantemente vestidas.

Uma parte tecida multicolorida do tecido do karma. Shanti Devi fala de forma envolvente sobre o seu *ashram*, que está agora a ser construído com a ajuda de trabalhadores voluntários. Após vários dias de tempo intensivo passado juntos, visitamos o local de construção. Falamos muito sobre a visão dela e sobre o seu ensino. "Existe apenas um Deus, mas ele tem muitos nomes. Em todo o lado, no Rig Veda e nos outros livros Veda, diz-se explicitamente que existe apenas um Deus.

Deus é um e o mesmo na Ásia e na Europa, no seu país como no meu, na minha religião como na sua. O Hinduísmo é, consequentemente, uma religião monoteísta. Deus aparece em diferentes formas apenas para tornar mais fácil para

nós compreendermos os seus muitos aspetos diferentes. Os sábios percebem-no como uma força ou fenómeno abstrato, enquanto todos os outros querem provas mais concretas.

Acreditam que ele é como uma pessoa, um príncipe ou um herói, e pintam quadros dele e retratam-no com todas as características que acreditam pertencer-lhe. Quanto mais primitiva é a compreensão de Deus, menos sofisticada é a conceção. Consideramos que a adoração de Ídolos é apenas temporária." Shanti Devi profere uma curta palestra para mim. Ela é uma pessoa extremamente inteligente e madura, mas ainda tem algo da ludicidade de uma criança nela.

Ainda estou à espera

Chegou a noite em que devo deixar Deli. Shanti Devi e eu caminhamos juntos junto ao Jumna, o rio sagrado de Krishna. Falamos sobre as suas experiências únicas e sobre o significado que elas tiveram para o seu desenvolvimento pessoal e crescimento como ser humano. "Na verdade, nada aconteceu", diz Shanti Devi com um sorriso. "Ainda estou à espera."

O caso de Shanti Devi

Esforcei-me por dar uma imagem tão verdadeira e viva quanto possível do que tinha acontecido no "caso de Shanti Devi", como é habitualmente chamado. Este é o caso de reencarnação mais conhecido e mais bem documentado no mundo nos tempos modernos. Também tentei de alguma forma caracterizar as personagens principais no drama relativo a Shanti Devi. São todos pessoas normais, saudáveis e inteligentes. Mas, claro, têm um contexto cultural diferente do nosso no Ocidente. A minha investigação terminou, o relatório está escrito. É aqui que a história sobre Shanti poderia acabar. Mas escolho, nos parágrafos curtos que se seguem, enfatizar os elos mais importantes na cadeia que provam definitivamente que Lugdi Devi reencarnou como Shanti Devi.

1. As reminiscências de Shanti Devi foram notadas pela primeira vez quando ela tinha apenas quatro anos. Antes dessa altura, ela quase não tinha contacto verbal com aqueles que a rodeavam.
2. Desde o início, Shanti Devi falou várias palavras e expressões dialetais que não eram compreendidas pelos seus familiares e nem sequer eram por eles conhecidas, mas que eram bem conhecidas e típicas da cidade de Mathura (Muttra). Os familiares de Shanti Devi não tiveram qualquer oportunidade de lhe ensinar estas palavras. Nem quaisquer pessoas que falassem ou soubessem deste dialeto tinham tido qualquer contacto com Shanti Devi.

3. Desde o início, Shanti Devi explicou que era membro de uma família Brâmane. Aludiu a circunstâncias sob as quais vive uma família Brâmane e às quais disse estar habituada. Os seus pais pertenciam a outro grupo. A menina de quatro anos não poderia possivelmente saber detalhes relativos aos Brâmanes e aos seus hábitos.

4. Já desde a idade de quatro anos, Shanti Devi estava preparada para viajar para Muttra (Mathura). Muttra era o lugar que ela sentia ser o seu lar. Expressou este desejo não só aos seus pais, mas até a vizinhos, por exemplo ao advogado Tara Chand Mathur.

5. Influenciada como estava pela apreensão social de Lugdi Devi, Shanti Devi não queria revelar a identidade do seu marido a ninguém, nem mesmo aos seus pais. Foi apenas quando lhe prometeram que seria autorizada a viajar para Muttra e a conhecer o seu marido da sua encarnação anterior que ela revelou o nome dele.

6. Os últimos pensamentos conscientes de Lugdi Devi centraram-se em Krishna, no seu nome e imagem, de acordo com o relato da própria Shanti Devi. Isto é credível quando se recorda a afirmação de Lugdi Devi à sua mãe no seu leito de morte. A primeira memória de Shanti Devi estava também associada a uma imagem de Krishna.

7. Nem uma única informação que Shanti Devi deu sobre as suas circunstâncias na sua vida anterior se mostrou incorreta. A casa amarela, por exemplo, que se verificou ser branca, tinha sido realmente amarela durante o tempo em que Lugdi Devi lá viveu. O poço no quintal e o esconderijo para o dinheiro não poderiam ter sido fantasiados ou comunicados por mais ninguém.

8. No primeiro encontro com o seu marido da sua vida anterior, Kedar Nath, ele declarou-se como sendo o seu irmão mais velho. Mas Shanti Devi não se deixou enganar facilmente. Ela soube imediatamente que estava perante o seu marido da sua encarnação anterior, o que mostra que o conhecia bem. Ela identificou inclusivamente de imediato o primo de Kedar Nath, Kanji Mai, quando o conheceu pela primeira vez. Ela não tinha ainda nove anos na altura.

9. O comportamento da criança Shanti Devi para com o seu marido, Kedar Nath, foi o de uma dona de casa indiana digna. Para com o seu filho, ela mostrou sentimentos maternais óbvios.

10. Shanti Devi deu ao seu marido da sua vida anterior respostas corretas sobre circunstâncias válidas na vida privada anterior dele e dela que mais ninguém além de Lugdi Devi poderia possivelmente saber.

11. Nada indica que Shanti Devi tenha sido sujeita a qualquer influência ou “ajuda” antes da viagem para Muttra. Na família indiana unida, as crianças são mais dependentes dos seus pais do que no Ocidente e o seu sentido de parentesco é mais forte. A menina Shanti Devi foi supervisionada o tempo todo pelos seus pais. Não há nada que sugira que ela possa ter sido de alguma forma hipnotizada ou influenciada.

12. Os pais de Shanti Devi nada fizeram para encorajar as suas reminiscências da sua vida anterior em Muttra. Pelo contrário, tentaram persuadi-la a esquecer estas memórias, de acordo com a conceção indiana de que uma criança pode sofrer severamente, até morrer, se se lembrar da sua vida anterior e entrar em contacto com pessoas que lhe eram estreitamente relacionadas na sua vida anterior.

13. Os seus pais não tomaram qualquer iniciativa para investigar a quantidade de verdade alegada na história da sua filha. Pelo contrário, foram totalmente contra isso, durante o máximo de tempo possível. Deram o seu consentimento apenas após forte pressão, de ninguém menos que o próprio Mahatma Gandhi.

14. O Comité de inquérito foi conduzido por três dos cidadãos mais altamente respeitados de Deli: Lala Deshbandu Gupta, o presidente da Associação de Editores Indianos, que era também Membro do Parlamento (M.P.), Neki Ram Sharma, M.P., e Tara Chand Mathur, um dos advogados mais proeminentes de Deli. É difícil acreditar que estas pessoas se tivessem comprometido num empreendimento que tivesse o mais ligeiro matiz de falsidade. A sua participação no comité de inquérito foi uma garantia de que a investigação foi realizada de forma imparcial e, de todos os pontos de vista, satisfatória. Todos os três tinham experiência em "investigações", cada um com o seu ponto de vista especial.

15. Cada minuto durante a visita a Muttra, Shanti Devi esteve sob cuidadosa supervisão, o que a impediu de receber instruções de quem quer que fosse.

16. Quando a menina conheceu a sua mãe da sua vida anterior, chamou a atenção para circunstâncias que não diziam respeito a mais ninguém senão à mãe e à sua filha Lugdi Devi — circunstâncias que Shanti Devi não poderia possivelmente saber de outra forma senão lembrando-se da sua vida anterior.

17. Durante a viagem para Muttra, bem como em ocasiões anteriores, todas as suas reações, tanto quanto se podia perceber, foram caracterizadas pela sinceridade. O comportamento da criança Shanti Devi em certas situações era o que normalmente se esperaria da mulher adulta Lugdi Devi. Isto reforça a impressão de autenticidade.

18. Um caso provado de reencarnação é uma ocorrência tão poderosa, mesmo na Índia, que poderia muito facilmente ter sido aproveitada financeiramente e explorada de várias formas pelos seus pais, se eles o tivessem desejado. Mas nada indica que tenham feito a mínima tentativa nessa direção.

    O caso de Shanti Devi não pode, portanto, ser o resultado de uma conspiração astuta onde o propósito visasse a obtenção de lucro, ou fosse usado para tirar vantagem de alguma forma.

19. A ideia da reencarnação é um dos fundamentos mais importantes na religião indiana e não pode ser encarada de ânimo leve. É, por conseguinte, fora de questão que qualquer uma das pessoas envolvidas no drama relativo a Shanti Devi se tivesse dignado a participar em qualquer tipo de engano.

20. A própria Shanti Devi é uma pessoa extremamente inteligente e cultivada, quer seja considerada de um ponto de vista indiano ou ocidental. Tendo em conta o seu historial religioso, ético e moral, é absolutamente impossível imaginar que ela participaria em qualquer forma de engano.

21. Devido à sua própria experiência pessoal, a reencarnação é até ao dia de hoje uma realidade óbvia para Shanti Devi. Ao longo de toda a sua vida, ela absteve-se de ganhos financeiros pessoais na divulgação da mensagem sobre as suas experiências. Ela considera ser o seu dever natural, a sua verdadeira vocação na vida, informar as pessoas sobre a lei do karma e da reencarnação, e fazê-lo gratuitamente.

22. Shanti Devi sempre se sentiu moralmente ligada pelo "seu" casamento com Kedar Nath Chaubey, embora este fizesse parte da sua vida como Lugdi Devi. De acordo com a conceção indiana, o dever de uma mulher é ser casada e dar à luz filhos, e as pessoas recordaram-na frequentemente disso. Mas ela não foi capaz de voltar a casar, pois ainda se considera casada com Kedar Nath.

    Isto dá um esboço da tremenda urgência e das poderosas influências ativas nas reminiscências de Shanti Devi e do efeito crucial que tiveram sobre a sua vida.

2

REENCARNAÇÃO E KARMA

A história pessoal de uma pessoa não começa com o corpo com o qual ela viu pela primeira vez a luz do dia. Também não termina com o corpo no qual ela morrerá.

A verdade é que viveremos de novo e morreremos de novo até que chegue o momento em que tenhamos cumprido o nosso destino supremo que nos trouxe à Terra. Enquanto um ser humano não tiver alcançado este propósito, por exemplo, o de estar permanentemente unido ao Divino, então não poderá evitar ser reencarnado. Isto é aplicável quer ele goste ou não, quer ame este mundo ou o odeie.

O facto de a maioria de nós não se lembrar das nossas vidas anteriores não é um argumento válido contra a reencarnação. Por vezes temos dificuldade em lembrar-nos do que fizemos há uma semana, para não mencionar o que aconteceu há um ano, ou há dez anos.

Contudo, não há ninguém que sequer pense que este estado de esquecimento muito normal deva provar que não estivemos presentes nessas ocasiões no passado. Nem ninguém com credibilidade comprovada pode afirmar que, apenas porque esquecemos as nossas encarnações anteriores, isso prova que nunca existimos na altura.

É muito mais sensato contemplar a razão para este esquecimento misericordioso. A resposta é, naturalmente, que devemos dedicar-nos à presente

encarnação com toda a nossa energia e concentração, sem nos deixarmos perturbar por memórias lamentáveis do passado.

Shanti Devi sustenta que temos de encarnar inúmeras vezes antes de sermos capazes de tirar proveito de todas as experiências necessárias que adquirimos, e finalmente sermos capazes de entrar numa união duradoura com Deus.

Movemo-nos de um corpo para outro, de uma reencarnação para a seguinte, e estamos a desenvolver-nos o tempo todo.

Uma questão importante é, obviamente, que tipo de poder é esse que torna possível sermos constantemente renascidos em novos corpos?

Shanti Devi dá duas respostas a esta pergunta, baseadas nas suas próprias experiências que tiveram lugar durante a sua morte.

O seu anseio intenso pelo seu filho e pelo seu marido, o seu anseio geral de viver, impeliu-a inexoravelmente em direção a uma reencarnação rápida — apesar do facto de ela querer ser reunida com Brahma, a Divindade. No entanto, o seu desejo de voltar à Terra foi mais forte. Ganhou controlo sobre ela.

Ela conta também que, durante a sua experiência de morte, sentiu um forte desejo de melhorar, de atingir uma maior perfeição pessoal. Esta vontade inerente de desenvolvimento constante também contribuiu para que ela fosse conduzida de volta ao processo de reencarnação.

A lei do karma

Com isso, a sua herança cármica latente começou a ser activada e a tomar forma na sua próxima encarnação: factores biológicos, tais como o corpo, em que família nasceria, o seu ambiente, etc., além de factores psicológicos como o temperamento, a atitude, os hábitos e a vida espiritual.

Todas as pessoas com quem falei em Muttra deixaram bem claro que Lugdi Devi tinha sido um ser quase santo através do seu desprendimento e das suas convicções religiosas.

Onde deveria tal pessoa renascer senão numa família que se caracterizasse por uma atmosfera espiritual semelhante? A sua mãe, Prem Pyari, era uma pessoa calorosamente religiosa. O seu pai, Rang Bahadur, era também religioso, embora num grau algo menor.

Neste lar havia uma compreensão e um encorajamento para o anseio sincero da pequena Shanti Devi por Deus. Neste ambiente, ela pôde, uma vez mais, retomar os fios do tempo de Lugdi Devi sem qualquer dificuldade e desenvolver mais os interesses religiosos que tinham sido tão pronunciados na sua encarnação anterior. Como mulher adulta, Shanti Devi amadureceu e tornou-se uma instrutora e professora competente e gentil para aqueles que se esforçam por procurar a perfeição.

Este é um exemplo claro e prático de como a lei do karma opera de vida para vida.

O karma é o princípio universal que se esforça constantemente por repor o equilíbrio perdido e a falta de harmonia. Na religião cristã fala-se de semear e colher — uma descrição muito bem fundamentada e verdadeira. Semear, neste caso, significa que nos herdamos a nós próprios, que nos tornamos "os nossos próprios filhos". Apenas o nosso corpo físico é herdado dos nossos pais.

O significado da lei do karma é que podemos colher os benefícios dos nossos pensamentos, sentimentos, atitudes, palavras e ações na nossa presente encarnação ou numa encarnação futura. É importante compreender que a lei de semear e colher está sempre a nosso favor. Oferece-nos constantemente novas possibilidades de crescer em experiência, visão e maturidade.

É um erro acreditar que o karma trata apenas de retribuição e punição por pecados cometidos. O oposto também é verdade, ou seja, que podemos desfrutar das consequências de pensamentos elevados e de um comportamento altruísta.

Shanti Devi fala sobre como a lei do karma torna possível termos experiências que nos ajudam a superar velhas fraquezas e a desenvolver também novos talentos.

Os factores que criam o karma são, primeiramente, pensamentos, sentimentos e desejos, mas também palavras e ações.

Os pensamentos são, naturalmente, os mais importantes porque as ações são criadas pelos pensamentos. Palavras e ações são pensamentos materializados.

A totalidade das nossas vidas passadas está dentro de nós. Cada evento na nossa vida atual é o resultado de uma série de ligações causais tanto da nossa presente encarnação como das anteriores. Aqueles que tiverem a coragem de pensar nisto até ao fim perceberão que as encarnações passadas influenciam as nossas vidas mais profundamente do que podemos imaginar ao princípio.

Shanti Devi enfatiza que o conhecimento da lei do karma nos guia para um amor genuíno por cada ser vivo.

"Os pensamentos que tens hoje caracterizarão o teu destino para sempre", diz ela.

As forças criativas da reencarnação

As experiências de Shanti Devi dão-nos uma visão extremamente valiosa sobre as forças que criam e controlam as nossas vidas — o que são e como aparecem de uma encarnação para a seguinte. Há, portanto, boas razões para elaborar mais sobre isto.

O desejo de viver. A força primordial inicial que nos conduz inexoravelmente de volta a novas vidas terrenas é o nosso anseio pela vida; a nossa sede de vida. É

uma questão de uma necessidade indomável de assumir uma forma física para que a consciência se possa desenvolver e realizar, juntamente com as suas possibilidades inerentes no plano físico. Enquanto esta sede primária de vida não tiver sido saciada (por uma união eterna com a Divindade), reencarnaremos em novos corpos. Tal como Shanti Devi, ansiamos incessantemente até àquele momento em que somos novamente capazes de vestir o nosso traje terreno e continuar onde parámos na nossa encarnação anterior.

O desejo de desenvolvimento pessoal e espiritual. Além da sede primária de vida, Shanti Devi pôde discernir um impulso estreitamente relacionado, mas claramente diferente: um desejo de continuar o seu desenvolvimento pessoal e espiritual. Este desejo contribuiu para a impelir em direção à nova encarnação. Aqui trata-se do desejo do ego de melhorar constantemente, de desenvolver continuamente novas competências e talentos, de dar mais passos em direção à perfeição. Este desejo de desenvolvimento é uma força motriz. O objetivo é que o ego atinja níveis cada vez mais altos na escada de desenvolvimento em forma de espiral. Este desenvolvimento tem dois lados: por um lado, o esforço do ego para adquirir um maior grau de proficiência e conhecimento sobre si próprio, sobre a sua própria psicologia (desenvolvimento pessoal); por outro lado, um anseio intensificado de ser capaz de viver em harmonia com a Divindade (desenvolvimento espiritual).

Karma. A terceira força poderosa que contribui para formar o nosso corpo e ambiente é a nossa herança pessoal e cármica. A totalidade das nossas vidas passadas está dentro de nós. O passado forma o presente. A nossa vida de hoje é o fruto dos pensamentos e ações de ontem. A nossa vida futura será formada pelos nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações atuais.

Ao analisar os seus pensamentos e ações atuais, terá uma boa ideia de como a sua próxima encarnação será formada. O indivíduo que compreende claramente o incrível poder criativo do pensamento não se atreve a entreter pensamentos negativos!

Estas são as três forças principais que conduzem à reencarnação e que determinam como a nova encarnação se desenvolverá: a nossa sede de vida, que nos impele para uma nova reencarnação, uma nova vida na Terra; o nosso desejo inerente de continuar a evoluir, que nos incita a lutar continuamente para atingir objetivos mais elevados; e, finalmente, a nossa herança cármica, que especifica as condições e pré-requisitos na nossa vida vindoura.

Reencarnação: uma perspetiva histórica

No passado, o ensino da reencarnação estava geralmente difundido por toda a parte na Ásia, África, América e Europa. Era até a religião das tribos primordiais da Austrália.

Quinhentos anos antes do nascimento de Cristo, o poeta grego Píndaro escreveu, por exemplo, que a alma é gradualmente purificada através do processo de ser reencarnada em diferentes corpos recém-criados.

Pitágoras explicou-o assim: "Após a morte, a alma entra na terra dos sem-corpo onde deve libertar-se de todas as suas faltas. Depois deve, mais uma vez, habitar um corpo e começar uma nova vida terrena. Esta será criada de uma forma que corresponda à natureza moral da alma."

No Fédon de Platão, Sócrates é citado dizendo: "O homem tem, desde tempos antigos, pensado ser perfeitamente possível que a alma, após ter deixado este mundo, desça ao submundo de onde parte gradualmente e regressa à vida. Desta forma, a alma vagueia da morte para o nascimento, da vida para uma nova vida... Vezes sem conta, a alma é chamada de volta à terra."

Plotino, o principal representante do Neoplatonismo, disse: "A alma passa por diferentes formas de existência. A nossa existência atual foi criada como resultado das nossas ações no passado."

Flávio Josefo, um historiador judeu, descreveu os Essénios como acreditando na reencarnação: "Eles são de opinião que os seus corpos são destruídos, pois a matéria de que os corpos são feitos não é permanente, mas que as suas almas continuam, salvas da morte pela misericórdia de Deus."

Pensa-se que os Essénios eram uma ordem de monges judeus de influência oriental. Eram pré-cristãos, mas tinham certos tipos de crenças e regras de disciplina que eram semelhantes ao que mais tarde foi praticado nos mosteiros cristãos.

Ovídio, um poeta romano, escreveu que o segredo do túmulo é também o segredo do berço: "Por que temer a morte? As almas não são suprimidas pelo poder da morte. Quando são libertadas da cobertura mortal que usam hoje, em breve regressarão numa nova forma corporal."

Os pais da igreja

Os pais da igreja cristã tinham geralmente as suas raízes na esfera cultural grega e acreditavam na reencarnação. Esta crença religiosa era aplicável, além disso, de acordo com S. Jerónimo, "à maior parte do Ocidente."

Orígenes, que viveu e trabalhou no século III, é considerado como tendo sido um dos pais da igreja mais importantes. Foi fortemente influenciado por Platão, que no diálogo Fédon descreveu inclusive o anseio da alma pelo renascimento como um anseio de amor.

Compare-se com a recordação de Shanti Devi da sua experiência de morte: que foi o seu anseio pelo seu filho e pelo seu marido que a impeliu de volta à vida na Terra.

O Papa Anastásio I escreveu sobre a crença na Reencarnação numa carta a Rufino, dizendo que "este conceito era geral entre os pais mais antigos."

Justino, o Mártir, observou que "aquele que reencarnou é incapaz de se lembrar da sua existência anterior."

A reencarnação era levada a sério por todas as seitas gnósticas e estas foram, durante algum tempo, mais numerosas do que qualquer outro grupo cristão.

A maioria dos primeiros cristãos acreditava nos ensinamentos da reencarnação.

Judeus, Romanos e Celtas

A teoria da reencarnação está intimamente ligada à filosofia mística judaica. No livro Zohar, que trata do judaísmo místico, diz-se (II, 142:46) "que aqueles que não cumpriram o seu destino são enviados de volta à vida para o completar." No Zohar também se descreve como indivíduos bíblicos regressam à vida na Terra para resolverem os seus assuntos, por exemplo, Abel e Benjamim.

Os romanos talvez tivessem sido informados sobre o segredo da reencarnação. Talvez através dos gregos, ou mesmo dos etruscos, de quem tinham obtido tantas outras coisas.

Eles podem ter recebido uma versão mais filosófica de Pitágoras que, de acordo com um rumor persistente, adquiriu o seu conhecimento sobre a reencarnação na Índia. Júlio César escreveu o seguinte no seu livro sobre a Guerra das Gálias:

“Os (Druidas) querem incutir-nos que é um dos seus princípios fundamentais que a alma não é destruída, mas apenas deixa um corpo para ir para outro. Isto resulta em serem impelidos a desenvolverem-se sem terem qualquer medo da morte.”

Quando Diodoro, um historiador grego, escreveu sobre os Celtas, enfatizou que os ensinamentos de Pitágoras eram predominantes entre eles.

“As suas almas são consideradas imortais. Tudo o que lhes pode acontecer, no máximo, é terem de viver durante um certo número de anos noutro corpo. Talvez esta seja a chave para a bem conhecida bravura celta.”

Citações da Bíblia

Várias citações bíblicas indicam que a crença na reencarnação, na altura em que Jesus apareceu na Terra, era geralmente aceite entre os Judeus. Aqui estão várias citações:

Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu, o Filho do homem, sou?” (Mateus 16:13). Os discípulos responderam: “Uns dizem que és João Baptista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas.”

Se não fosse pelo facto de a reencarnação ser geralmente aceite dentro da cultura judaica, Jesus dificilmente teria feito a pergunta dessa maneira. Observe-se que Jesus perguntou quem as pessoas acreditavam que ele era, não se ele tinha vivido antes. Ele deu como certo que todos sabiam sobre vidas anteriores.

Outra observação famosa (João 15:27) que é atribuída a Jesus é a seguinte: "E vós também dareis testemunho, porque estivestes comigo desde o princípio." O princípio deve ter aludido às primeiras palavras da Bíblia: "No princípio...". Tratava-se de um período de tempo bastante longo.

Noutra passagem (João 9:2), os discípulos perguntaram a Jesus: "Mestre, quem pecou, este homem ou os seus pais, para que nascesse cego?" A pergunta implica que, para os discípulos, era perfeitamente natural que o homem tivesse sido infligido com uma deficiência devido ao facto de ter pecado numa vida anterior. Não poderia ter acontecido na presente encarnação, pois ele era cego desde o nascimento.

S. Clemente de Alexandria afirmou que os ensinamentos da reencarnação tinham sido autorizados pelo próprio apóstolo Paulo. Numa carta aos Gálatas (Gálatas 6:7), Paulo diz: "Não vos enganeis; de Deus não se zomba: pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará."

Paulo sabia que tudo o que uma pessoa semeia durante uma vida terrena não pode possivelmente ser colhido durante a mesma vida. Por vezes, os moinhos de Deus moem devagar. Os sucessores de Paulo, tanto quanto se sabe, nunca questionaram a Lei relativa ao semear e colher, ou a Lei das consequências, como também é chamada.

No entanto, até ao dia de hoje, aparentemente ignorou-se o facto de que o Karma e a Reencarnação são dois lados da mesma moeda. A reencarnação não é possível sem o karma e o karma não pode funcionar sem a reencarnação. Existem outros lugares no Novo Testamento, bem como no Antigo Testamento, que sugerem a reencarnação, mas são menos conhecidos.

Elias e João Baptista

O exemplo principal da Bíblia relativo à verdade da reencarnação é claramente mostrado pelo próprio Jesus. O Antigo Testamento e o Novo Testamento unem-se de uma maneira extremamente interessante no que toca ao profeta Elias que, de acordo com o relato no Antigo Testamento (II Reis 2:11), "subiu ao céu num redemoinho num carro de fogo". O Antigo Testamento conclui com a seguinte profecia: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias..." (Malaquias 4:5).

O Novo Testamento atribui grande importância à questão relativa ao renascimento de Elias e, consequentemente, abordou o assunto em vários lugares: Em Lucas (1:17) fala-se do "espírito e poder de Elias", que no corpo de João Baptista viria adiante do Senhor. No Evangelho segundo São Marcos (Marcos 9:11), os discípulos perguntam: "Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?". Jesus responde-lhes que Elias viria de facto primeiro para restaurar todas as coisas (Marcos 9:12).

Em Mateus (17:12), Jesus é citado dizendo: “Mas digo-vos que Elias já veio...”. “Então os discípulos entenderam que era de João Baptista que ele lhes falava” (Mateus 17:13). Em Mateus (11:14-15), Jesus é claro como cristal sobre a identidade anterior de João Baptista: “E, se quereis dar crédito, é este o ELIAS que havia de vir”. Ele acrescenta então, para que não restem dúvidas: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

Poderá dizer-se de forma mais clara? Jesus estabeleceu com estas palavras, de uma vez por todas, a verdade da reencarnação. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”.

Os ensinamentos da reencarnação, embora ainda rejeitados, são, no entanto, uma parte importante da herança cristã, uma pedra angular na conceção original do Cristianismo e uma base para a imagem original do Cristianismo em todo o mundo — de forma semelhante à crença na reencarnação que sempre existiu nas religiões orientais.

É importante verificar que a crença em vidas terrenas repetidas não está, de forma alguma, em conflito com os motivos cristãos centrais. É mais provável que o ensino da reencarnação reforce a mensagem cristã, tornando-a mais completa, mais genuína e mais credível. Muitos têm-se perguntado como é possível que Jesus, a figura central do Cristianismo, possa ainda ser negado e tão flagrantemente incompreendido pelos seus próprios seguidores, pelas suas próprias igrejas, relativamente a uma questão tão importante e fundamental sobre o que nos acontece quando morremos. É um enigma que permanece por resolver.

Os monges da Idade Média

Apesar da antiga crença na reencarnação em todo o mundo, os monges dos tempos medievais (600-1400 d.C.) conseguiram o feito de banir os ensinamentos da reencarnação. Mas é ainda mais notável que este dogma ainda exista após quase 1500 anos, e que seja levado a sério por pessoas na nossa era esclarecida.

Não foi possível abandonar de um só golpe a visão herdada e profundamente enraizada sobre a verdade do renascimento. Aconteceu por etapas e foi finalmente proibida através da condenação oficial do pai da igreja Orígenes pelo concílio ecuménico em Constantinopla no século VI.

Houve muita especulação sobre por que foi tão importante para a igreja forçar uma decisão que não só estava em conflito com as suas próprias raízes, contra o melhor julgamento dos seus próprios pais da igreja, mas também contra uma crença tradicional de muitos milhares de anos de todas as partes do Mundo.

Em meados do século VI, a igreja tinha conseguido tornar-se um factor poderoso no poderoso Império Romano do Oriente, que era governado pelo Imperador Justiniano. Uma hipótese que tem sido apresentada é que tal facilitou à igreja a prática do seu poder e o domínio sobre as pessoas. Se as pessoas não fizessem o que o padre dizia, eram ameaçadas com sofrimento eterno e condenação após esta única vida sobre a qual a igreja tinha tomado uma decisão. E tentá-las com

as delícias do Paraíso para todos os que seguissem as instruções sacerdotais sem levantar problemas, em vez de permitir que as pessoas aceitassem a total responsabilidade pelas suas vidas e ações.

No entanto, isto é naturalmente apenas especulação. Nunca saberemos que razões e considerações políticas, incluindo as do próprio Imperador, levaram a esta decisão. Uma decisão que teve consequências incalculáveis para os países do Ocidente e, por conseguinte, para todo o mundo. Independentemente de quais possam ter sido os motivos, eles pertencem agora ao passado. O Cristianismo é agora livre de regressar à crença dos pais da igreja.

O Papa tem o poder de mudar

Como resultado da forma como lidou com a questão da reencarnação, a igreja acumulou uma dívida cármica para com a humanidade. Isto ocorreu devido ao facto de primeiro ter ignorado, ou melhor, desafiado os ensinamentos explícitos de Jesus Cristo sobre o conhecimento antigo da reencarnação que são mencionados na Bíblia.

Este conhecimento antigo era acreditado por pessoas em todo o lado na Terra. A igreja continuou depois a induzir as pessoas em erro sobre esta questão existencial fundamental durante 15 séculos. São palavras fortes — mas verdadeiras.

O que pode então a igreja fazer para começar a pagar a sua dívida cármica? O Papa tem o poder, como nenhum outro ser humano, de influenciar e mudar os pensamentos de milhões de pessoas. Se ele admitir que a compreensão da igreja sobre a questão da reencarnação é incorreta, grandes coisas começarão a acontecer.

Além disso, ele pode, se desejar, pedir perdão à humanidade por todo o sofrimento que foi causado durante todos estes anos, tanto para indivíduos isolados como para a humanidade como um todo, devido à decisão da igreja que foi tomada na Idade Média. Este é, sem dúvida, o passo mais importante que a igreja pode dar na nossa era atual para contribuir para a melhoria do estado espiritual da humanidade. Tal iniciativa tornaria também mais fácil para outras organizações religiosas aventurarem-se a dar um passo equivalente.

A atitude em relação à questão da reencarnação constitui, cada vez mais, uma séria ameaça à credibilidade e ao futuro da igreja. Uma mudança será, por isso, com toda a probabilidade, concretizada.

A verdade sobre a reencarnação

Discutimos hoje as diferentes questões com seriedade e empenho. Os nossos pensamentos e emoções inquietos prendem-se em muitas coisas, tópicos grandes e pequenos. No entanto, há um assunto em que não nos atrevemos a tocar: o que nos acontece quando morremos?

Por que será que a maioria de nós recalca esta questão existencial fundamental? Por que não nos atrevemos a discuti-la tão abertamente como discutimos política e desporto, violência e sexo? A desculpa habitual é que é inútil especular sobre a questão, pois somos ignorantes em tais matérias, e que ninguém sabe nada sobre a morte e o que nos acontece depois.

Como todos os humanos morrem, não é nada com que nos devamos preocupar. O que tem de acontecer, acontece. Pensamentos móbidos sobre a morte apenas destroem aquela felicidade que a vida, apesar de todas as deceções que contém, tem para nos oferecer. A questão sobre a morte é demasiado séria. Exige demasiada responsabilidade pessoal para sermos capazes de lidar com ela.

É assim que as coisas continuam. Década após década, recalcamos — de uma forma ou de outra — a questão relativa à morte e ao que nos acontece depois. No entanto, eventualmente o problema alcança-nos inexoravelmente. É quando a morte se aproxima. Então, já não pode ser varrido para debaixo do tapete. Pela primeira vez na nossa vida, recebe prioridade máxima.

Três alternativas

Ao longo das eras, pensadores debateram-se com as questões existenciais. Muitos dos mais destacados estiveram convencidos da verdade da reencarnação. Outros pensaram nela como uma possibilidade.

Agora, tal como antes, existem principalmente três alternativas por onde escolher:

1. O corpo e a alma são uma unidade inseparável. Quando o corpo morre, a consciência é também obliterada. Não há sobrevivência sob qualquer forma. Apenas a aniquilação total. A vida que estamos agora a viver é a única vida que existe, e a única que alguma vez teremos.

2. O que lhe acontece desde o minuto em que morre até ao último dia do juízo final, não sabemos. Nem sabemos quando ocorre o dia do juízo final. Talvez daqui a vários milhões de anos? Então o corpo, que se transformou em pó ou cinzas, e a alma reúnem-se, erguem-se novamente e são julgados. O julgamento será ou uma sentença de sofrimento eterno no inferno ou de bem-aventurança eterna no Paraíso, de acordo com a forma como conseguiu conduzir a única e remota vida terrena que lhe foi concedida.

3. A consciência deixa o corpo após este ter deixado de funcionar. Passado algum tempo, sem ter tido contacto com qualquer corpo físico, a sua mente (que é o seu verdadeiro eu) reencarna num corpo novo e fresco. Uma outra vida terrena é iniciada, através da qual lhe é dada a possibilidade de criar novas experiências. A lei que diz "semeia e colherás" (karma) garante sempre que lhe seja dada uma nova oportunidade para reparar atos anteriores de negligência e erros que tenha cometido.

Com qual destas conceções consegue viver — e morrer? Qual sistema judicial divino é o mais credível e mais compatível com a atitude de um Deus todo misericordioso?

Os sistemas de justiça criados pelos seres humanos estão, na sua maioria, em harmonia com o terceiro ponto de vista. O criminoso que cumpriu a sua pena de castigo é libertado. É-lhe dada uma nova oportunidade.

As alternativas dois e três têm em comum o facto de se dar como certa algum tipo de continuação, de que a morte não é o fim — e que, mesmo por essa razão, há motivo para respeitarmos as leis e regras, e para respeitarmos a integridade de outros seres humanos e os seus direitos.

Após ler sobre Shanti Devi e as suas experiências de vida bem documentadas, deve ser extremamente difícil sustentar a credibilidade das alternativas um e dois. Aqueles que julgam criteriosamente rejeitá-las-ão a ambas como irracionais e indignas.

Responsabilidade pessoal

Quais podem ser então as consequências para o indivíduo, e para toda a nossa civilização, no dia em que os ensinamentos da reencarnação forem geralmente aceites mesmo no Ocidente? Quando, eventualmente, até os sacerdotes, igrejas e sociedades religiosas ocidentais se permitirem ser convertidos e convencidos sobre a verdade da reencarnação, e deixarem de se lhe opor.

As condições para a vida no nosso planeta estão a ser envenenadas, saqueadas e destruídas a uma velocidade tremenda em prol de ganhos a curto prazo. Isto apresentará, sem dúvida, consequências desastrosas no futuro se não forem tomadas medidas drásticas para mudar a nossa forma de pensar e agir.

O pensamento a curto prazo que as alternativas um e dois despertam e apoiam acelera, sem dúvida, a destruição do nosso ambiente e da Terra sobre a qual vivemos.

O que poderia possivelmente ser mais importante para cada ser humano hoje, na situação vulnerável em que a humanidade se encontra, do que tentar compreender o significado da vida e da morte? Estudar avidamente como a vida e a morte estão ligadas, como o nascimento e a morte (tal como o adormecer à noite e o acordar de manhã) são mudanças num ciclo contínuo, onde uma forma de vida segue a outra, tão certamente como o sono segue o estado de vigília.

A alternativa três (reencarnação) é conducente ao desenvolvimento de uma aceitação pessoal de responsabilidade a longo prazo, uma visão de um futuro que vai além da vida presente — e que não é apenas uma responsabilidade pelo nosso próprio futuro pessoal, mas pelo nosso planeta e por todo o universo.

A atitude natural seria que nós, no nosso próprio interesse, bem como nos interesses do todo, tentássemos de todo o coração compreender e prepararmo-nos para a transição que nos aguarda, e para a forma de vida livre de corpo que se segue.

Shanti Devi, pela sua própria existência e experiências de reencarnação em primeira mão, deu-nos a melhor inspiração e ajuda possível nesta matéria.

Medo da morte

Cada ser humano sabe, por experiência repetida, que o dia é seguido pela noite e que a noite é seguida pelo dia. Vamos para a cama à noite para dormir, sem qualquer hesitação, apesar de a nossa consciência ser extinta, apesar do facto de o mundo deixar de existir para nós, mesmo como uma ideia na nossa consciência. Como pode ser que nos sintamos tão plenamente confiantes?

A resposta é, naturalmente, que a experiência é constantemente repetida, que há sempre outra manhã. Isso cria confiança e segurança.

O que aconteceria se tivéssemos a mesma visão e convicção sobre o ciclo maior da vida e da morte? Perderia o pensamento da morte, então, o seu aguilhão e o seu medo paralisante? Entraríamos no estado de morte tão calma e confiantemente como fazemos à noite, quando entramos no sono profundo e sem sonhos?

Lugdi Devi entrou no estado de morte com esta segurança e abertura. Ela não tinha quaisquer dúvidas sobre o facto de que em breve reencarnaria. A morte foi, por isso, mais fácil de suportar para ela do que teria sido de outra forma.

Suicídio

Para pessoas que, por alguma razão, se encontraram num estado de desespero e agonia profundos, o suicídio pode parecer ser a única solução, a única via praticável para se verem livres dos seus problemas.

O que acontece a tal indivíduo?

O suicídio priva-o do seu corpo, mas não da sua identidade e consciência, nem das suas memórias, pensamentos e sentimentos. No seu estado sem corpo, ele irá, repetidamente, sem cessar, reviver aqueles pensamentos e sentimentos que precederam e desencadearam o trágico evento.

O corpo, o seu instrumento, que poderia tê-lo ajudado a compensar as suas falhas, foi-lhe retirado. Isto torna o seu tormento muito pior e muito mais difícil de suportar — multiplicado por muitas vezes. Isto, se algo o for, é o inferno do inferno.

A pessoa que cometeu suicídio é, numa encarnação subsequente, confrontada com uma situação semelhante àquela que desencadeou o suicídio. Pode custar-lhe muitas encarnações antes de conseguir libertar-se do fluxo devastador e negativo de pensamentos que outrora, talvez há muito tempo, levou ao primeiro suicídio.

A visão sobre a verdade da reencarnação evitou muitos suicídios — e, com isso, a angústia e a dor insuportáveis a que as pessoas que cometem suicídio, bem como os seus familiares mais próximos e queridos, estão sempre sujeitos.

A evidência única de Shanti Devi

Shanti Devi dedicou a sua vida aos estudos filosóficos e ao ensino.

Com a sua própria experiência de reencarnação em primeira mão como pano de fundo, ela revela, de forma convincente, que efeitos positivos a crença na reencarnação pode produzir.

Faremos um favor a nós próprios e a todos os outros se escrutinarmos e estudarmos de perto as experiências de vida de Shanti Devi, com uma mentalidade isenta de preconceitos, e considerarmos o seu significado. Não deixemos passar esta oportunidade!

Muitas pessoas têm afirmado que se lembram de vidas anteriores. Estas recordações têm certamente valor como prova, mas apenas para si próprias.

É diferente com Shanti Devi. No seu caso, o comité de inquérito realizou a sua investigação enquanto ela era ainda tão jovem que os membros da família e outras pessoas da sua vida anterior, de quem ela tinha falado e feito referência, podiam ser alcançados e entrevistados, e as suas declarações assim verificadas.

O valor da evidência no caso de Shanti Devi é, portanto, único. É tão poderoso e convincente que não pode ser ignorado por qualquer indivíduo que procure sinceramente a verdade.

O nosso verdadeiro lar

A conceção de tempo tem outro significado para o indivíduo que está convencido da verdade da reencarnação. Ele não sente que está limitado ao tempo do relógio como as outras pessoas estão. A sua conceção de tempo expande-se de uma forma libertadora.

Ele sabe, tal como Shanti Devi, que a sua verdadeira identidade é uma mente sem tempo e sem forma que vagueia de corpo em corpo, e cujo verdadeiro lar está além do tempo e do espaço, no agora eterno.

Cada reencarnação na Terra é por ele considerada como um passo necessário no desenvolvimento contínuo da sua consciência do ego. Esta mudança na sua conceção de tempo tem um efeito curativo sobre a sua vida e consciência. Ele deu um passo em frente e para mais perto do seu verdadeiro eu.

E, finalmente

Este livro sobre a minha amiga indiana Shanti Devi Mathur não é apenas uma história sobre um destino humano invulgarmente emocionante e um ser humano excecional. O livro tem também outro propósito, nomeadamente, estimular o leitor a refletir, contribuir para uma maior consciencialização e conhecimento sobre a lei do

karma e o significado dos ensinamentos da reencarnação: o que significam e quais são as consequências.

"Quanto mais aprendemos sobre o karma e a reencarnação, melhores são as probabilidades de sermos capazes de viver as nossas vidas de modo a não nos arrependermos depois do que fizemos", diz Shanti Devi.

Discuta as experiências de Shanti Devi. Compare a história dela com outros casos de reencarnação de que tenha ouvido falar. Esteja especialmente atento ao que as crianças têm para dizer. Elas regressaram à dimensão física há pouco tempo e podem ainda ter recordações distintas da sua encarnação anterior. Estas histórias podem ser de grande importância.

Talvez você mesmo tenha memórias de vidas anteriores? Não tenha medo de as contar. As suas experiências podem ajudar outros a ver as suas vidas sob uma nova luz, a ter uma compreensão mais verdadeira sobre a vida e o seu significado.

As mesmas regras de vida para todos

A experiência de reencarnação extremamente bem documentada de Shanti Devi é inestimável como guia para todos aqueles que procuram a verdade. Mostra que o nascimento não é o começo e que a morte não é o fim.

Agora que a reencarnação se mostrou real e provada para um indivíduo, Shanti Devi, então deve também ser verdade para todos os outros.

As mesmas regras de vida aplicam-se a todos.